

REVISTA

EDIÇÃO Nº 85 | JULHO DE 2022

# CONEXÃO LITERATURA

PORQUE AMAMOS LIVROS

## CONFIRA

Artigos, Resenhas  
Contos, Poemas, Crônicas,  
Entrevistas, Dicas de Livros e Muito Mais...



Conheça o novo romance  
Jornal em São Camilo da Maré,  
do autor Ademir Pascale - Pág. 09

# ÍNDICE

# CONTÉÚDO

Expediente, pág. 03

Editorial, pág. 04

Guido Guerra - Entre baionetas, libelos e letras, por Gilmar Duarte Rocha, pág. 06

Novo romance "Jornal em São Camilo da Maré" - Ademir Pascale, pág. 09

Poema: Até a eternidade acabar, por Roberto Schima, pág. 10

Dicas para leitura, pág. 11

Poema: Trajetos e Olhares, por Mirian Menezes de Oliveira, pág. 13

A pergunta do milhão, por Bert Jr., pág. 14

Poema: Ascensorial, por Bert Jr., pág. 18

A jornada do herói, pág. 19

Crônica/conto: Encantados, por Elidiomar Ribeiro da Silva, pág. 20

Poemas de Joaquim Cândido de Gouvêa, pág. 24

Devaneios de uma baiana, por Rita Queiroz, pág. 26

Poemas de Wanda Rop, pág. 29

Poemas de Denise Marinho, pág. 33

Cinema: Top Gun - Maverick, por Clayton Alexandre Zocarato, pág. 36

Poema: Chilliques no Chile, por Edmilson Clarindo, pág. 43

Lançamento: Diário de Otto Klein - Jaime Kopstein, pág. 46

Entrevista com Ana Maria Abrahão S. Oliveira, pág. 49

Entrevista com Cleiton Cunha, pág. 53

Entrevista com Gabriel Casagrande, pág. 57

Entrevista com Graziela Barduco, pág. 62

Entrevista com Edu Chamon, pág. 67

Entrevista com Heverson Souza e Costa, pág. 71

Entrevista com Luiz Cecanecchia, pág. 74

Entrevista com Sissa Maria, pág. 78

Entrevista com Newton James Ruiz, pág. 83

Citações de grandes autores, pág. 87

Conto: "O profeta", por Idicampos, pág. 92

Conto: "Velório", por Iraci José Marin, pág. 97

Conto: "O imperador e o poeta", por Ivete Rosa de Souza, pág. 100

Conto: "O retorno", por Mónica Palacios, pág. 104

Conto: "Núcleo incandescente", por Roberto Schima, pág. 107

Conto: "êxodo", por Ney Alencar, pág. 118

Conto: "O Deus-horror", por Ney Alencar, pág. 123

Conto: "O mistério do Morro da Penha", por Míriam Santiago, pág. 125

Saiba como divulgar, anunciar, patrocinar ou publicar na próxima edição da Revista Conexão Literatura, pág. 131





## NESTA EDIÇÃO

*Dicas para leitura*

*Entrevistas*

*Artigos*

*Poemas e Contos*

## CECÍLIA MEIRELES

"Liberdade é uma palavra que o sonho humano alimenta, não há ninguém que explique e ninguém que não entenda."

## FRIDA KAHLO

"Pode-se inventar verbos? Quero inventar um: Eu te céu, assim minhas asas se tornam enormes para te amar sem medidas."

## QUEM FAZ A REVISTA

### EXPEDIENTE

Ademir Pascale - Editor-Chefe - [ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com)

Elenir Alves - Assessora de Imprensa - [elenir@cranik.com](mailto:elenir@cranik.com)

### CONHEÇA NOSSOS COLUNISTAS/COLABORADORES DO SITE DA REVISTA

[www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/colaboradores.html](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/colaboradores.html)

### ISSN: 2448-1068

A Revista Conexão Literatura é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

### Para baixar nossas edições anteriores:

[www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html)

### Layout da capa, organização e arte: Ademir Pascale

Agradecimentos aos patrocinadores desta edição

### Para saber como anunciar, patrocinar ou participar da próxima edição da

Revista Conexão Literatura, acesse:

[www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html)

CONTATO:  [ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com) - c/ Ademir Pascale - Editor-Chefe

- SIGA NOSSAS REDES SOCIAIS -



conexaoliteratura



revistaconexaoliteratura



conexaonerd





Editor

Ademir  
Pascale

## EDITORIAL

Queridos leitores!

Nossa edição de julho chega recheada de ótimos poemas e contos, além de dicas de livros e entrevistas com escritores. O leitor também poderá conferir nas próximas páginas e baixar gratuitamente o meu novo romance *Jornal em São Camilo da Maré*, editado pela Mafra Editions.

Para saber como participar da nossa edição de agosto/2022, seja com conto, crônica, poema ou mesmo divulgar o seu livro ou editora: clique aqui.

Tenham uma ótima leitura!

*Ademir Pascale*

### CONTATO:

e-mail: [ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com)  
site: [www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)



atinja o seu público alvo

ESCRITOR(A)

# divulgue o seu livro

NAS EDIÇÕES DA

## Revista Conexão Literatura



**ENTRE EM CONTATO**  
[ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com)



# **GUIDO GUERRA - ENTRE BAIONETAS, LIBELOS E LETRAS**

**POR GILMAR DUARTE ROCHA**





**D**ias desses correndo os olhos pela minha humilde estante veio-me ao alcance das mãos um livro anoso, delgado, com lombada em visível estado de desgaste, e páginas flageladas pelo tempo. No dorso, o nome do autor que há tempo não mais ouvira falar: Guido Guerra.

A curiosidade abateu-me de imediato. O livrinho que sacava naquela hora era de um escritor que, volta e meia, estava sempre aprontando uma estripulia literária no tempo em que eu vivia na Bahia de São Salvador, principalmente nos anos turbulentos da época da primeira faculdade – período que compreendeu o ocaso da década de 70 e o princípio dos auspiciosos anos 80.

A obra que tinha em mãos, *O último salão grená*, não é o melhor e nem o mais famoso dos seus romances, mas tem indubitavelmente um valor incomensurável para mim: logo na primeira página está estampada uma singela dedicatória em meu nome e o famoso autógrafo/hieróglifo do engenhoso escrevinhador.

Clareou logo em minha mente a figura daquele pequeno grande homem, de aspecto frágil, abancado atrás da mesinha de autógrafos da Livraria Civilização Brasileira, com os ombros envergados, olhos fundos, sorriso tímido, óculos desproporcionais ao rosto delgado e apoiados sobre um imenso nariz de gaio. A fragilidade – no entanto – limitava-se ao aspecto: Guido era hercúleo no verbo e um titã na arte de traduzir em letras uma gama de mundos e criaturas, como bem citou no seu blog o jornalista Gutenberg.

Sua pena parecia uma metralha giratória, mormente na lide de vituperar os desvarios e incongruências do regime militar, temática essa que lhe custou mais de 17 inquéritos e um sem número de interpelações judiciais, e que lhe rendeu o rótulo de “papagaio devasso”, cunhado por Jorge Amado, e o codinome “língua de trapo”, cravado por Adonias Filho e outros amigos e literatos contemporâneos, talvez aí uma alusão ao nosso grande conterrâneo e arcadista, Gregório de Matos.

À parte os aborrecimentos e desatinos que o regime de exceção lhe causaram, muito mais pelo incômodo do talento do que pela afiação da língua, enxergo hoje a obra de Guido mais densa e profunda do que em tempos de antanho. Aliás, o tempo é realmente o grande mensurador do valor do legado de um artista. Franz Kafka, o checo que transpirava alemão, não fosse a oportuna interferência do amigo Max Brod, teria atirado ao fogo, verdadeiros diamantes literários por julgá-los sem verve nem maestria, como ele e muitos consideravam à época.

Pois bem: Guido Guerra, nascido em Santa Luz, alto sertão baiano, em 1943, era autor profícuo, criador de clássicos como *Lili Passeata*, *Quatro estrelas no pijama*, *Vila Nova da Rainha Doida*, *Vicente Celestino*, *o hóspede da tempestade*, dentre outros; ocupante da cátedra de número 5 da Academia Baiana de Letra (ABL); jornalista brilhante, tendo atuado nos principais periódicos soteropolitanos da época, e teodor de pérolas da prosa brasileira. Exempli gratia, a formatação *cutting edge* da estrutura do romance *Lili Passeata*, onde ele mescla elementos de descrição, narração, dissertação, diálogo, digressão, colagem e epístola, sem descaracterizar o produto final.



Enfim, quando devolvi o livrinho *O último salão grená* ao seu lugar de descanso na estante, empecei a pensar que havia olvidado de algo. Estaria meu caro Guido ainda nesta encarnação? Nunca mais ouvira falar do seu nome, como mencionei nas primeiras garatujas deste texto.

Acorrendo ao nosso cibernético e múltiplice Google®, vislumbrei com aperto no peito aquilo que o meu coração pressentia, mais que os meus olhos não assentiam: o mestre havia cruzado o tratado de Tordesilhas da vida há quase dez anos; numa triste quarta-feira do dia 7 de junho de 2006.

Se usasse o raciocínio lógico, teria inferido que, se o bardo estivesse no nosso plano, decerto a boca incendiária estaria a serviço das boas práticas democráticas, fosse qual fosse o meio de comunicação, expondo com coesão e clareza as suas ideias, misturadas com a picardia da autêntica pimenta malagueta da Bahia.

*Nota: As obras completas de Guido Guerra, publicadas em sua maioria pela Editora Record, estão disponíveis em diversos sites na internet.*



**Gilmar Duarte Rocha**, eleito para a Academia Brasileira de Letras, é autor de vários livros de ficção e uma obra de impressões de viagem. Atualmente exerce o cargo de diretor de Tesouraria da Associação Nacional de Escritores-ANE. Lançará o romance “O abençoado”, no segundo semestre de 2022.



# NOVO ROMANCE DE ADEMIR PASCALE



## Journal em São Paulo

Três jovens interligados vivenciam as feridas que nossa sociedade perpetua: violência, injustiça e bullying, numa comunidade carente do litoral de São Paulo

MAFRA  
ÉDITIONS

Três jovens interligados vivenciam as feridas que a nossa sociedade perpetua: violência, injustiça e bullying, numa comunidade carente do litoral de São Paulo, até encontrarem um ex-repórter de guerra que poderá mudar o rumo de suas vidas.

**BAIXE O E-BOOK GRATUITAMENTE: CLIQUE AQUI**

MAFRA EDITIONS  
REVISTA CONEXÃO LITERATURA



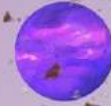


# ATÉ A ETERNIDADE ACABAR

Por Roberto Schima



Abrace a solidez  
de seu amor  
no aqui, no agora,  
pois ele é eterno;  
(eterno?)  
ao menos... por ora.  
Antes do evanescer,  
do evaporar,  
do se perder.  
Porque o amanhã  
cuidará de levar  
e até a poeira..  
(sim, até a poeira)  
... irá se dissipar.  
Ah, a ilusão ou o sonho  
de que algo, para sempre,  
poderia durar.  
Porque, malgrado, vivemos  
em um mundo,  
em um tempo,  
onde até a eternidade,  
um dia, irá acabar.



**Roberto Schima:** Paulistano e neto de japoneses nascido em 01/02/1961. Passei a infância imerso nos anos 60. Senti o clima de entusiasmo em relação a "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais. Colecionei gibis de terror. Desenhei inúmeros monstros. Assisti aos filmes da Hammer, desenhos da Hanna-Barbera, seriados de Irwin Allen, Jornada nas Estrelas, Ultraman etc. Li os pockets da série Trevo Negro de R. F. Lucchetti. Apavorei-me com o episódio O Monstro Invisível, de Jonny Quest. Fascinei-me pelo lirismo de Ray Bradbury ao ler uma adaptação em quadrinhos de seu conto "O Lago". Fui um garoto que amava os monstros: sobrenaturais, mitológicos, pré-históricos, abissais ou do espaço, incluindo as criaturas de Ray Harryhausen. Apavoravam-me, mas eram meus amigos. Agraciado com o Prêmio Jerônimo Monteiro, promovido pela Isaac Asimov Magazine (Ed. Record), pela história Como a Neve de Maio. As histórias Abismo do Tempo e O Quinto Cavaleiro foram contempladas pela revista digital Conexão Literatura, de Ademir Pascale, da qual tornei-me colaborador a partir do nº 37. O conto Ao Teu Dispor foi premiado na antologia Crocitar de Lenore (Ed. Morse). Escrevi: Limbographia, O Olhar de Hirosaki, Os Fantasmas de Vênus, Sob as Folhas do Ocaso, Cinza no Céu, Era uma Vez um Outono etc. Participei de cento e sessenta antologias até o momento. Contato: rschima@bol.com.br. Mais informações: Google ou nos links abaixo.

<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/search?q=schima>

[https://www.amazon.com.br/s?](https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&_mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb_sb_noss)

[k=%22roberto+schima%22&\\_mk\\_pt\\_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb\\_sb\\_noss](https://clubedeautores.com.br/livros/autores/roberto-schima)

<https://clubedeautores.com.br/livros/autores/roberto-schima>

<https://loja.uiclap.com/autor/roberto-schima/>

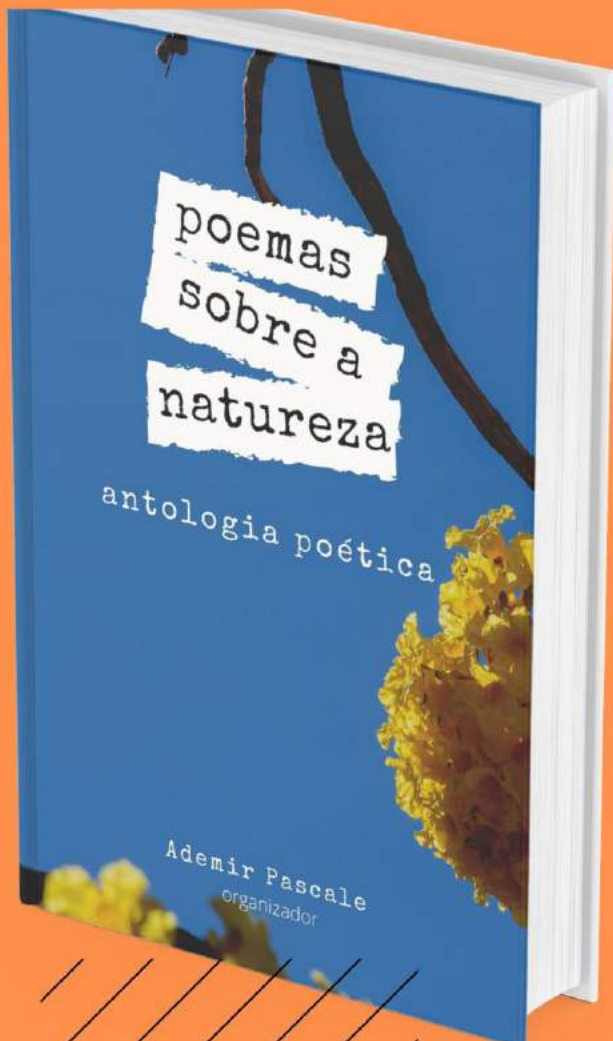
<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>





## DICAS PARA LEITURA

NO E-BOOK POEMAS SOBRE A NATUREZA, O LEITOR PODERÁ DESFRUTAR DE EXCELENTES TEXTOS INSPIRADOS PELA BELEZA DAS ÁRVORES, FLORES, MAR, ETC., COM ORGANIZAÇÃO DE ADEMIR PASCALE. O E-BOOK É GRATUITO E ESTÁ DISPONÍVEL NO SITE DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA: [WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR) E NO SITE DIVULGA LIVROS: [WWW.DIVULGALIVROS.ORG](http://WWW.DIVULGALIVROS.ORG).



A ARTE SE FAZ PRESENTE EM ÓTIMOS POEMAS ELABORADOS POR ALGUNS DOS MELHORES ESCRITORES NACIONAIS, COM ORGANIZAÇÃO DE ADEMIR PASCALE. O E-BOOK É GRATUITO E ESTÁ DISPONÍVEL NO SITE DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA: [WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR) E NO SITE DIVULGA LIVROS: [WWW.DIVULGALIVROS.ORG](http://WWW.DIVULGALIVROS.ORG).



# PACOTE

## DIVULGAÇÃO PARA ESCRITORES

DIVULGUE O SEU  
**LIVRO** CONOSCO

× × × ×  
× × × ×  
× × × ×  
× × × ×

- **DIVULGUE  
PARA + DE  
200 MIL  
LEITORES**

**R\$ 150**

[WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR)



- **ENTRE EM CONTATO:**
- **E-MAIL: ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM**



# TRAJETOS E OLHARES

## POR MIRIAN MENEZES DE OLIVEIRA

Diverso é o mesmo olhar,  
em caminho nada reto.  
Um trajeto irregular,  
entre flores e concreto.

Mil paisagens pra enxergar,  
num mesmo ponto discreto.  
Muita vida a contemplar,  
no que se vê e no “secreto”.

Talvez, não exista destino,  
pois tudo muda na estrada.  
Destino é tudo o que assino,

sem desprezar as pegadas!  
Destino é o próprio caminho  
de paisagens espalhadas.

MIRIAN MENEZES DE OLIVEIRA Mestre em Semiótica, Tecnologias de Informação e Educação – UBC – Mogi das Cruzes – SP. Especialista em Leitura e Produção de Textos – UNITAU – Taubaté – SP. Membro da REBRA – Rede de Escritoras Brasileiras e da A.C.I.M.A – MANDALA -Itália, tendo participado do XXXIII Salão Internacional do Livro de Turim (outubro de 2021), como colunista da Revista Bilingue ACIMA Itália (OBA) e coautora de Antologia. Membro efetivo e correspondente de diversas Academias e Instituições. Possui livros e participações em Antologias nacionais e internacionais, assim como poemas musicados em Projetos de Intercâmbio Cultural. Participou de Seminários e Congressos de Leitura e Literatura, com publicações de artigos. Seus livros infantis e de poesia circulam por Salões Internacionais de Livros, organizados pela ZL Books – Editora (New York, Portugal e, em 2021, Paris – França). É colunista e participa, com frequência, de publicações coletivas (e-books), em Revistas Eletrônicas de Literatura.



# A PERGUNTA DO MILHÃO

POR BERT JR.

Por volta de 1950, uma reunião ultrassecreta teria colocado um seleto grupo do alto escalão de segurança norte-americano, presidido pelo máximo governante da superpotência ocidental, frente a frente com lideranças das forças extraterrestres que monitoravam a Terra.



Por volta de 1950, uma reunião ultrassecreta teria colocado um seletivo grupo do alto escalão de segurança norte-americano, presidido pelo máximo governante da superpotência ocidental, frente a frente com lideranças das forças extraterrestres que monitoravam a Terra. Como todos sabem, as atividades alienígenas haviam aumentado muito, sobretudo após a detonação das bombas atômicas ao final da II Guerra Mundial. Avistamentos e casos de abdução tornavam-se cada vez mais frequentes. O episódio de Roswell, no Novo México, teria, por primeira vez, possibilitado a captura de seres extraterrestres, assim como a primeira identificação consistente de um objeto voador alienígena.

Naquela época, contudo, com a Informática ainda engatinhando, os técnicos e cientistas não conseguiam entender o funcionamento da geringonça voadora. A famosa “engenharia reversa” mostrava-se algo impossível de ser feito. Por outro lado, a alegada detenção dos tripulantes da nave haveria se convertido num trunfo, que os norte-americanos não tardariam a fazer valer ante os alienígenas, desesperados por resgatar os seus companheiros de missão.

Segundo supostos relatos vazados anonimamente, a reunião teria sido bastante tensa. Os alienígenas tentavam entender o que os humanos diziam e pretendiam. Eles procuraram estabelecer algum tipo de conexão telepática, mas não havia compatibilidade possível entre as ondas cerebrais emanadas de cada um dos lados da mesa. A certa altura, o governante norte-americano teria elevado a voz e dito:

— É o seguinte: podem abduzir, desde que não maltratem os nossos cidadãos e os devolvam, em boas condições, logo após os testes feitos a bordo. Não iremos perseguir nem atacar as suas naves. Além disso, restituiremos os seus companheiros em nosso poder. Só que, em troca, terão que nos ajudar a entender como raios funciona a tecnologia empregada nesses malditos discos voadores de vocês!

O resultado desse encontro permanece alvo de discussão. Um grupo acredita que um acordo teria sido alcançado, o que explicaria a aceleração verificada no desenvolvimento tecnológico nas décadas seguintes, inclusive no que se refere ao advento das viagens espaciais. Um segundo grupo acha que o encontro de fato ocorreu, mas não teria produzido nenhum resultado prático, seja pela impossibilidade de comunicação entre as partes, seja pela não aceitação dos termos negociados. Um terceiro grupo, o dos céticos, sustenta que o fenômeno da presença extraterrestre não passa de mistificação; portanto, uma reunião desse tipo jamais poderia ter acontecido.

De minha parte, acho fascinante o fenômeno dos OVNI's. Não só porque estimula a imaginação, fornecendo assunto para histórias fantásticas variadas, mas principalmente pelo que revela sobre nossos desejos, anseios e temores coletivos. Já conheci quem jura haver visto um objeto em forma de charuto (cubano?), flutuando numa zona campestre; ou deparou com uma esfera de brilho intenso, materializada em pleno dia, na rua de uma cidade, e que, logo após uma série de giros e lampejos, desapareceu tão misteriosamente como surgira.



A solidão cósmica parece consistir num problema e tanto. Não nos basta proliferar-nos em massa, gerar cerca de 8 bilhões de semelhantes para que transitem, roçando seus corpos, num mundo cada vez mais interligado. O valor, ou o sentido, da existência não muda de grau em função do aumento exorbitante da população planetária. Desejamos respostas, que talvez possam vir a ser transmitidas por membros de sociedades mais avançadas, civilizações alienígenas. Também, de certa forma, ansiamos por ser monitorados, acompanhados nos passos de nossa incerta evolução. Mesmo porque o nosso sucesso em dominar o planeta não nos torna mais convivíveis nem confiáveis, como bem o demonstram as guerras que nos fustigam repetidamente, em todos os séculos, inclusive no atual.

Então, como resistir a imaginar-nos monitorados por uma raça superior, que se comporta pacificamente, pacientemente? Seres que nunca puxaram uma arma, que jamais deram um tiro sequer. Que na maioria dos casos apenas se fazem notar, de modo esporádico, como quem diz: “Ei, estamos aqui, viu? Não deixaremos que incidam no erro grotesco da autoextinção.” Os muitos avistamentos de OVNI's junto a campos militares, inclusive a celeiros de armas nucleares, poderiam ser fortemente indicativos desse tipo de preocupação dos ET's, encerrando uma mensagem veladamente dissuasora sobre o uso da violência extrema.

Você fatalmente já se perguntou, ou irá se perguntar: por que raios uma civilização assim perderia tanto tempo em nos observar? A verdade é que ninguém sabe como funciona a medida de tempo para os alienígenas que alegadamente nos visitam, o que dependeria dos ciclos biológicos de sua espécie. Uma década nossa poderia equivaler a um dia, ou mesmo uma hora para eles, talvez até mesmo meros segundos. Portanto, o tempo perdido pelos ET's ao observar o curso da nossa história recente poderia ser ínfimo, irrisório. E não esqueçamos que o tempo possui um componente psicológico importante. Quando, por exemplo, dominamos a matéria do exame, o tempo de prova nos parece dilatado, mais que suficiente; quando não a dominamos, parece demasiado curto e insuficiente. Os alienígenas poderiam saber como tirar vantagem disso.

Outra pergunta: por que tantas abduções e tantos testes praticados em humanos? Se a tecnologia alienígena é tão mais avançada, não bastaria um mero punhado de testes para que obtivessem as informações necessárias sobre nós? A existência de diferentes grupos de alienígenas seria uma resposta possível, mas soa muito *Men In Black* para mim. Simplesmente, acho que os ET's poderiam muito bem saber que esse tipo de atividade nos ajuda a manter viva a sensação de interesse deles por nós. Se as abduções fossem descontinuadas, a humanidade perderia uma importante fonte de consolo para sua angústia existencial.

E, para terminar, a pergunta que vale um milhão: afinal, “eram, os deuses, astronautas?” Tiveram os alienígenas um papel motor na evolução da espécie humana? Descenderíamos deles, de alguma maneira, talvez como fruto de suas experiências genéticas? Se a história bíblica da criação do homem perdeu sustentação, ao menos no plano da literalidade, por outro lado a versão científica de que teríamos evoluído de criaturas simiescas primitivas, mais parecidas com macacos do que com os homens e

mulheres modernos, provoca resistências na maioria de nós, quer conscientes quer inconscientes. De novo, tornamo-nos presas fáceis para noções como a de que poderíamos ser o resultado calculado de um projeto de evolução conduzido por uma civilização extraterrestre avançada (reparando bem na humanidade, nem tão avançada assim).

Por isso, se eu pudesse ter estado presente naquela famosa reunião de 1950, teria feito aos *aliens* a pergunta milionária e esclarecido a questão de uma vez por todas. A resposta talvez chocasse tanto quanto a revelação de Darth Vader em *Guerra nas Estrelas*: “I am your father”.



**Bert Jr.** é gaúcho de Porto Alegre, onde viveu até os 26 anos. Depois de graduar-se em História pela UFRGS, formou-se em Diplomacia pelo Instituto Rio Branco, em Brasília. Sua experiência como diplomata já o levou a conhecer vários países. Estreou na ficção, em 2020, com *Fict-Essays e contos mais leves*. Em 2021, publicou o seu primeiro livro solo de poesia: *Eu canto o ípsilon E mais*. Acaba de lançar um segundo volume de contos, intitulado *Do Incisivo ao Canino* (ed. Versiprosa, 2022). Tenciona publicar, em breve, um segundo livro de poesia.



Instagram: @\_bertjunior. Site: [www.bertjr.com.br](http://www.bertjr.com.br).



# Ascensorial

Por Bert Jr.

subo  
pelos degraus  
do teu sorriso  
feito planta  
erguendo-se do deserto  
para os frutos seus  
entregar aos  
céus

Bert Jr. é gaúcho de Porto Alegre, onde viveu até os 26 anos. Depois de graduar-se em História pela UFRGS, formou-se em Diplomacia pelo Instituto Rio Branco, em Brasília. Sua experiência como diplomata já o levou a conhecer vários países. Estreou na ficção, em 2020, com Fict-Essays e contos mais leves. Em 2021, publicou o seu primeiro livro solo de poesia: *Eu canto o ípsilon E mais*. Acaba de lançar um segundo volume de contos, intitulado *Do Incisivo ao Canino* (ed. Versiprosa, 2022). Tenciona publicar, em breve, um segundo livro de poesia.

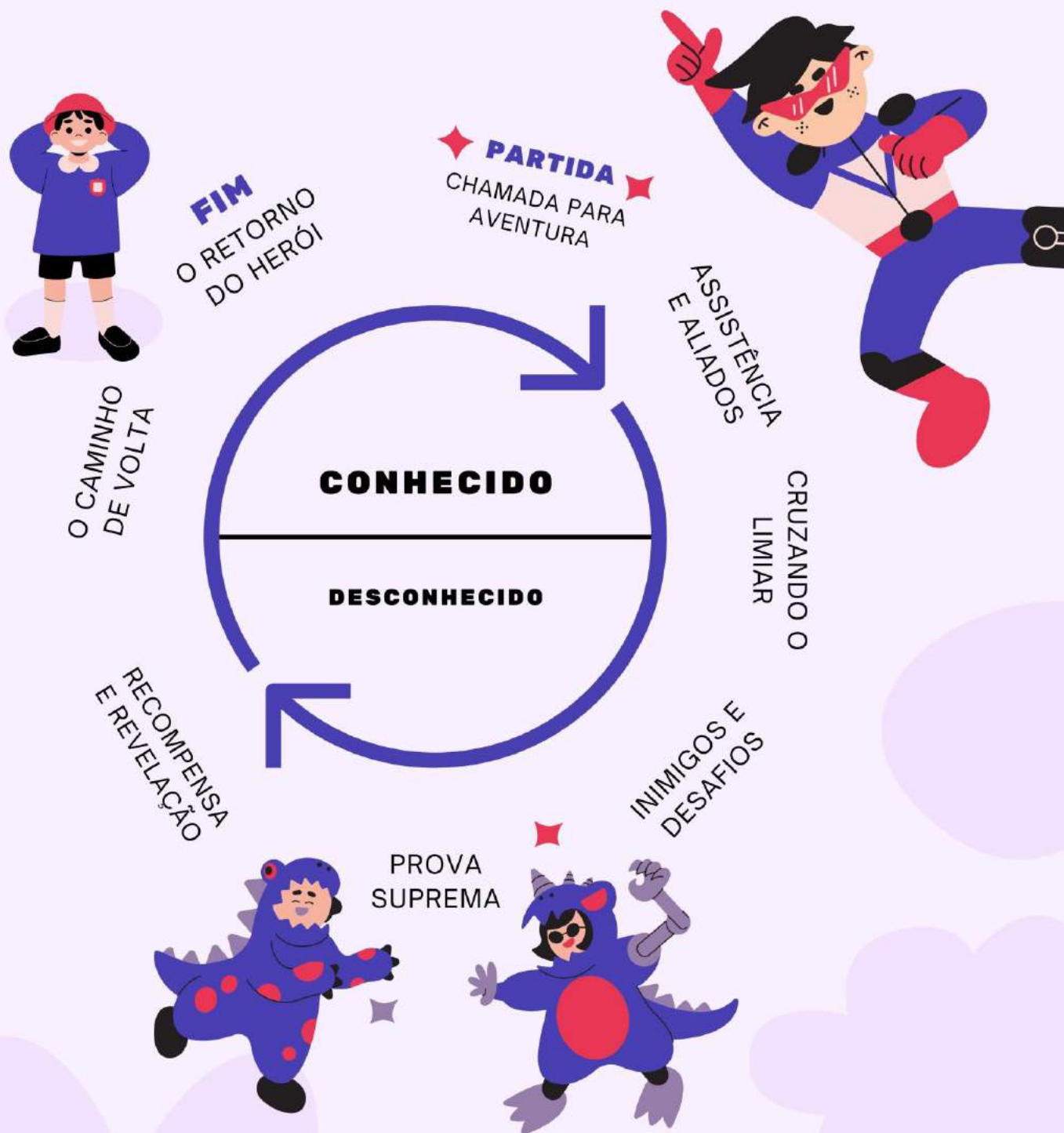
Instagram: @\_bertjunior. Site: [www.bertjr.com.br](http://www.bertjr.com.br).



# A Jornada do Herói



Esta é a Jornada do Herói em oito passos





CRÔNICA/CONTO

POR ELIDIOMAR RIBEIRO DA SILVA

# ENCANTADOS



Bruno Araújo Pereira e Dom Phillips - Foto divulgação





**I**ndigenista é uma profissão incrível. Para se exercê-la, é necessário um farto conjunto de qualidades. Deve-se entender de história, tanto a dos livros quanto a das trajetórias individuais de vida. Deve-se respeitar as diferenças. Deve-se saber não cair na tentação de se doutrinar o outro. E, acima de tudo, deve-se saber escutar.

Jornalista é uma profissão incrível. Para se exercê-la, é necessário um farto conjunto de qualidades. Deve-se entender de história, tanto a dos livros quanto a das trajetórias individuais de vida. Deve-se respeitar as diferenças. Deve-se saber não cair na tentação de se doutrinar o outro. E, acima de tudo, deve-se saber escutar.

Por um desses caminhos da vida, o indigenista e o jornalista acabaram percebendo que suas respectivas profissões tinham muito em comum e resolveram juntar esforços em prol de uma causa: a defesa do meio ambiente e das populações originárias. E, tanto unidos quanto individualmente, realizaram um ótimo trabalho.

Mas quando você escolhe seguir o caminho do Bom Combate, inevitavelmente acaba incomodando os poderosos. E, no Brasil, o preço disso pode representar a própria morte. Ao defenderem a floresta e seus povos, o indigenista e o jornalista mexeram com interesses além da própria compreensão. A Amazônia tem dono, e esse dono não é o povo brasileiro, seus habitantes e sua gente. Nem são os garimpeiros, caçadores e exploradores da floresta, pilhadores diversos dos recursos naturais. Não, esses últimos pequenos bandidos são meros peões sem vontade no jogo de xadrez dos grandões, braços armados e assassinos que têm sangue nas mãos, mas não por vontade própria. São, como se diz na gíria, “peixes pequenos”. Os donos da Amazônia, os verdadeiros vilões dessa e de tantas outras histórias brasileiras, estão longe daquela terra sem a lei da Constituição. Frequentam gabinetes luxuosos e refrigerados, onde são servidas bebidas de rico e comidas que a gente nem sabe o gosto – gosto não: “paladar”. Gente que o indigenista, o jornalista, eu e você apenas imaginamos quem seja.

O indigenista e o jornalista, cumprindo o ofício de ajudar quem precisa, foram emboscados em uma curva no rio. Peões traiçoeiros tentaram fazer aquilo pelo qual foram pagos: calar as vozes que defendem a floresta. Com requintes de um nível de maldade que, dentre todos os integrantes do reino animal, apenas o bicho-homem é capaz de alcançar, foi colocado ponto final na trajetória terrena do indigenista e do

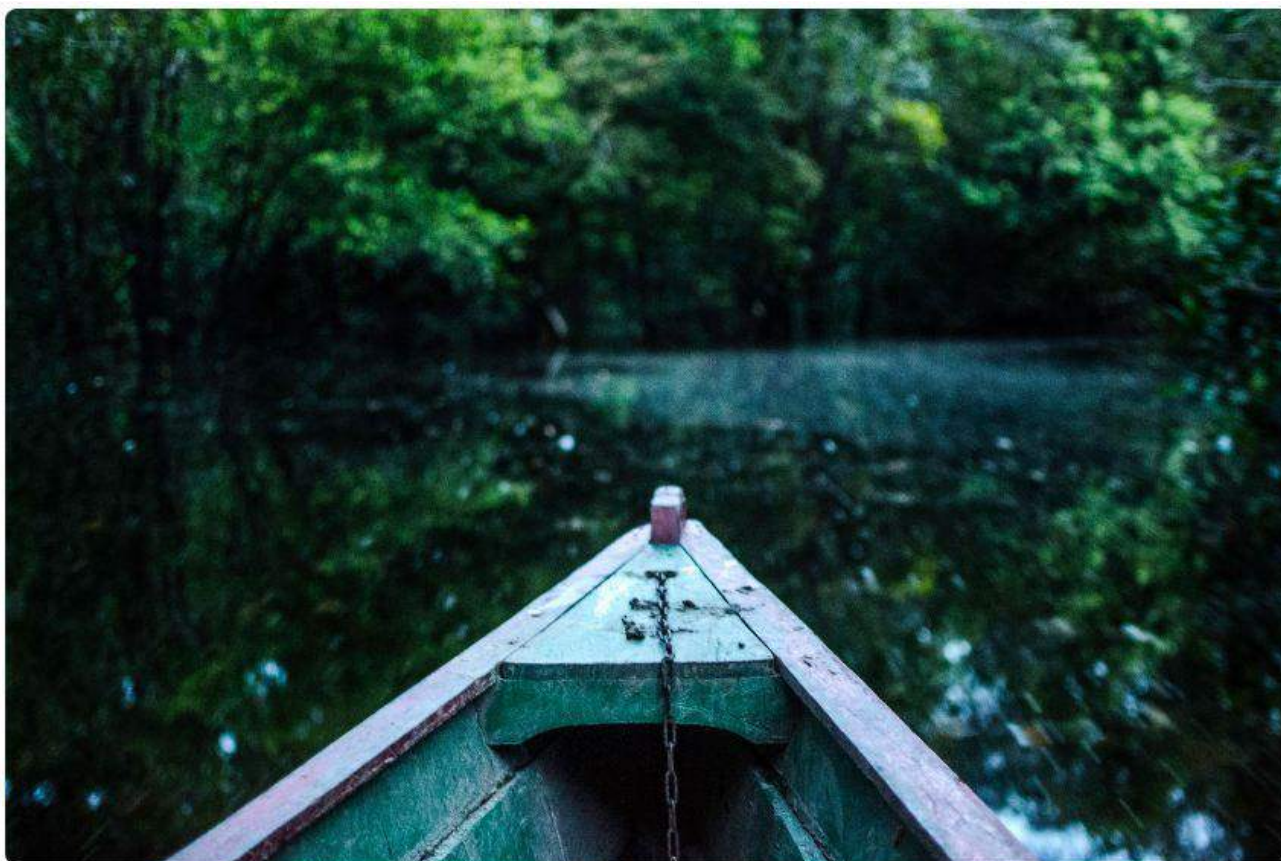




jornalista. Mas, se por um lado os corpos foram silenciados, por outro as vozes continuarão ecoando.

Alguns de nossa gente acreditam que, diante da tragédia iminente, seres iluminados, com histórico pessoal de lutas pelo bem, simplesmente podem não chegar a “morrer” no sentido tradicional. Antes disso eles se “encantam”. Como encantados, sem os limites de um corpo físico, podem exercer livremente a defesa das matas, rios, lagos, campos e sua gente. Encantados, o indigenista e o jornalista entraram para o time do Anhangá, do Curupira, da Caipora, do Boitatá e de tantas outras entidades da cultura popular brasileira. São todos eles que fazem com que tenhamos esperança em vitória e justiça. Talvez não a justiça dos homens, que costuma ser demasiadamente lenta e tolerante com os poderosos. Mas certamente a justiça dos espíritos da natureza. A eles, mais cedo ou mais tarde, os destruidores terão que prestar contas.

Oxalá o indigenista e o jornalista tenham sido muito bem recebidos por seus novos pares no reino dos encantados. E que eles continuem a fazer o que sempre fizeram: um bom trabalho. Este texto, meio que uma crônica, meio que um conto, é dedicado ao indigenista Bruno Pereira e ao jornalista Dom Phillips, heróis da floresta.



**Elidiomar Ribeiro da Silva** é biólogo formado pela UFRJ, mestre e doutor em Zoologia pelo Museu Nacional/UFRJ, professor do Instituto de Biociências da UNIRIO, onde coordena o Laboratório de Entomologia Urbana e Cultural. Organizador do Colóquio de Zoologia Cultural e da Mostra de Biologia Cultural, é editor-adjunto da revista A Bruxa e editor do zine Homem-Leoa.





# EU PRECISO DE MAIS ESPAÇO

Quer mais espaço para divulgar  
o seu livro? Então entre em  
contato  
e solicite o nosso mídia kit:  
[ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com)



# PODE CRER!

Por Joaquim Cândido de Gouvêa



Roseada (na face) sinto-me agora  
Com essas delicadas palavras sonorizadas nesta hora  
Cobertas de plenos elogios  
Confesso! Causou-me, também, no meu interior imenso frio

Frio, afirmo, que nenhuma manta  
Tem a capacidade de acobertar  
Posto que imagino ser um grande amor que se planta  
E que, nada na vida, pode terminar

Já na vida sofrida, espero que as belas palavras sejam verdadeiras  
De tão belas, alvissareiras  
Neste meu ingênuo viver

E esta menina moça com a face (então) cor de rosa  
Que, neste "momento", possa crescer no belo Jardim da Vida como  
formosa "flor"  
E, da tão encarnada cor, se surpreenda com o suposto ardente  
amor



→ love →

# BELA VIAGEM

## Por Joaquim Cândido de Gouvêa

Gotículas de chuva, devagarinho, indo embora, do "tempo" sinal  
da garoa

Assim, vai se abrindo suavemente  
Eu aqui, a apreciar, na janela debruçado  
Força meu pensamento, com você a sonhar

No momento com olhos fechados (viajando) esqueço que o  
"tempo" voa

De pronto, sorri meu interior deliciosamente  
Por estar, enfim, tão encantado  
Admirado, pelo tanto que ainda sinto em te amar



Enraizado em mim, presente em algum lugar! No coração talvez  
Mas e você... onde está? O que nesse "tempo" já fez?  
Eu? Eu sinto alegria por tamanha sensação  
E, nesse "transe", peço ajuda ao violão tentando recordar nossa  
bela canção

Hoje? Ah! Sem oportunidade! Que pena cada corda estar cansada  
inutilizada

Impedindo o delicioso "cantar"  
Belos sentimentos sobre você, por mim, tão amada  
Ah! Querida! Repito! Em que "momento" posso a reencontrar?

Olhos fechados, como em sonho, corro agora ao já nascido Luar  
O caminho da procura? Claro, a bela luminosidade

Se porventura atrasar ou não chegar

Mesmo assim, na viagem, me deliciarei abraçando, no momento, a  
saúde



---

Escritor, letrista de várias músicas, economista com vários Cursos voltados ao Mercado Financeiro, aposentado no Bando do Brasil S.A.

Eu me considero um CONTADOR DE HISTÓRIAS SOBRE O AMOR. Possuo poemas publicados no Brasil e no Exterior. Destacada participação no projeto da Editora Colibri em Lisboa-Portugal, no Projeto MUNDO(S), com outros 20 escritores, coordenado pelo Dr. Ângelo Rodrigues, iniciando na Edição 6 e, agora, já na Edição 19. Tenho editado pela EDITORA TREVO, no Brasil, dois Livros: MAIS DO QUE BUQUÊ e ACREDITE... NADA IMPORTA SONHAR... ACREDITE. Com a EDITORA IMPOSSÍVEL POESIAS o Livro NO CAMINHAR em Lisboa-Portugal. MENÇÃO HONROSA no Livro VII PRÊMIO ESCRITOR MARCELO DE OLIVEIRA SOUZA, Dr. Honoris Causa em Literatura. Com grande emoção, recebi o CERTIFICADO DE HONRA AO MÉRITO em maio de 2022, concedido pela REVISTA CONEXÃO LITERATURA no Brasil, pela magnífica e relevante contribuição em prol da Literatura Nacional.

Na área musical escrevi cinco letras contando com a parceria da RENEE BRAZZIL na melodia e canto.





# DEVANEIOS DE UMA BAIANA

POR RITA QUEIROZ



**N**ão sou filha de Gilberto Gil, nem sobrinha de Caetano Veloso, nem neta de Jorge Amado, nem prima de Carlinhos Brown, muito menos bisneta de D. Canô.

Mas sou filha dessa terra mágica chamada Bahia, cheia de encantos e axés, de altos e baixos, de mil talentos. Dizem que baiano não nasce, estreia.

Então estreei no dia 22 de agosto, dia do Folclore, com o sol em Leão, com as bênçãos dos orixás, dos santos e dos anjos, tudo junto e misturado no alguidar.

Nasci e cresci na terra de Nosso Senhor do Bonfim, banhando-me nas águas escuras da lagoa do Abaeté, nos verdes mares de Itapuã e Piatã, comendo jaca, quiabo, banana; brincando na rua, vendo os meninos empinarem arraia e periquito, jogarem gude e, com a bola no pé, baterem um bom baba.

Também brincava no gramado do Farol da Barra, correndo picula com minhas irmãs e meu irmão, quando meu pai estava de folga do trabalho.

Salvador de tantas cores, tantos brilhos, tantos amores. Não posso deixar de falar do carnaval, essa festa que tanto faz ecos na Bahia, com suas mutações constantes. Quando era garotinha, minha mãe me fantasiava e ela e meu pai me levavam para ver o desfile dos blocos. Sempre fui foliã. Acompanhei os trios elétricos, a variação das fantasias, o despontar da *axé music* com Luiz Caldas e seu fricote. Dancei muito todos os ritmos dessa festa louca. Balancei muita mamãe sacode.

O primeiro namoro começou no dia em que o Rei Momo entrega as chaves da cidade para a folia.

Dizem que amor de carnaval só dura o período da folia. Ledo engano. Acabei casando com o primeiro namorado. O que só se vê na Bahia.

Tantas outras coisas se vê na Bahia: Liberdade, Pau Miúdo, Ladeira da Preguiça, Rua do Tira Chapéu, Plano Inclinado, Beiru, Beco de Maria da Paz, Mata Escura, Boca do Rio, Buraco da Gia, e muitas ladeiras entre tudo isso. Haja ladeira!

Subindo e descendo, correm os sotaques, as gírias, as anedotas e todo o palavreado baiano.

Não nasci poeta (talvez sim, talvez não), me tornei poeta, tendo recebido como herança textos de Castro Alves, Amélia Rodrigues, Myrian Fraga, Arthur de Salles, Maria da Conceição Paranhos, Jacinta Passos, Valdelice Pinheiro, Sosígenes Costa, Pedro Kilkerry, Helena Parente Cunha, Gláucia Lemos e tantas outras e tantos outros poetas. A poesia corre em minhas veias, assim como corre toda a magia presente nessa terra, nessa nação, nesse país chamado Bahia!

**Rita Queiroz** é natural de Salvador, Bahia. É Doutora em Filologia e Língua Portuguesa e Professora universitária.

Escritora, Poeta e Autora de 17 livros: 8 de poemas, 1 de contos, 1 autobiográfico e 7 infantojuvenis.

É organizadora de 14 coletâneas. Coautora em mais de 150 antologias/coletâneas.

Membro de 9 academias, destacando-se a Academia Internacional de Literatura Brasileira (AILB), na qual em 2021 foi Destaque Literário na Categoria Poesia.



REVISTA CONEXÃO LITERATURA



ENCONTRE NOVAS  
**AVENTURAS**

EM CADA LIVRO





# **LUA AMADA**

**Por Wanda Rop**

**"O seu brilho em meu viver é um bálsamo  
Que invade lentamente o meu ser  
Energizando e iluminando minha alma  
Transmutando-se em força e poder**

**Perco-me a decifrar suas enigmáticas fases  
Numa ruptura com a monótona realidade  
Desencadeando devaneios  
Movo-me a enlaçar a felicidade**

**Semelhante à Lua reluzente  
Minha alma diáfana é forte  
Suportando o ritmo do amor incandescente  
Resolutamente subjugando a morte**

**Lua amada, preciosa e esplendorosa  
Partilhando sobre nós seu magnetismo especial  
Encanta-me profundamente sua beleza genuína  
Concebendo assim um sentimento sem igual"**





# AMOR À LUZ DA LUA

Por Wanda Rop

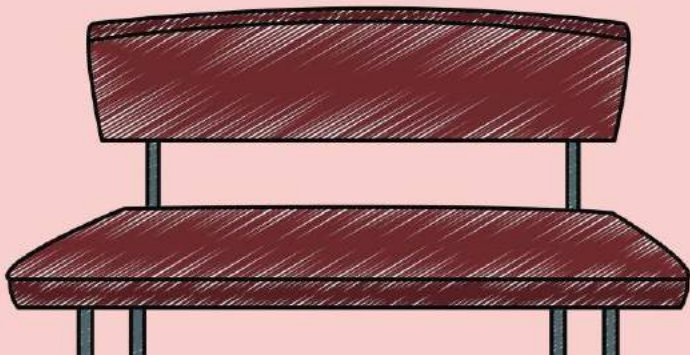


Sou fascinada pela beleza da lua  
Seus raios iluminam minha essência  
Admirando momentos simples  
Sentimentos, loucura e carência

À luz da lua nova eu transcendo  
Envolvida em seu abraço acolhedor  
Meu corpo estremece ao seu toque  
Sinto seu beijo sedutor

Pareço imortal envolvida em seus braços  
Nada pode me abalar  
Após o beijo na boca  
Nada irá nos separar

Amar é algo perigoso  
Pode nos levar do céu ao inferno  
No enigma existente entre as almas  
À luz da lua nova, um amor eterno!



# DELÍRIOS

Por Wanda Rop



Noite álgida e angustiante  
Sinto-me em anarquia mental  
A solidão é uma amiga repulsante  
Propulsora de desequilíbrio e caos

Saudade aniquilando minh'alma  
Em infinita angústia noturna e sombria  
Às forças do Universo, clamo por calma  
Pela sofreguidão do sentir, torno-me fria

O que causa tanto tormento em meu viver  
É ter ouvido suas doces palavras de amor  
Fazendo-me, em êxtase, sentir seu calor

Ilusão da vida minha, ceifador da minha razão  
Em delírios intensos, sentimentos complexos  
Ansiando por te amar, enclausurada em tédio

Wanda Rop, paulista, residente em Porto Velho-RO, ama ler e escrever poemas, Formação Curso Superior de Filosofia, cursando último semestre do Curso Superior História, Pós-Graduada em Estudos Linguísticos e Literários, Docência Do Ensino Sup. /Neuropsicologia; Gestão Escolar e MBA Executivo em Negócios Imobiliários e Turismo. Acadêmica da A.I.S.L.A, A.L.S.P.A, FEBACLA, AILB, AIML e Membro Fundadora da ABHL, Autora do Livro "Paixões e Poemas de uma mulher intensa" e "TEMPO DE AMAR"



Viva bem  
Viva com saúde!

bem estar

saúde

**PACOTE DIVULGAÇÃO POR R\$ 150**

beleza / Livros

Engloba:

Entrevista com  
publicação no site  
e em uma edição da  
revista digital Projeto AutoEstima

Todos os meses  
*uma nova*  
edição

Divulgação no Facebook e Instagram

revista  
projeto

**AUTOESTIMA**

*edições*

acesse: [revistaprojetoautoestima.blogspot.com](http://revistaprojetoautoestima.blogspot.com)

Saiba como publicar, anunciar ou divulgar no site e na próxima edição da revista digital Projeto AutoEstima, com dicas sobre saúde, beleza, gastronomia, cultura, literatura e bem estar

Escreva para: [elenir@cranik.com](mailto:elenir@cranik.com) - c/ Elenir Alves



# *Toda Ternura*

**Por Denise Marinho**

**Ternura para quem deseja sorrir  
Ternura para quem precisa sonhar  
Ternura para quem honra e auxilia  
Ternura para quem tem fé na vida.**

**Ternura para quem viveu momentos ruins  
Ternura para quem vive dias difíceis  
Ternura para quem viveu términos inesperados.  
Ternura para os corações magoados.**

**Ternura para quem foi roubado  
Ternura para os desamparados  
Ternura para quem precisa de esperança  
Ternura para quem viveu perdas incalculáveis.**

**Ternura para quem chora  
Ternura para o cansado  
Ternura para o doente  
Ternura para o descrente.**

**Ternura para quem errou  
Ternura para quem perdeu  
Ternura para quem ganhou  
Ternura para quem desanimou.**

**Ternura para quem deseja se levantar  
Ternura para quem voltou a sonhar  
Ternura para quem ama a natureza  
Ternura para quem cuida dos animais, e do planeta terra.**

**Ternura para os escritores, poetas e declamadores  
Ternura para os romancistas, cronistas e contistas  
Ternura para os músicos, dançarinos e todos os artistas  
Ternura para os professores, doutores e todos os trabalhadores.**

**Ternura para os pais, mães e toda a família  
Ternura para quem ama, repensa e perdoa.  
Ternura para você e para mim,  
Ternura para um mundo que necessita de amor.**





# *A Vida*

**Por Denise Marinho**



**E a vida vai surpreendendo a gente, ou nós surpreendemos a vida?!**

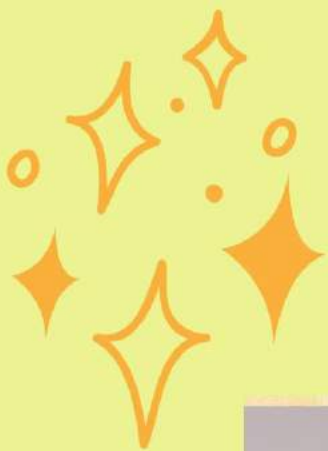
**Tudo de bom que nos habita almeja transbordar,**

**E abençoar aos de perto e aos de longe sem cessar.**

**Jorra vida, jorra paz, jorra bondade, jorra empatia, jorra alegria...**

**Emana resiliência, gratidão e sabedoria por onde passar.**

**Passa e ilumina...**



Poetisa, Escritora, Servidora Pública Municipal do RJ e Arquivista - UNIRIO/RJ. Apaixonada por Literatura e Artes. Coautora em diversas Antologias. Membro Titular Correspondente da Academia de Letras de São Pedro da Aldeia e da Academia de Letras e Artes de Cabo Frio. Detentora de Comendas e Medalhas. Nascida no Rio de Janeiro estudou em escola pública onde fez amizades para toda a vida, e recebeu incentivo para expandir sua imaginação e criatividade. Ama estar em contato com a natureza, família e amigos. E a sensação de liberdade que a Poesia permite vivenciar: Voar, sem sair do lugar.





TIRE O SEU CONTO OU POEMA DA  
GAVETA

# ANTOLOGIAS

SELO CONEXÃO LITERATURA

antologias de contos e poemas

**PARTICIPE DAS ANTOLOGIAS DA  
REVISTA CONEXÃO LITERATURA**

---

**LEIA OS EDITAIS: CLIQUE AQUI**



POR CLAYTON ALEXANDRE ZOCARATO

# TOP GUN - MAVERICK

**Magia e amizade, em meio às armas**

Top Gun - Maverick traça um caminho de liberdades narrativas, em como construir relacionamentos humanos, que não fiquem encarcerados exclusivamente na competição darwinista, em sempre querer ser o melhor

**CINEMA**



**T**op Gun – Maverick traça um caminho de liberdades narrativas, em como construir relacionamentos humanos, que não fiquem encarcerados exclusivamente na competição darwinista, em sempre querer ser o melhor.

O melhor em si, esgarça um sentido lógico de egocentrismo, que Maverick (Tom Cruise) desafia o tempo todo, se colocando como um símbolo de que a juventude precisa refazer caminhos para uma construção de identidade cultural que não fique em grande parte a encarcerada, a enfadonhos cunhos de compreensão estética.

Uma estética que vai delimitando e ao mesmo tempo reduzindo uma dialética de vida que não esteja engendrada a cunhar em não caminhar por um “tecnicismo”, que não desenvolva uma ontologia, de que para diversão, não se pode conter uma pitada de provocação em irromper uma argumentação pluriforme acerca de uma condição personalista letárgica de que o homem – moderno é construído ideologicamente, através de uma visão filosófica, que faça da sua “ação”, não somente um universo de idealismo patriótico para enaltecer o Leviatã dos Estados Unidos, mas sim conluia para uma narrativa cinematográfica ao qual esteja enfocada a fidelidade e admiração pelo seu adversário.



(créditos de reprodução: Paramount Studios)

Maverick se planeia como a personificação de uma individuação, que desafia a história, para lançar bases de uma concepção vivencial, de que a jovialidade precisa ser vivida e revivida, como uma arma de persuasão a desafiar velhos preconceitos em se projetar uma antropologia de atomismo de valores éticos, que possam estagnar um espaço intelectual repleto de labores educacionais, que não promova uma virulência diferenciação entre “o tempo vivido e o tempo para – repetido”.

Dentro desse escopo, está esgarçado um diâmetro de arte ao qual, sua filmografia envolve a questão da amizade como sendo um caminho, de construção de liberdades, aos quais se submeta um traçado comparativo, com as ideias do pensador catalão medieval Raimundo Lúlio, sobre suas concepções acerca entre “ser amado e ser odiado”.



Maverick impregna uma atuação onde para ser amado, se projeta uma atuação, onde grande parte de vida, está dentro de um caminhar, em procurar algo dentro de si mesmo, que esteja além de seu amor por voar, mas sim que venha a preencher uma moral que contenha uma espiritualidade, de atribuições mentais que assim possa vim produzir um materialismo histórico sensível e virtuoso, de que para se sentir amado, se faz necessário se afastar de um senso comum, voltado para um desenvolvimento interpessoal, que não veja grande parte do seu “pessoa”, sendo resplandecido, por uma beleza indelével ao qual a amizade não necessita somente de fidelidade mas sim de uma subjetividade, que compreenda os limites entre seu passado e futuro.

“Nesse caminhar, Iceman (Val Kilmer), é um ponto de charada interpretativa, ao qual é desafiado, em ver seu passado, como uma releitura da sua própria condição humana, que passa assim por ditames, de uma libertação de sua individuação tanto como um ‘ás’, a procura de novos desafios em sua carreira, como também a reaver seus próprios métodos de lidar com suas dificuldades, sendo um “labor mental”, que experimente uma introspecção, quanto a suprir os vícios, de que para se chegar a uma redenção, é necessário passar por sentimentos de inferioridade que não contenha certa obrigação, de se misturar com uma “doce humilhação”, em se fazer retumbante, perante o desafio de sempre vim há desafiar o tempo.

Voltando a concepção “filosófica amistosa” de Lúlio, tanto Maverick como Iceman, são desafiados a uma ontologia, em se fazerem amados, mas também contendo uma pitada de crítica, a ideologia belicista Norte-Americana, no que é saliente a fabricação “robótica” de seus soldados, aos quais sejam burocratizados por sua historiografia conflituosa, não vindo a desenvolver uma empatia tanto por “seus camaradas de armas”, como também projetando uma “humanização”, que contenha o engajamento de disseminar, um teor de apelo pelo sofrimento do “outro”, que reverta a polaridade existencial de Jean Paul Sartre em “que o inferno são os outros”, mas sim realizar as premissas idealísticos, de que através que uso sistêmico das armas, possa se chegar a uma artimanha de engajamento sentimental, que faça o espectador, despertar o valor de compreensão de importância do “outro”..

Um “outro” que gere amor, e que faça a questão das “armas” com diz Ernest Hemingway, “um caminhar para novos processos históricos, que não fiquem idealizados na morte”, mas sim em uma característica de que homem procura sempre, desafiar seus limites resplandecendo, uma litografia, que assim seja sublime, para uma psicanálise, empreendendo, que tanto o cinema como a literatura detém o poder, de transcender a lucidez, contra uma forma de invalidez existencial do homem, em torno de si mesmo

Em um patamar militarista, a atuação de Cruise, se submete a uma inferioridade da humanidade perante sua grandiosidade em remodelar os recursos naturais e artificiais, que assim reajam, à uma grandeza mesquinha de suas realizações tecnológicas, perante a pequenez de sua alma, dentro de um eixo comportamentalista heterogêneo que assim venham a verificar um digrama de fugir de uma aquiescência esquizofrênica de atitudes mentais artísticas, que não conttenham a interface lúdica entre a realidade e a ficção.

Michelangelo Antonioni, em “O Deserto Vermelho”, coloca o sapiens, como uma lógica de mediocridade, de estar rebaixado a um certame de que sua inteligência, não seria capaz de compreender suas percepções, em não realizar uma acepção gramatológica, de

como suas criações podem reduzir, sua compreensão realística, acerca de uma explosão de sensações, que refaçam cunhos para combater expressões de léxicos cinematográficos, que faça da apreciação intelectual, como sendo uma abertura factual, de unicamente se abrir para a contemplação não contendo uma caminhar para a reflexão.

Os sufixos literários de uma comparação de Top Gun 2, com romances que venham, a disseminar uma semiologia, de que é vital empreender ângulos de mexer com o mais íntimo grau de bifurcação e fixação, a favor de uma veleidade psicológica que coloque que mesmo dentro da guerra, ocorrem elementos de uma “sofia”, em se fazer da destruição, um significativo, que produza uma saúde mental lapidante, que submeta, um toque de efervescência cinematográfica quanto a reacender fagulhas, que faça tanto o sentimento mais profundo como o mais artificial, das pessoas se descobrir um “cogito”, de compromisso em se levantar para a arquitetura de uma ciência com doce toque maniqueísta, que refaça as junções de uma “crítica do juízo” diante os sentimentos contendo prolegômenos de estereótipos multiculturais, que venham a realizarem, uma pacificidade da alma humana, enfrentando o falsificacionismo de discursos psicobiológicos vazios.

Usando de elementos da filosofia da linguagem atrelados a Mikhail Bakhtin, “a mensagem implícita de um texto, tem como sinal de transformação informacional, em refazer seus discursos através de antagônicas camadas de formação teleológica”, To Gun 2 não é somente um filme de ação tradicional, mas sim uma oportunidade de revalidação das condutas mais peculiares do ser humano, que assim venha a dar uma objetividade “maiêutica”, quanto a não conter meandros de consciência não crítica, que preencha os vazios, de uma tipologia de filosofia de disseminação do conhecimento que se distancie da consideração moral, que contenha uma literatura audiovisual, que possa se “servir”, de uma prolongação da mentalidade subjetiva, que assim vai se redescobrimo, perante diferentes ângulos de um "tempo proustiano", que seja distanciado do senso comum, reavendo que todos os principais sentimentos humanos possam estarem em torno de uma base ideológica, de espaços mentais, que sejam inertes quanto a se modificarem de forma independente suas principais particularidades.

Dentro de uma assimetria histórica, está também uma tendência de criticidade, de que as armas possam estar, sendo horrorizadas, no que se diz respeito a diacronias de um respeito coletivo pela vida.

Uma vida que fica mais ensejada ao perdão e a reconciliação, pela reaproximação de Maverick e Iceman, que ultrapassa camaradagem de companheiros dos ares, para assim para se chegar a um sentimentalismo, em que a arte, necessita a cada instante fugir de uma massificação e aglutinação de potencialidades introspectivas, contra um desespero individualista, em não cair no “Inferno Dantesc”, de ser julgado, como sendo negligenciadora das dores, de que para conter o reconhecimento, se fazem de importância fundamental, se lutar, contra uma tipologia, de finalizações intuitivas pessimistas, que possa refazer em cada momento, novas realidades, um traçado de diâmetros psicológicos, contendo o lampejo, de ir contra fracassos, que seja de uma ordem fenomenológica, tendo compêndios analíticos, desafiando um crepúsculo metafísico de machismo viril, colocando uma elucubração, de ir gerenciando caminhos de liberdades, manuseadas dentro de carestias de uma verborragia do que pode ser ou não traçado,



como sendo nato ou inato em torno do fortalecimento de polivalentes formas de identidades humanas.

Para uma relação entre imagem e literatura, está auspiciado, que Top Gun 2, eclode, buscar novas formalidades em como fazer da leitura, uma apreciação filosófica, em como entrelaçar múltiplos enredos de situações de relacionamentos intrapessoais, que venham a moldar uma sociedade civil tanto de forma mental, como também a fortalecer seu lado emocional e racional de forma mais profundo.



(créditos de reprodução: Paramount Studios)



**Clayton Alexandre Zocarato** - Possuo graduação em Licenciatura em História pelo Centro Universitário Central Paulista (2005) - Unicep - São Carlos - SP, graduação em Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano (2016) - Ceuclar - Campus de São José do Rio Preto – SP.. Escrevo regularmente para o site [www.recantodasletras.com.br](http://www.recantodasletras.com.br) usando o pseudônimo ZACCAZ, mesclando poesia surrealista, com haikais e aldravias. Email: [claytonalexandrezocarato@yahoo.com.br](mailto:claytonalexandrezocarato@yahoo.com.br). Instagram: Clayton.Zocarato  
Facebook: <https://www.facebook.com/clayton.zocarato>



# CHECKLIST PRA SUA MESA DE **RPG**



## Mestre

- Revisar histórias e fichas dos jogadores
- Revisar acontecimentos das sessões anteriores
- Revisar roteiro e pontos chaves da próxima sessão
- Lista de lugares (cidades, reinos, lojas, tavernas, etc)
- Lista de NPC's (visual, raça/classe, peculiaridades, etc)
- Lista de artefatos (o que é, o que faz, preço, etc)
- Lista de monstros
- Mapas (se necessário)
- Trilha sonora (se necessário)

## Jogadores

- Revisar história do personagem
- Revisar ficha
- Revisar valores do personagem (motivações, falhas, vantagens, etc)
- Revisar acontecimentos das sessões anteriores (o que o seu personagem fez e o que conquistou)
- Quais os objetivos do personagem (na próxima sessão e no futuro)

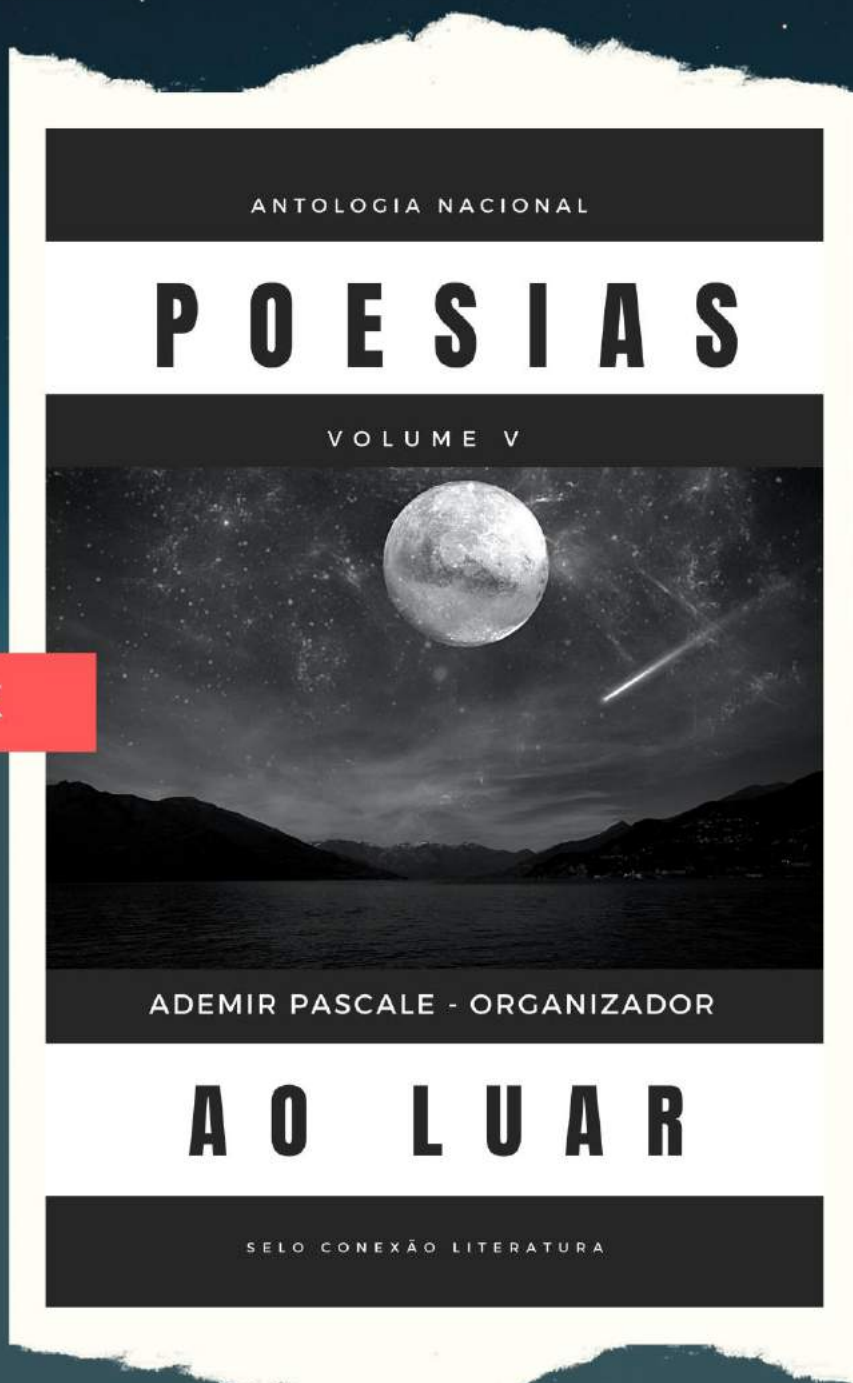
## Todos

- Revisitar o "contrato do jogo"
- Definir dia, hora e local da próxima sessão
- Definir qual será o lanche do jogo
- Esclarecer regras e dúvidas do jogo



**PARTICIPE DA ANTOLOGIA**

# **POESIAS AO LUAR**



**E-BOOK**

saiba mais: [clique aqui](#)



# CHILQUES\* NO CHILE

(\*Um estratovulcão localizado na região de Antofagasta, no Chile)

Por Edmilson Clarindo

De uma modesta colônia da Espanha  
Para um líder n'América Latina.  
Lado a lado com parte da Argentina  
A estreita faixa de terra acompanha.  
Cercado por mar, deserto e montanha  
O Chile é um 'mar' de oportunidade.  
Todavia, o espelho dessa unidade  
Não reflete um país justo e pacífico.  
Para ser sincero e mais específico:  
A nação é carente em dignidade.

Chile, é um país único no mundo  
Com uma diversidade muito extrema.  
O mais rico e o mais pobre ecossistema  
Estão nas águas do seu mar profundo.  
Embora pareça um pano de fundo,  
O exemplo acima de adversidade  
Ocorre também na sociedade:  
Que sofre com o efeito colateral  
De todo o sistema neoliberal,  
Que tem ampliado a desigualdade.

Há tempos que o Chile já deu atestado  
E o próprio governo mostrou evidências  
Que existe um tráfico de influências  
E violações das leis do Estado.  
O país também tem sido afetado  
Através da política do centralismo,  
Cujas origens são o neoliberalismo  
Que Pinochet exportou de Chicago  
E a ferro e fogo incumbiu Santiago,  
Depondo Allende e o socialismo.

O povo do Chile quer ser ouvido  
E ao mesmo tempo também respeitado.  
Pois o seu direito hoje foi limitado  
E o seu poder pode ser dissolvido.  
O povo chileno está sucumbido  
Pela força dos grandes (ricos e nobres)  
E também das políticas nacionais;  
Já as populações tradicionais  
Ver aumentar o número de pobres.





Há outros problemas adicionais  
Que estão inseridos nesta temática:  
Como a questão da mudança climática  
(Por exemplo: alterações sazonais);  
Além das questões emocionais,  
Que são induzidas pela a violência,  
Pela estagnação da previdência  
E pelas mudanças tecnológicas.  
De maneira sucinta e analógica,  
A saúde enfrenta uma decadência.

Descendo de Arica à Punta Arenas\* (\*Cidades chilenas)

Reina um ethos individualista,  
Que se opõe a tese estruturalista  
E tenta explicar – de forma mais plena,  
A transformação da nação chilena.  
Segundo este ethos: é a natureza  
Que faz a pessoa obter riqueza;  
A preguiça e a falta de iniciativa  
São uma forma de justificativa  
Que é usada para explicar a pobreza.

Por outro lado, há a desconfiança  
De grande parte da população,  
Que tem demonstrado insatisfação  
Com as instituições e as lideranças.  
Por isso, o desejo de uma mudança  
Que traga consigo – em sua cobiça,  
Igualdade pra todos com mais justiça  
E proteção para a democracia.  
E no que tange à aristocracia,  
Que faça o reparo de sua injustiça!

“Bandeiras unidas vão avançando  
E anunciando a vida por vir.  
A pátria: uma missão a se cumprir”\*  
Dentro de um sonho que vem se esboçando.  
O brado Mapuche\*\* no mastro alçando  
Em um entardecer quase prematuro (Ver: figura)  
E a camélia\*\*\* de discurso imaturo,  
À luz de um amanhecer vermelho,  
Começa a indagar diante do espelho:  
“QUE CHILE SONHAMOS PARA O FUTURO?”

\*Padre Alberto Hurtado, fundador da Associação Sindical Chilena (ASICH), em 1947.

\*\*Povo indígena da região centro-sul do Chile e do sudoeste da Argentina.

\*\*\*Em latim, camélia significa “ajudante do padre” e é conhecida como a flor da fidelidade.



Fonte: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-50229216>



#### **Edmilson Clarindo**

É pernambucano de Serra Talhada. Possui graduação em Ciências Biológicas pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (2009), mestrado em Química pela mesma universidade (2012) e doutorado em Biologia Celular e Molecular Aplicada pela Universidade de Pernambuco (2019). Participou das Antologias Poéticas: Lírica Urbe, Salacidade Sideral, Antologia Arte Poética, Habita-me: Poesias, A volta dos que não foram – Poemas Nonsense e; das Coletâneas Poéticas: Alvorecer, Ares Lineares e Miscelânea Poética Brasileira (vol. 1, 2 e 3). Recentemente, publicou um artigo na Revista Ciência & Ideias intitulado “Uso da literatura de cordel para explicar a metodologia ativa aprendizagem baseada em problemas”, envolvendo o cordel como ferramenta didática.



# PUBLIQUE NAS EDIÇÕES DA

## REVISTA CONEXÃO LITERATURA



### Escritor(a)

Você escreve contos, crônicas, artigos, resenhas ou poemas? Chegou a hora de mostrar os seus textos para os nossos leitores.



### Contos

Aceitamos contos de diversos gêneros. Até 4 páginas: R\$ 60,00. Envie o seu arquivo em Word.



### Poemas

Poemas com até 4 páginas: R\$ 60,00. Envie o seu arquivo em Word.

## Crônicas, artigos, resenhas etc

Aceitamos crônicas, artigos, ensaios, resenhas etc. Até 4 páginas em Word: R\$ 60,00. Para publicar mais páginas, consulte-nos no e-mail: [ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com)

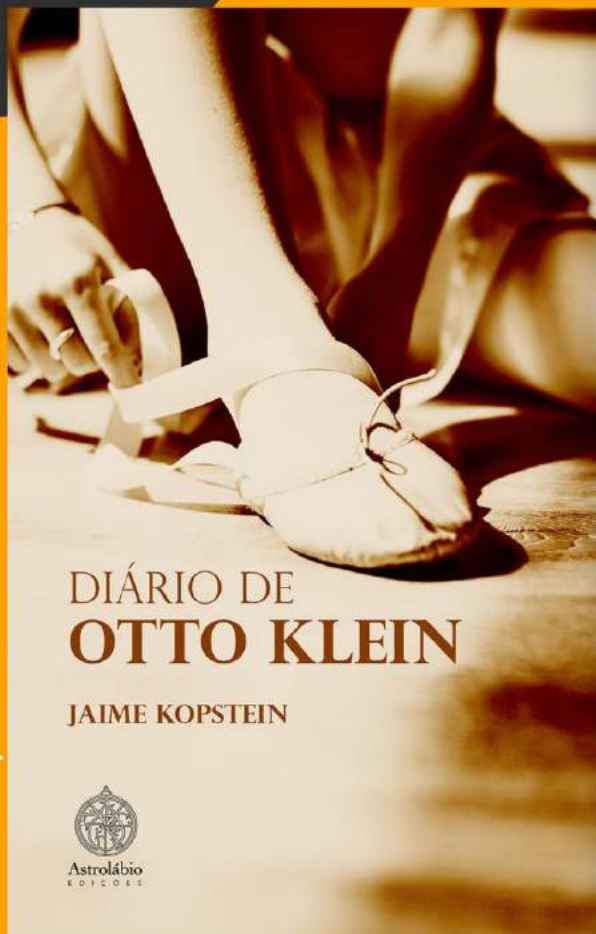


### Sobre a publicação

O seu texto será publicado em uma das edições da Revista Conexão Literatura. Nossa revista possui ISSN e nossas edições são mensais, digitais e gratuitas para os leitores baixarem.

**NÃO PERCA TEMPO:** encaminhe o seu texto para Ademir Pascale - E-mail: [ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com)





LANÇAMENTO

# DIÁRIO DE OTTO KLEIN

JAIME KOPSTEIN

## SINOPSE

O "Diário de Otto Klein" foi mantido por um judeu austríaco entre 1922 e 1939. Melhor do que uma narrativa meramente factual, ele registra as vivências do autor (do referido diário) ao longo de seu dia a dia, num texto, portanto, não influenciado pelos ardis e lacunas da memória tão frequentes nos relatos elaborados décadas depois dos acontecimentos. Frequentemente emotivo leva-nos a nos embrenhar, a mergulhar no espírito que prevalecia na Viena daqueles dias, a senti-lo, portanto. A ação nos conduz até o início da hecatombe que tanto abalou a Europa e o mundo na primeira metade do século XX, permitindo-nos acompanhar como aquilo evoluiu em Viena. O dia a dia de um homem em busca de realização pessoal em um meio crescentemente hostil, seus estratégias para superar as privações familiares em que foi criado, obrigando-se para isso a abrir mão de sua identidade. O diário permite-nos acompanhar as contradições em que é obrigado a viver, as conquistas e perdas em sua vida profissional, social e amorosa até os dias do epílogo tão dramático quanto inesperado. Um interesse adicional da obra é o olhar penetrante que lança o leitor a um período pouco visitado pela literatura que existe a respeito. Refiro-me à determinada inflexão no desenrolar da história do Holocausto. Na verdade, a literatura de ficção inspirada no período da anexação austríaca (Anschluss) é extremamente rara. E esse é justamente o momento culminante do desenrolar de nossa narrativa, o drama do judeu austríaco ao eclodir o Anschluss, a súbita e brutal precipitação do ataque aos judeus, a extinção abrupta de sua identidade como cidadão austríaco, finalmente sua expulsão ou confinamento e morte.





### **SOBRE O AUTOR:**

Sou brasileiro, médico, nefrologista, aposentado, idoso, casado, pai de dois filhos, Doutor em Medicina, realizei estágio no Hammersmith Hospital e no Royal Free Lawn Road, ambos de Londres, sou professor de Clínica Médica na Universidade Federal do RS, Brasil, e autor de outro livro, esse no estilo “memoirs”, publicado (Vanity Printing) com o título "The Road to José Ignácio", em 2019.

### **RESENHA - POR RAFAEL BOTTER:**

Diário de Otto Klein, traz uma memória e recordação jamais esquecida ou até mesmo apagada através do tempo. Estamos falando do horror que foi toda a Segunda Guerra Mundial.

Jaime Kopstein traz uma obra sensível e intimista que leva o leitor para dentro de toda a história, através da sensibilidade do protagonista, Otto Klein. Uma verdadeira viagem no tempo através dos capítulos.

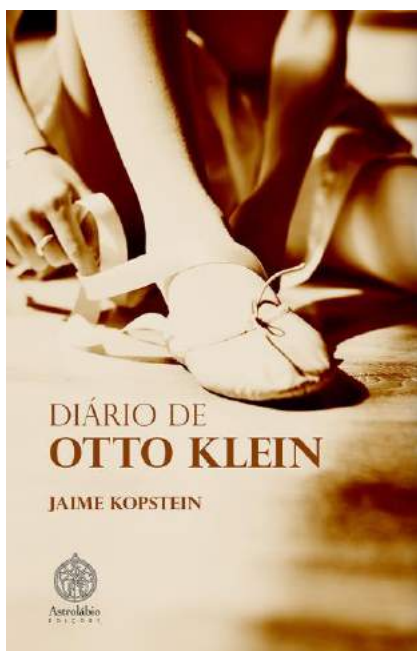
Esse diário foi guardado a sete chaves, protegido dos olhares de curiosos, preservando uma verdadeira relíquia que narra toda a vida do nosso protagonista, deixando levar pelas lembranças através do tempo.



O autor possui uma escrita intimista, óbvio! Estamos falando de um livro do qual é baseado em um diário. Fica evidente que o autor soube explorar os mínimos detalhes do personagem principal, contando tudo sobre a vida e a rotina do dia a dia. Ponto positivo! Detalhes e fluidez logo nas primeiras páginas.

Um ponto em destaque que merece atenção, é o fato do protagonista narrar de forma hábil toda situação vivida do início da Segunda Guerra Mundial e sofrimento dos judeus nas mãos dos nazistas.

O livro é sensível e tocante, levando o leitor para fazer parte da vida de Otto, protagonizando diversos momentos marcantes do personagem principal. Uma obra rica em fatos históricos e relevantes para entendermos como foi a Segunda Guerra Mundial pelos olhos dos judeus.



#### FICHA TÉCNICA:

Título: Diário de Otto Klein

Autor: Jaime Kopstein

Editora: Astrolábio Edições

Páginas: 474

Ano Lançamento: 2022



**PARA SABER MAIS, CONFIRA ENTREVISTA EXCLUSIVA COM O AUTOR  
JAIME KOPSTEIN:**

<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/2022/05/entrevista-com-jaime-kopstein-autor-do.html>



# ENTREVISTA

COM ANA MARIA ABRAHÃO S. OLIVEIRA



## Ana Maria Abrahão S. Oliveira

Nasceu em Paraíba do Sul (RJ). É mestre em Letras (Universidade Federal Fluminense) e Doutora em Estudos de Literatura (UFF/CNPq). Atuou como professora de Português e Literatura. É autora de contos, vários artigos acadêmicos e dos capítulos “Polifonia, filosofia e misticismo em Crime e castigo, de Dostoiévski” (Bakhtin e o círculo de fronteiras do discurso vol. I, São Carlos, Pedro & João Editores, 2019); “O sonho com coisas claras e justas: uma releitura do poema ‘O engenheiro’, de João Cabral de Melo Neto (Cem anos de João Cabral de Melo Neto: cidadão do mundo e artesão da palavra, Curitiba, Bagai, 2020); dentre outras publicações.



**Entrevista**

**Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**

**Ana Maria Abrahão S. Oliveira:** Sempre gostei muito de ler e de escrever. Acredito que meu desejo de escrever tenha surgido devido ao convívio com minha mãe, Regina Abrahão, que não possuía o hábito de leitura, mas que contava histórias incríveis e muito interessantes sobre suas vivências. Por essa razão, decidi fazer mestrado e doutorado em Literatura. E, a partir daí, passei a escrever também artigos acadêmicos.

**Conexão Literatura: Você é autora do livro "Graciliano Ramos: A melancolia e as ironias da memória". Poderia comentar?**

**Ana Maria Abrahão S. Oliveira:** Esse livro é originário de minha tese de doutorado, defendida na Universidade Federal Fluminense, em Niterói/RJ, em 2014. O incentivo para a publicação partiu de minha ex-orientadora, a professora Susana Kampff Lages, que me convenceu a transformar minha tese em livro. Foi muito gratificante para mim. Pude contar com o incentivo também de minhas filhas, Amanda e Isadora. Inclusive Amanda é a autora da arte da capa de meu livro. Meu livro possui, como fio condutor, o estudo da construção do discurso irônico que atua como mecanismo de defesa contra os influxos melancólicos presentes na escrita do autor alagoano Graciliano Ramos (1892-1953), nos livros *Memórias do cárcere* (1953) e *Infância* (1945). É um livro de crítica e interpretação dessas narrativas, com foco na utilização da ironia e da presença da melancolia, tendo por base a teoria freudiana. Mesmo sendo um livro escrito para os estudantes e estudiosos de Letras, pode ser lido por qualquer pessoa que goste de Literatura e/ ou que admire a obra de Graciliano Ramos.

**Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?**

**Ana Maria Abrahão S. Oliveira:** Há dois anos, aproximadamente, iniciei a reescrita de minha tese. Somando a esse prazo mais quatro anos de pesquisa (doutorado), temos um total de seis anos. Mas, em Literatura, não há a última palavra. Sempre surgirão novas pesquisas, minhas ou de outros pesquisadores.

**Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?**

**Ana Maria Abrahão S. Oliveira:**

“A escrita de Graciliano Ramos está intimamente ligada à sua experiência, às suas vivências no cárcere, no caso de *Memórias do cárcere* ou nos primeiros anos de vida, no caso de *Infância*. Nesses relatos autobiográficos, que pretendem se identificar com a própria

vida do escritor é constante a presença do autoquestionamento que corresponde ao próprio questionamento da literatura. Essa autoindagação se concretiza através do discurso irônico, que é largamente utilizado na obra do autor, o que pode ser entendido, como esperamos ter mostrado, como um mecanismo de defesa contra os influxos melancólicos de sua escrita”

**Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?**



**Ana Maria Abrahão S. Oliveira:** Este é o meu primeiro livro. Pode ser adquirido no site da editora <https://kotter.com.br> ou em livrarias, como Travessa, o site Amazon etc. Além disso, há os artigos que publiquei, que são encontrados nas páginas das revistas acadêmicas (é necessário apenas colocar meu nome completo para encontrar).

**Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?**

**Ana Maria Abrahão S. Oliveira:** Sim. Pretendo publicar uma antologia com meus artigos científicos, além de outros projetos que estão em construção ou sendo idealizados...

**Perguntas rápidas:**

Um livro: *Infância*, de Graciliano Ramos

Um (a) autor (a): Conceição Evaristo

Um ator ou atriz: Renata Sorrah

Um filme: *Que horas ela volta? Medida provisória*

Um dia especial: Todos em que estou com minhas filhas, todos os que estou lendo e/ou escrevendo, todos em que não deixo de acreditar que um país mais justo é possível.

**Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?**

**Ana Maria Abrahão S. Oliveira:** Literatura é prazer, mas também é resistência.



# ERA UMA VEZ UM OUTONO

ROBERTO SCHIMA

*Era uma vez  
um outono*



*Roberto Schima*

A presente antologia reúne o total de sessenta e dois textos publicados nas revistas digitais "Conexão Literatura" e "LiteraLivre", e antologias lançadas pela primeira e pelo blog "Projeto AutoEstima". Compõe-se de cinquenta e seis contos (drama, nostalgia, fábula, fantasia, horror, ficção científica), três crônicas e três poesias. Além disso, traz várias ilustrações na seção "Galeria", biografia e uma lista de antologias das quais participei e que até o momento, totalizam cento e trinta.

... E os pensamentos, sem focarem em nada em particular — a exemplo das folhas que, ressequidas, desprenderam-se de seus galhos e dispersaram-se através da fluidez do vento — vagaram e vagaram por diferentes memórias sem nelas pousar. Mas deixaram um rastro misto de melancolia e nostalgia, assim como a percepção já consolidada em outras tantas ocasiões de que o meu tempo já passou. Como um outono que veio e se foi, navego à deriva em um mundo que não mais reconheço, busco através da escrita resgatar imagens, sons e sentimentos que ficaram para trás, no ocaso das minhas estações...

**PARA SABER MAIS**  
CLUBE DE AUTORES - UICLAP  
AMAZON



# ENTREVISTA

COM CLEITON CUNHA



**Cleiton Cunha**

Nasceu em Pedro Leopoldo-MG, região metropolitana de Belo Horizonte. Nascido em 03 de janeiro de 1978, começou a escrever ainda adolescente, admirador dos poetas e escritores locais, anônimos e desconhecidos, porém respeitados e admirados. E inspirado por tais, começou a rabiscar seus primeiros versos aos 14 anos, aproximadamente. Se identificando com um estilo Lírico-Amoroso, romântico raro, sempre se identificou com poesia, gênero preferido do Autor. Com uma visão eclética, livre e espontânea, prossegue se dedicando ao estilo poético. Autor de 6 livros, sendo 4 de poesias, 1 biográfico, 1 na área técnica e algumas participações em coletâneas literárias. Faz parte do grupo Clã da Poesia, grupo seleta de Poetas e Escritores de várias partes do mundo.



**Entrevista**

**Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**

**Cleiton Cunha:** Meu interesse Literário nasceu ainda na escola, onde conheci alguns grandes nomes da Literatura. Onde participava de atividades voltadas para a Literatura, desde cedo manifestava afinidade pela escrita.

Interesse esse crescente em minha vida, que se intensificou posteriormente quando me despertou interesse em conhecer e aprofundar na Obra de outros escritores das mais diversas nacionalidades. Um dos grandes nomes que me influenciou foi Cecília Meireles (Poesia Completa), em particular, por me identificar com sua forma e estilo literário. Ali, percebi esse sentimento comum, lia e me identificava com a Poesia dela. Percebi que era capaz de escrever e me expressar, partindo daí meu interesse em publicar o que escrevia.

**Conexão Literatura: Você é autor do livro "Ensaio Poéticos (Folhas secas)". Poderia comentar?**

**Cleiton Cunha:** Após alguns ensaios, algumas tentativas, publiquei “Ensaio Poéticos (Folhas Secas)”. Uma obra poética onde traduzi meus sentimentos, pensamentos de uma forma bem singular e espontânea. Uma continuidade, amadurecida das obras anteriores, numa forma bastante simples de expressão. Unindo elementos e conectando ideias poéticas, organizando em forma de páginas, momentos e reflexões. A obra propõe um resgate, um rejuvenescimento por meio de sentimentos e pensamentos românticos. A obra propõe uma continuação das anteriores, onde não existe princípio e fim, mas um ciclo contínuo de aprendizado. Como se fosse mais um tijolo na construção da obra individual de cada um de nós.

**Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?**

**Cleiton Cunha:** O trabalho foi escrito de forma bem espontânea, iniciou-se a alguns meses, quando a motivação estava aflorada, mas se acomodou por alguns meses, engavetada, se perdeu no tempo. Meses depois, resgatada, veio à tona em forma de livro. A Poesia é atemporal, o livro não tem data marcada, ele vem à vida como um filho, nasce no momento oportuno.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

**Cleiton Cunha:**

*Poesia*

A poesia serve pra dizer

O que nunca foi dito  
Pra revelar o vazio  
Pra acender o pavio

Vem dos entusiastas sentimentais  
Vem das profundezas do eu  
Vem dos escombros da alma

Vem do sóbrio  
Vem do ateu  
Vem das páginas da vida

Vem dos naufrágios  
Vem dos presságios  
Vem dos batimentos  
Vem dos tormentos

Das tortuosas causas perdidas  
Dos corações aflitos  
Das ociosas embarcações  
Das indagações

**Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?**

**Cleiton Cunha:** Acessando os sites relacionados ou minhas redes sociais:

Instagram: **@cleiton\_lopes1978**

<https://clubedeautores.com.br/livros/autores/cleiton-lobes-da-cunha>

<http://cleitonlcunha.wixsite.com/ensaiospoeticos>

**Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?**

**Cleiton Cunha:** Sim, participar de algumas coletâneas literárias e lançar uma releitura do livro “Olhar Poético”.

**Perguntas rápidas:**

Um livro: “Nunca desista de seus sonhos” (Augusto Cury)

Um (a) autor (a): Cecília Meireles

Um ator ou atriz: Fernanda Montenegro

Um filme: “O menino que descobriu o vento”.



Um dia especial: Quando abracei minha Mãe pela última vez...

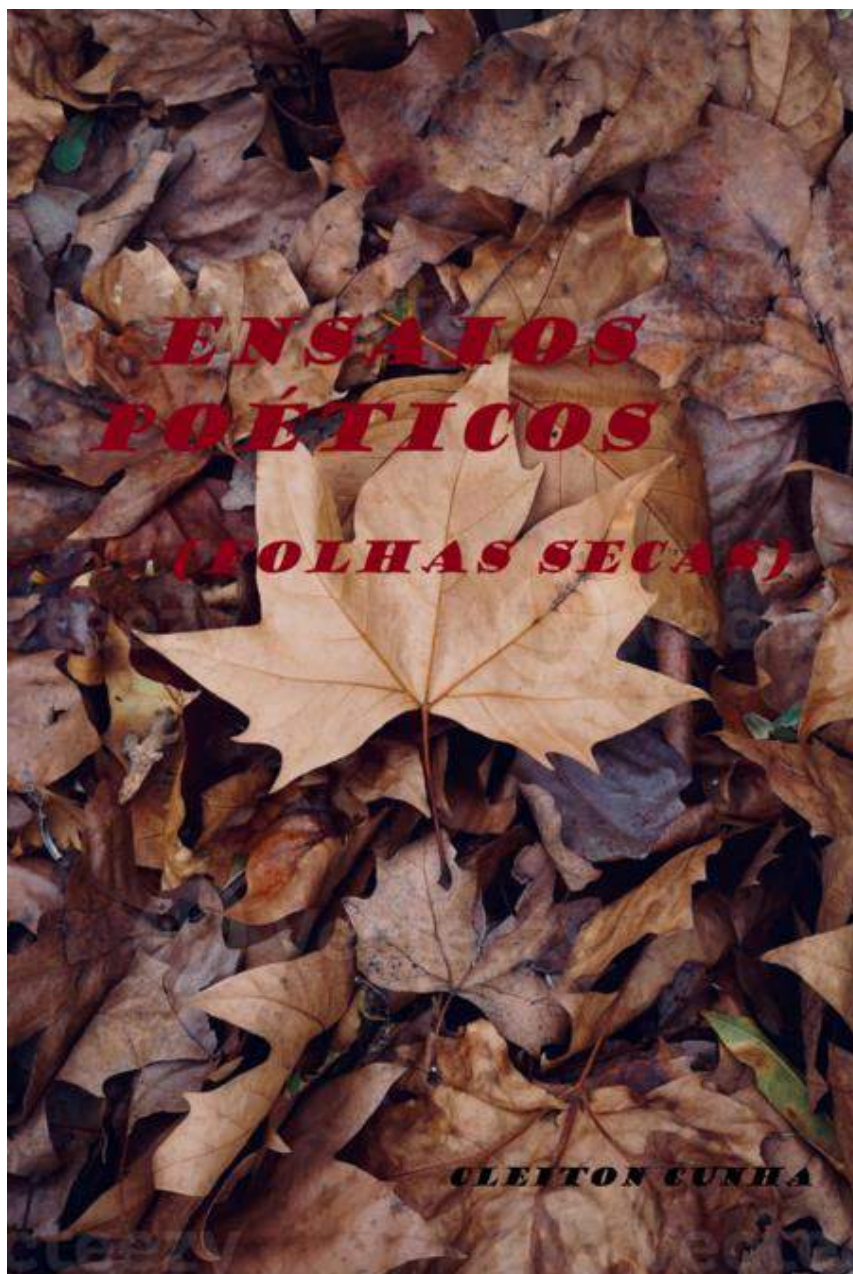
**Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?**

**Cleiton Cunha:** Gostaria de registrar alguns nomes de escritores que tive contato com a obra e que me influenciaram em sua forma de pensar e escrever.

Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade, Florbela Espanca, Charles Baudelaire, Dante Alighieri, Erasmo de Roterdã.

Frase que me inspira:

“Onde houver um Poeta no mundo, haverá um rastro de Amor e Luz entre as criaturas”.





● REVISTA CONEXÃO LITERATURA

# ENTREVISTA

COM GABRIEL CASAGRANDE



## Gabriel Casagrande

Nasceu em Curitiba-PR, em 2000, e é estudante de História na PUCPR. Autor do "Diário de uma POC Venenosa" e "Paraíso Frágil", "Karma" é seu terceiro livro publicado.



**Entrevista****Conheça Gabriel Casagrande: o autor que tem a língua igual um chicote!**

Entrevista por Carolina Rossi

Ilustrações por Jean Dourado

**Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**

Meu primeiro livro foi o *Diário de uma POC Venenosa*, que saiu no segundo semestre de 2020. Eu sempre fui apaixonado por livros e pela literatura, e já escrevia algumas coisas mais despretensiosamente antes, mas até então nunca tinha pensado em publicar algo de minha autoria. Durante o ensino médio comecei a escrever um diário, onde registrava todos os acontecimentos que faziam parte da minha vida de adolescente. Um diferencial é que eu não escrevia a partir do meu próprio ponto de vista sobre aquelas situações, mas criei uma “persona” naquele diário que era completamente supérflua, venenosa, arrogante, prepotente, se achava uma diva, e através dela eu podia falar mal de um monte de gente, sem peso na consciência por acusar alguém de fumar maconha ou chamar alguém de caloteira. Eu escrevia o que me vinha à cabeça, só futilidades. A princípio era algo privado e particular, mas com o tempo passei a perceber que eu estava criando um personagem e que as histórias que eu relatava estavam formando uma narrativa que poderiam se transformar em um livro. Então editei todo o material que tinha escrito no diário, criei novas situações que deixassem a história mais interessante (o famoso “eu aumento, mas não invento”), até contratei uma redatora MARAVILHOSA para adaptar diversas partes da história até que tudo ficasse pronto para publicação. Assim foi lançado o *Diário de uma POC Venenosa*. Agora o mundo todo pode ler toda a minha animosidade adolescente.

**De todos os seus livros, qual o seu favorito e por quê?**

O livro que mais me orgulho de ter publicado até agora é o *Paraíso Frágil*. Quando lancei a *POC Venenosa*, ele fez um sucesso muito maior do que eu esperava, e inúmeras pessoas escreveram resenhas elogiando e dizendo que o livro é ótimo, mas também recebi muitas críticas de gente que não gostou do caráter torpe da narrativa. Isso me fez escrever algo completamente diferente para o meu segundo livro, também para provar o que eu sou capaz de criar como autor. Decidi então escrever um livro que fosse mais poético e intimista, e que tinha um conceito artístico mais forte, já que criei uma narrativa através da qual pude abordar e refletir os conceitos de “modernidade líquida” e de “amor

líquido”, do sociólogo Zygmunt Bauman. Uma artista em quem me inspirei muito durante o processo de criação foi a cantora e compositora Taylor Swift, de quem sou declaradamente fã, e tive como referência principalmente os seus álbuns *Red* e *folklore*. Escrever esse livro também funcionou, mais uma vez, como uma válvula de escape para todos os sentimentos com os quais eu estava lidando após terminar um relacionamento, e mais uma vez eu criei um personagem que pensava e agia de uma forma completamente diferente de como eu realmente sou, mas que era um reflexo de como essa pessoa me via. Se ele me percebe como uma pessoa carente e excessivamente dramática, assim deveria ser o personagem, mesmo que essa perspectiva fosse apenas um reflexo em relação a ele ter alimentado sentimentos com os quais não soube lidar. O livro foi publicado menos de um mês após esse término, e é muito importante para mim porque transformou algo que realmente me magoou naquele momento em um livro de que hoje tenho muito orgulho de ter escrito.



**Por que o conceito de amor líquido é tão importante para você e para o seu livro?**

O *Paraíso Frágil* foi escrito semanas após eu terminar um relacionamento que me fez pensar sobre o conceito de amor líquido e refletir sobre a fragilidade das relações humanas no Século XXI. Isso me fez escrever um livro com base nessa experiência pessoal, mas a fim de abordar essas ideias. O amor líquido é um conceito criado pelo sociólogo Zygmunt Bauman que descreve a fragilidade dos relacionamentos pós-modernos, expressando o quanto hoje é fácil para uma pessoa se desfazer de alguém. As



relações interpessoais se aproximam de relações de consumo, onde você sabe que irá utilizar algo pelo tempo que te trouxer satisfação. Esse livro é sobre alguém que eu conheci durante o ensino médio, e que anos depois reencontrei quando ele começou a sair com uma das minhas melhores amigas da época do colégio. Depois de alguns meses os dois terminaram, e apesar de ele também ter realmente magoado a minha amiga, durante esse tempo eu me aproximei dele, achei que ele era um cara sensível como parecia, e tentei consolar ele por isso. Com o tempo ele começou a flertar comigo, de forma que eu não esperava, e nós começamos a ficar, e apesar de que eu tentava fazê-lo pensar que eu estava tranquilo e não me importava, era o contrário, e eu pensei que nós tínhamos algo real. E então ele começou a me ignorar e me deixar plantado nos lugares esperando por ele quando a gente marcava de sair, justificando depois que não tinha ido até porque “teve que LAVAR ROUPAS”! Depois eu descobri que ele estava namorando outra garota, que era a ex-namorada do meu melhor amigo, e nem ao menos se deu ao trabalho de me avisar sobre. Todos têm sentimentos e querem ser amados, mas apesar das falsas esperanças, promessas e ansiedades, uma das coisas mais cruéis que alguém pode fazer é te convencer de que aquilo nunca realmente existiu, porque como você lamenta a perda de algo que nunca foi seu?



**O seu novo livro, *Bad Blood* está para sair. O que você pode nos contar sobre ele?**

O *Bad Blood* será lançado ainda esse ano, no segundo semestre, e é sobre uma garota em quem eu realmente confiava, mas que roubou algo que era meu. É sobre uma situação em que eu realmente me senti traído, porque essa pessoa propositalmente sabotou um relacionamento meu, contando mentiras sobre mim para o garoto pelas minhas costas! Como sempre, estou lidando com as minhas emoções escrevendo sobre elas. É um dos livros que mais estou feliz por publicar, porque também é um dos meus livros mais raivosos. Nele você acompanha a erupção de desequilíbrio da personagem principal se transformar em uma situação de pesadelo.

**Segundo você, a Taylor Swift é uma das suas inspirações. Por quê?**

Desde o dia em que eu vi essa loirinha de cabelos cacheados dizendo que gosta de escrever músicas sobre imbecis que a traíram, e que gosta de colocar os nomes deles nas canções para que eles tenham vergonha de aparecer em público, minha vida mudou para sempre! HAHHAHA. Estou brincando. Na verdade, eu amo as composições da Taylor Swift porque ela fala sobre seus sentimentos de uma forma completamente aberta e honesta, se permitindo ser totalmente vulnerável nas letras das músicas, e as letras falam sobre temas com os quais eu me identifico muito fortemente, por muitas vezes já ter vivido alguma situação parecida com a que ela está relatando. Ela é uma referência muito importante para os meus livros e uma das artistas que mais me inspira a lidar com os meus sentimentos escrevendo, apesar do meu estilo ser bastante diferente do dela: enquanto ela escreve canções sensíveis, eu escrevo histórias absolutamente torpes e animosas. O álbum *reputation* é especial para mim porque marcou um momento particularmente doloroso, onde no meu primeiro ano de faculdade meus colegas criaram boatos sobre mim que me levaram a ser injustamente “cancelado”, e as músicas desse disco me lembraram de que eu não sou a opinião de alguém que não me conhece de verdade, mas que talvez essa opinião injusta fosse uma perspectiva pela qual poderia ser muito interessante escrever. E foi assim que eu criei o Daniel, protagonista do meu terceiro livro, *Karma*, que é um personagem absolutamente superficial e frívolo, e criei uma narrativa que é de uma grosseria atroz e de uma vulgaridade em certos momentos imperdoável. Às vezes tenho saudade de ir para a faculdade ouvindo *Look What You Made Me Do* e me sentindo o mais reputado. Que culpa eu tenho se os vilões se divertem mais?

### **Perguntas rápidas:**

**Um livro:** *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis

**Um ator ou atriz:** Murilo Benício

**Um filme:** *Heathers* (1988)

**Um hobby:** Andar de bike

**Um álbum:** *Blackout*, da Britney Spears

### **Alguma ideia de próximos projetos que você possa compartilhar?**

Os próximos projetos irão depender de como irão despertar a minha animosidade no futuro.

### **Algum último comentário que deseja fazer?**

Sim! Eu quero agradecer a todos que leram a entrevista até aqui, e convidar a todos para lerem o meu novo livro, *Bad Blood*, que estará disponível em e-book no Kindle da Amazon e em edição impressa pela Editora Uiclap. Beijinhos estrelados e desliga, João Carlos!



● REVISTA CONEXÃO LITERATURA

# ENTREVISTA

COM GRAZIELA BARDUKO



**Graziela Barduko**

É escritora, atriz e mestre em Artes da Cena pela Escola Superior de Artes Célia Helena. É autora dos livros "Na Rima da Menina" (editora Versejar), "Lutei Contra 100 Leões - Todos os 100 eram Jumentos" (editora Feminas), "A Menina e o Pé" (editora Guismofews) e "O Sapinho e o Bumbum" (editora Historinhas pra Contar).



**Entrevista**

**Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**

**Graziela Barduco:** Eu acredito que a escrita veio para mim principalmente enquanto válvula de escape diante das dores, pesares, feridas, afrontes e dissabores da vida, bem como ferramenta de reforço e lembrança das alegrias, deleites, sonhos e conquistas que nos visitam no decorrer do nosso caminhar. Acredito que a poesia acabou se tornando um dos meus principais canais de expressão e escrevo desde muito pequena. Por diversas vezes recorri ao refúgio da elaboração de poemas em momentos de intensa atribulação e grande vulnerabilidade. Porém, foi recentemente que me atrevi a lançar-me profissionalmente na literatura, ao decidir publicar, em meio ao meu processo de pesquisa de mestrado, o meu primeiro livro de poesias, intitulado “Na Rima da Menina”, pela editora Versejar.

**Conexão Literatura: Você é autora do livro "Sutil Leveza - O que na alma pesou, em verso se libertou". Poderia comentar?**

**Graziela Barduco:** "Sutil Leveza - O que na alma pesou, em verso se libertou", surgiu a partir de um amontoado de poemas que escrevi entre 2018 e 2022. Destes, acabei selecionando alguns e ali notei que havia uma espécie de divisão, que contemplava 4 fases de minha vida, como que perpassando incisivamente por cada uma delas, de modo que acabei por transformá-las nos 4 capítulos que compõem meu livro. Eu digo que este livro é como um grito de liberdade de alguém que simplesmente deseja SER! É dar vazão em versos aos dilemas da alma e do coração. É sobretudo poder despir-me dos inúmeros rótulos que, há muito, nos são dados e, mais que isso, é gozar da leveza inerente ao tão sublime “ser de verdade”, e à tão magnífica “verdade no estar”.

**Conexão Literatura: Como você se organiza ao dar início a um novo projeto? Você costuma fazer um planejamento?**

**Graziela Barduco:** Normalmente procuro fazer um breve planejamento, sem tantos detalhes, daquilo que desejo realizar, a fim de nortear-me enquanto ponto de partida. Eu chego a vislumbrar um amplo detalhamento, etapa por etapa, daquilo que desejo fazer, porém, na maioria das vezes, tudo vai se alterando no decorrer da incumbência e quase sempre novos caminhos e possibilidades vão se desenhando, de modo que, estar aberta ao que me rodeia, tornou-se um estilo de vida que passei a adotar.

**Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?**

**Graziela Barduco:** Gostaria de compartilhar com vocês um poema do qual gosto muito e que está presente neste meu novo livro. Penso nele enquanto material de



compartilhamento porque este carrega uma leveza singularmente genuína, já que o escrevi em um momento muito especial de minha vida:

### Quando a Alma no Corpo se Acomoda

Na fluidez que hoje então me acompanha  
Desviando do caos de outra era  
Na busca incessante do que me espera  
Fugindo do que me deixava estranha  
Pude enfim realizar esta façanha  
De por fim naquilo que me incomoda  
Eliminando essa dor que me poda  
Sentindo minha chama sempre acesa  
Ao reconhecer em mim tal beleza  
Quando a alma no corpo se acomoda.



**Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?**

**Graziela Barduco:** É possível adquirir este e meus outros livros através da minha lojinha virtual, na plataforma online da Iluria, através do link: <http://41a81.iluria.com/>. Em meu site, bem como em minhas redes sociais é possível encontrar este mesmo link de acesso

para esta plataforma. Nas redes sociais é só procurar por Graziela Barduco e meu site é <http://grazielabarduco.com.br>.

**Perguntas rápidas:**

Um livro: "Amor de Perdição", de Camilo Castelo Branco.

Um ator ou atriz: Helena Albergaria.

Um filme: "O Jardim Secreto", de Agnieszka Holland.

Um hobby: Viajar.

Um dia especial: O dia em que meu filhinho Davizinho nasceu.

**Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?**

**Graziela Barduco:** Gostaria de pré-convidar todos e todas a conhecerem meu mais novo livro de poesias, o "Sutil Leveza - O que na alma pesou, em verso se libertou", com previsão de lançamento para o segundo semestre deste ano, pela editora Edições e Publicações. Em breve mais informações!





# PACOTE

DIVULGAÇÃO PARA **ESCRITORES**

DIVULGUE O SEU **LIVRO** CONOSCO

*Especialista em divulgação  
de livros e autores*

**DIVULGUE PARA  
MAIS DE 200 MIL  
LEITORES**

**R\$ 150**

Entre em contato:  
e-mail: [ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com)

[revistaconexaoliteratura.com.br](http://revistaconexaoliteratura.com.br)





● REVISTA CONEXÃO LITERATURA

# ENTREVISTA

COM EDU CHAMON



## Edu Chamon

Trabalha na Claro S/A desde 1998 como analista de sistemas, é formado em MBA em Gestão Empresarial – FGV, Bacharel em Matemática e em Direito/FMU. Presidente da AABF - Associação Amigo Beija-flor desde 1999.

Coordenou os livros Solidariedade I e II.

Também autor dos livros: Gráficos em Dashboard para Microsoft Excel e Excel com VBA na prática.

Webmaster do [www.siteamigo.com](http://www.siteamigo.com).

Casado, pai de uma garota de 12 anos, ama a família e o voluntariado.



## Entrevista

---

**Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**

**Edu Chamon:** Os participantes da Associação Amigo Beija-flor participam de diversos trabalhos voluntários e com o tempo passaram a transformar suas emoções em relatos nas redes sociais. Uma das voluntárias, um dia disse: “Adoro estes casos verdadeiros!”. Então, resolvemos juntar todas as histórias para a partir daí, montar uma coletânea cujo principal objetivo era despertar a vontade de realizar um trabalho voluntário.

**Conexão Literatura: Você é coordenador do livro "Solidariedade II". Poderia comentar?**

**Edu Chamon:** Sou um dos coordenadores, fui responsável por juntar as histórias de cada voluntário.

**Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?**

**Edu Chamon:** Fizemos este trabalho em grupo. Eu era responsável por trazer as histórias, o Maurício era responsável pela edição, correção e diagramação e a Solange pela capa.

Minha inspiração é ajudar o outro. Quando fico sabendo de uma necessidade, não sossego até desenvolver uma ação de auxílio.

A paixão pelo voluntariado me move!

**Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do livro especialmente para os nossos leitores?**

**Edu Chamon:** A história Chinelos (Solidariedade II)

Ao visitar uma cidade para realizar uma festa de natal, uma das voluntárias nos levou para visitar uma família. Lá chegando, ficamos sabendo que a família era composta de mãe, pai e mais 4 filhos.

Moravam numa casa bem simples.

Nesse dia, o pai havia arrumado um “bico” e não se encontrava.

Começamos a conversar com a mãe e ao abrirmos o armário da cozinha havia apenas um pacote de macarrão e outro de açúcar.

Então decidimos levá-la, juntamente com os filhos mais velhos, ao mercado para fazer uma compra.

Ela ficou extremamente feliz, chorou e não acreditava, pois nunca ninguém havia feito isso antes!

Quando já estávamos quase saindo do mercado, eu me deparei com alguns chinelos e nem sei explicar direito o porquê, mas fiquei com vontade de comprar para a família toda.

Ao chegarmos na casa, as duas crianças menores ao verem os chinelos pularam de alegria. E nossa amiga que havia ficado cuidando delas nos contou que elas não paravam de perguntar: “Será que o tio vai trazer chinelo?”

Ficamos emocionados... Realmente não existem “coincidências”, mas sim, o amor agindo quando nos colocamos à disposição.

As inspirações para fazer o bem sempre chegam, basta abriremos o coração.

Foi o que esse simples caso nos ensinou.

### **Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o livro e saber um pouco mais sobre você e o seu projeto?**

**Edu Chamon:** Poderá adquirir o livro, enviando uma mensagem no link na página principal do site [www.siteamigo.com](http://www.siteamigo.com) e acompanhar nossos trabalhos pelo instagram [@amigobeijaflor](https://www.instagram.com/amigobeijaflor) ou pelo facebook [@associacaoamigobeijaflor](https://www.facebook.com/associacaoamigobeijaflor)



### **Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?**

**Edu Chamon:** A dica é, venha estar conosco, participe uma vez, para viver esta experiência de voluntariado e despertar incríveis emoções.

E certamente gostará de voltar outras vezes.

### **Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?**

**Edu Chamon:** No momento difícil que estamos passando devido à pandemia e tantas histórias de carência que ela provoca, continuaremos investindo em fazer o Beija-flor chegar cada vez mais a lugares distantes e muitas vezes esquecidos pela sociedade.

Nosso objetivo será sempre levar o alimento para o corpo físico, mas

também, esperança aos corações.

Por isso, nosso lema: Beija-flor, um facho de **ESPERANÇA!**

### **Perguntas rápidas:**

**Um livro:** Solidariedade I e II é Lindos casos de Chico Xavier.



**Um ator ou atriz:** Morgan Freeman

**Um filme:** Divaldo, o Mensageiro da Paz

**Um hobby:** Squash/Programação em Excel

**Um dia especial:** Nascimento da minha filha

**Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?**

**Edu Chamon:** Principalmente nesta pandemia, fui muito despertado para o amor ao próximo. Ver pessoas passando fome, isso nos movimenta para aprender que todos somos feitos da mesma matéria e que somos filhos de um mesmo Pai, logo somos todos irmãos. E todo o amor que doamos, é uma alegria imensa ao nosso coração, acredito que todas as pessoas deveriam experimentar um dia participar conosco.





● REVISTA CONEXÃO LITERATURA

# ENTREVISTA

COM HEVERSON SOUZA E COSTA



## Heverson Souza e Costa

É bacharel em Direito e trocou a carreira jurídica pelas suas maiores paixões: os idiomas, as viagens e a literatura. Autor da obra "Antes que o sol se ponha" e participante das antologias "Enquanto espero", "Só queria te dizer", "Não saia agora" e "E Por Falar em Amor IV" busca nas experiências acumuladas por suas viagens e na vivência do dia a dia, a fonte inesgotável para a criação de suas histórias.



**Entrevista**

**Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**

**Heverson Souza e Costa:** Na verdade nasci cercado por livros, ainda grávida minha mãe já havia comprado coleções infantis para mim. Comecei a ler aos cinco anos e assim que aprendi a escrever nasceu a vontade de contar histórias.

**Conexão Literatura: Você é autor do livro "Antes que o Sol se ponha". Poderia comentar?**

**Heverson Souza e Costa:** “Antes que o sol se ponha” foi o primeiro livro que publiquei, mas não o primeiro que escrevi. Surgiu de uma situação real, na qual quase fui vítima de um atentado terrorista na Alemanha, a que me levou a refletir como seria a vida da minha mãe sem mim. Foi então que nasceu a personagem Ella, uma mulher de meia-idade, que perderá seu único filho e portanto, o sentido da vida. Entretanto a própria vida a desafiará a encontrar um sentido para seguir e ser feliz antes que “O Sol se ponha”.

**Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?**

**Heverson Souza e Costa:** Escrevo todos os dias, mesmo que seja um parágrafo e tenho ideias o tempo todo. Me inspiro no dia a dia: as pessoas que conheço e convivo, as histórias que ouço, as viagens que faço e os lugares que visito. meu laboratório é o mundo.

**Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?**

**Heverson Souza e Costa:** Uma das frases de impacto que acontece num ponto significativo do livro, quando Ella está em Buenos Aires, conversado com uma das mães da praça de maio: “A única luta que se perde é aquela que você abandona”.

**Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?**

**Heverson Souza e Costa:** Meu livro está sendo vendido pelo site da editora litteris, e plataformas como Amazon, Americanas, Shoptime, Magalu, tanto em versão física como ebook. Para conhecer minha trajetória ou falar comigo, basta seguir meu Instagram @heverson\_souza ou no tik tok @heversonescritor.

**Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?**

**Heverson Souza e Costa:** Escreva por amor! Transforme o ato de escrever num momento de autoconhecimento e permita-se viajar pelo mundo da sua imaginação e criatividade. Ninguém se torna um escritor, você nasce escritor.

**Perguntas rápidas:**

Um livro: difícil, mas “A casa dos espíritos” de Isabel Allende

Um ator/atriz: Winona Ryder

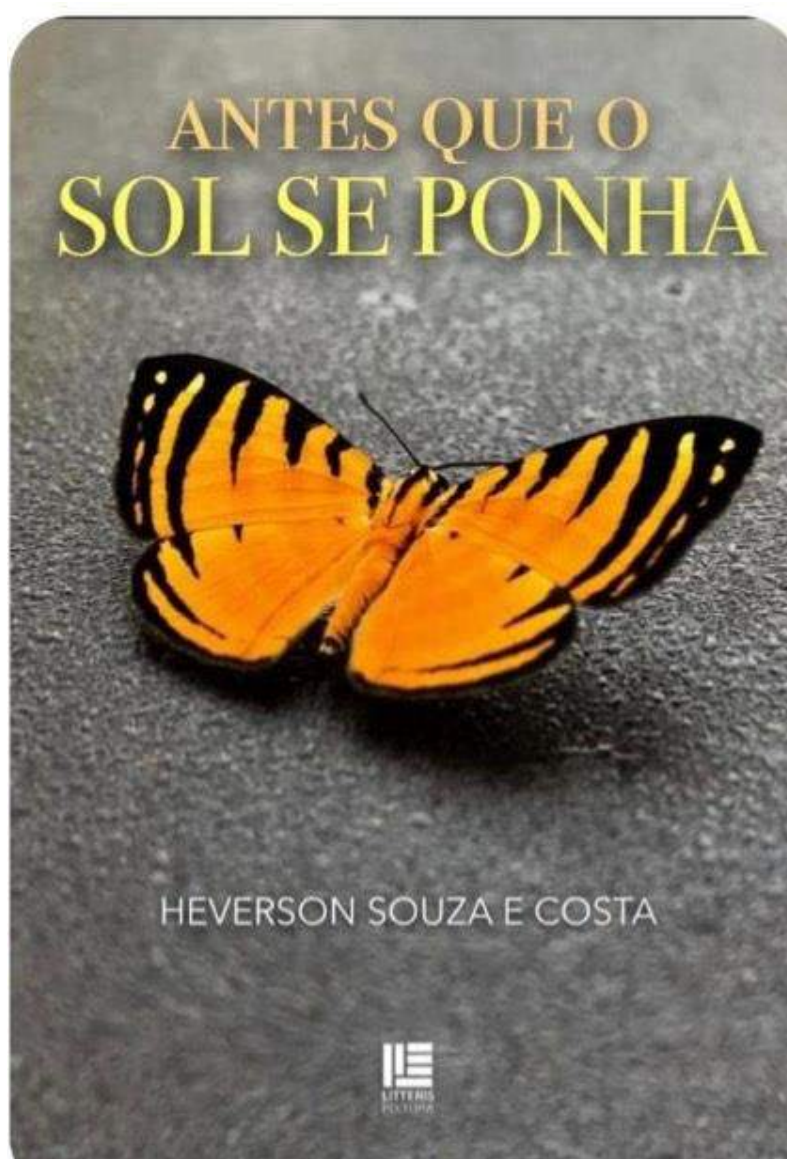
Um filme: “Drácula” de Bram Stoker

Um hobby: viajar, conheço 33 países

Um dia especial: todos os dias, viver já é uma ocasião especial

**Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?**

**Heverson Souza e Costa:** Meu último comentário é para que todos se deixem encantar pela vida e seus mistérios e torne o aparentemente simples ato de viver numa jornada surpreendente e mágica que dê sentido à existência apesar das perdas, dissabores e contratempos. lembre-se: “A única luta que se perde é aquela que você abandona”.





● REVISTA CONEXÃO LITERATURA

# ENTREVISTA

COM LUIZ CECANECCHIA



**Luiz Cecanecchia**

É médico, escritor e produtor de conteúdo da rede “Monstros e Aventuras” focada em ficção científica e fantasia. Sua primeira publicação foi o conto pós-apocalíptico “O fantasma e o Dragão” na Revista Literatura Fantástica n1, tendo atualmente os e-books de suspense sobrenatural “Aventureiro do Espanto”, “Tecnoexorcismo” e “Poesias de mistério” disponíveis na Amazon.



**Entrevista**

**Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**

**Luiz Cecanecchia:** Os quadrinhos, como muita gente, foi minha introdução na área, tanto pela leitura em si como pela adaptação de clássicos que consumi pela primeira vez nesse formato. Com Cavaleiros do Zodíaco minha empolgação foi tanta que cheguei a fazer um curso de teatro grego na adolescência, o que me abriu os olhos para um mundo novo, me influenciando até hoje.

Durante a pandemia fiz finalmente uma série de cursos de escrita que permitiram realmente publicar meus livros.

**Conexão Literatura: Você é autor do livro "Poesias de mistério". Poderia comentar?**

**Luiz Cecanecchia:** Comecei a notar um interesse crescente poesia narrativa nos últimos anos, especialmente depois da publicação pela primeira vez no Brasil das poesias de Lovecraft em versão comentada. Então finalmente resolvi experimentar o gênero justamente na linha com poesias góticas de horror cósmico, que já tinha tateado nos meu e-books em prosa anteriores.

Procurei fazer com que a métrica de cada poesia dialogasse com os próprios temas, como a desorganização de “O Chicote de Tisífone” refletindo a história se passar justamente no inferno, ou o alto formalismo de “O príncipe acordou” pela história se passar com uma nobreza inspirada em contos de fadas. Mesma a ordem das poesias como um tudo dialoga entre si, começando e iniciando com poemas de fadas noturnas.

**Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?**

**Luiz Cecanecchia:** De pesquisa em si foram 6 meses estudando mitologia grega e terror gótico para inspiração e estruturação. Na hora de escrever o livro em si foi um mês de dedicação e muita reescrita até chegar no patamar ideal, além de toda experimentação com sistemas de ilustração por rede neural artificial para criar imagens que transmitissem o clima onírico que combinasse poesia e pesadelo da obra.

**Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?**

**Luiz Cecanecchia:**

Pelo labirinto de metal, destroços e insetos.

*Um quadro eu buscava na estranha travessia*

*Uma pintura ancestral da fundação da cidade*



*Preservada através de desconhecida feitiçaria*

**Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?**

**Luiz Cecanecchia:** O livro está disponível na Amazon, sendo gratuito para assinantes do Kindle Unlimited, junto com minhas outras obras.

Além disso, produzo conteúdo em outras mídias, especialmente no canal de youtube Monstros e Aventuras onde muito material de pesquisa para vídeos é parte da minha própria pesquisa de produção literária, onde estarei aberto ao diálogo no setor Comunidade e nos comentários dos vídeos.



**Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?**

**Luiz Cecanecchia:** Com certeza! Tem mais poesia gótica de horror cósmico já sendo escrita, sem repetir as temáticas dos poemas já publicados, além de outros projetos literários sendo esboçados.

**Perguntas rápidas:**

Um livro: Paraíso Perdido de John Milton

Um (a) autor (a): R. F. Luchetti

Um ator ou atriz: Vicent Price

Um filme: A Hora do Pesadelo

Um dia especial: 31 de outubro

**Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?**

**Luiz Cecanecchia:** Existe um universo poético enorme que trabalha ficção especulativa, tanto nacional quanto estrangeira, que está se expandindo no Brasil. Aproveitem essa oportunidade e não tenham

medo por achar difícil entender poesia (um preconceito bem comum em nossa cultura), pois existe formas e conteúdos acessíveis para todos. Lembrando que cordel também é poesia!

PARTICIPE DA ANTOLOGIA

# ESPADA E FEITIÇARIA II

E-BOOK



saiba mais: clique aqui



# ENTREVISTA

COM SISSA MARIA



**Sissa Maria**

Nascida em São Paulo, a terceira de quatro irmãos e bacharel em administração. Desde a infância seu verdadeiro amor são os livros, durante sua adolescência, passava horas no bairro da Lapa visitando sebos à busca do próximo livro que te transportaria para uma grande história de amor ou uma empolgante aventura. Inspirada por esses autores, sonhava em trazer a vida suas próprias histórias, entretanto precisou focar em outra carreira por muitos anos até que em 2020 decidiu-se finalmente retomar o antigo sonho, publicando então seu primeiro romance em janeiro deste ano, Sissa Maria, inicia sua trajetória no mundo literário com muita empolgação.



**Entrevista****Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**

**Sissa Maria:** “Um novo dia para o amor” é meu primeiro livro, então estou iniciando agora no meio literário, está sendo muito desafiador, não é fácil ser uma autora auto publicada no Brasil. Os espaços são de difícil acesso e infelizmente a população brasileira sofre com tantos problemas socioeconômicos que investir no entretenimento através da leitura é algo que fica no fim da lista, mas acredito que pouco a pouco estamos conseguindo dar pequenos avanços para o crescimento orgânico do hábito da leitura.

Apesar de tudo, realizar o sonho de virar uma autora publicada é maravilhoso, algo que tenho guardado no coração desde a adolescência e realizo agora com trinta e cinco anos de idade. Acho que isso mostra que sempre podemos resgatar nossos sonhos e objetivos, nunca devemos desistir.

**Conexão Literatura: Você é autora do livro "Um novo dia para o amor". Poderia comentar?**

**Sissa Maria:** “Um novo dia para o amor” é uma emocionante história de amor versus vingança.

Vicente teve toda sua família destruída quando aos quatorze anos, seu pai foi acusado injustamente de um crime, a partir de então a sua única meta na vida passou a fazer justiça ao nome do seu pai e se vingar do homem responsável por tudo aquilo.

Para se aproximar de seu inimigo ele precisa se envolver com Eliza, a filha dele, que foi criada fora do país e está regressando, tudo está friamente planejado, mas Vicente é surpreendido pela atração forte que sente ao conhece-la e pelo seu jeito puro e nobre, e acaba se apaixonando. E agora ele vive um dilema ainda pior, pois precisa honrar a promessa feita ao pai de fazer justiça ao seu nome, mas não consegue abrir mão do amor de Eliza.

Eu amei construir essa história, ela é sobre a consequências dos nossos atos, a importância das segundas chances e a soberania do amor.

Quando pensei no protagonista, tentei trazer um personagem masculino real, com qualidades e defeitos, longe do estereótipo de “príncipe azul” que vemos em muitos romances, mas não exatamente um anti-herói. Simplesmente um ser humano, que pode tomar decisões equivocadas com base em intenções justas (do seu ponto de vista). Já Eliza, é o ideal de ser humano, “o próprio sol”, como diz Vicente, que aquece e influencia todos com o calor de sua bondade, mas que por ser assim é muito afetada pela maldade ao seu redor, quis que ela fosse assim, pois realmente acredito que ainda existem pessoas que são genuinamente boas e que o mundo precisa de mais disto.



Em “Um novo dia para o amor”, o leitor vai sentir que por mais certo que pareça um caminho, algumas coisas nunca estão sob controle.

**Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?**

**Sissa Maria:** É muito heterogêneo (kkkkkkkkkkkk), às vezes, a ideia vem toda pronta inclusive com os nomes das personagens, como se fosse uma inspiração divina e muitas outras eu só penso num conceito genérico e começo a desenvolver tecnicamente ele, criando enredo, conflito, argumento e ficha psicológica dos personagens e então só depois começo a escrever.

Às vezes eu tenho pastas no Pinterest ou Trello que durante muito tempo vou guardando coisas que tem relação com aquela ideia que quero desenvolver, até que algo se torna um gancho que junta tudo e liga a história criando um fluxo que faz sentido, pode ser uma música que inspirou uma cena, ou algo que inspirou um personagem ou o conjunto de várias coisas que juntas começaram a fazer sentido dentro do contexto do enredo.

Em “Um novo dia para o amor” eu tinha o plot, sabia que queria um livro que acontecesse tal evento e que isso mudasse completamente a direção da história, também sabia que queria uma protagonista negra, pois precisamos aumentar a representatividade e a partir daí comecei a desenvolver o enredo e argumento da história.

**Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?**

**Sissa Maria:** “...então era isso, meu pior medo era verdadeiro, eu tinha sido um instrumento, um caminho, para ele chegar até meu pai e destruí-lo. Tudo que tínhamos vivido, todas as lembranças, todos os momentos de intimidade nada tinham a ver com amor e sim com ódio.”

**Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?**

**Sissa Maria:** Meu livro está disponível em e-book na Amazon, você pode adquiri-lo para ler em qualquer dispositivo móvel (tablet, celular, kindle). Ele também está no Kindle Unlimited, então se possui a assinatura é só fazer o download gratuitamente.

Vocês também poderão encontrar a versão física nos maiores sites de compras do Brasil: Submarino, Amazon, Americanas, Mercado Livre e Shoptime.

E para quem quer acompanhar meus lançamentos e saber um pouco mais sobre meu trabalho, pode ficar ligado na minha página e me seguir no Instagram @sissa.autora

Link e-book: <https://www.amazon.com.br/dp/B09Q68JL8Q>

Link livros físicos:

[https://www.amazon.com.br/dp/6589952809?ref=myi\\_title\\_dp](https://www.amazon.com.br/dp/6589952809?ref=myi_title_dp)

<https://www.submarino.com.br/produto/4482833750?sellerId=25403659000110>

<https://www.americanas.com.br/produto/4482833750?sellerId=25403659000110>

[https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-2115427067-livros-um-novo-dia-para-o-amor-\\_JM](https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-2115427067-livros-um-novo-dia-para-o-amor-_JM)

<https://www.shoptime.com.br/produto/4482833750?sellerId=25403659000110>

Minha página: <https://www.sissamaria.com>

### **Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?**

**Sissa Maria:** Ter muita persistência, não é fácil, muitos dias vocês vão querer desistir, mas todos os autores no Brasil passam pelo mesmo, então permaneçam firmes.

Também recomendo sempre tentar estudar um pouco sobre o meio editorial, assim vocês vão saber avaliar um bom trabalho, exigir das profissionais que trabalham com vocês e ter senso crítico. Mas não foquem só em técnica, no fim do dia escrever é arte, é inspiração e é amor e muitas vezes vejo pessoas talentosas ficaram paralisadas porque não conseguem aplicar métodos e técnicas. Só escreva, faça seu melhor e se arrisque.

### **Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?**

**Sissa Maria:** Sim, claro que tem!

Esse ano ainda quero lançar meu segundo romance “O som de nós dois”

“Tudo que Sara sempre quis foi se tornar uma pianista, até conhecer Rodrigo e o adicionar na sua lista de desejos inalcançáveis. Mas ele se apaixonou por ela, e ela conseguiu sua tão sonhada bolsa de estudos.

Sua felicidade parecia completa, até um terrível acidente traçar caminhos que ela jamais teria imaginado para sua vida.”

E para o ano que vem estou trabalhando numa trilogia de romances que vai acompanhar a história de três irmãos na busca pelo amor e estou também desenvolvendo meu primeiro livro de fantasia, mas este ainda não tenho uma previsão para lançamento.

### **Perguntas rápidas:**

Um livro: Orgulho e Preconceito – Jane Austen

Um ator ou atriz: Cate Blanchett

Um filme: A bela e a fera (live action)

Um hobby: Viajar

Um dia especial: 23/01/22 quando lancei “Um novo dia para o amor”



### Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

**Sissa Maria:** Gostaria de agradecer a todos que reservaram um tempo para se dedicar ao meu livro e pedir que continuem apoiando não só a mim, mas a literatura contemporânea brasileira, as autoras nacionais e auto publicações é um meio muito difícil e se o público brasileiro não valorizar os incríveis talentos que temos aqui nesse país, jamais vamos poder avançar como sociedade. Temos escritores tão incríveis quanto os estrangeiros, portanto deem uma chance, tenho certeza que vocês vão se surpreender demais.





● REVISTA CONEXÃO LITERATURA

# ENTREVISTA

COM NEWTON JAMES RUIZ



**Newton James Ruiz**

Gaúcho de Porto Alegre, ator profissional de teatro, sempre foi um contador de histórias e o engraçadinho da turma.

É um observador contumaz da natureza humana e de suas mazelas, transformando em poesias e crônicas, a agruras e prazeres do homem e da mulher na difícil lida pela sobrevivência e aceitação social.



## Entrevista

---

**Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**

**Newton James Ruiz:** Tudo começou pelo ofício de ator, onde a criação de esquetes de humor me obrigava a recorrer à escrita, tanto para dar um norte no roteiro quanto na descoberta da musicalidade das palavras, na afinação da linguagem, melhorando a fluência do texto falado, para uma melhor compreensão aos ouvidos de quem assistia minhas apresentações.

Isso me levou a recordar os tempos de escola e minha alegria quando era obrigado a fazer uma redação, contar uma história, embora não fosse um dos melhores alunos de português, fazendo complementar o meu fazer artístico, na conciliação das artes cênicas com a literatura.

**Conexão Literatura: Você é autor do livro "Borboleta Medusa". Poderia comentar?**

**Newton James Ruiz:** Escrevi o livro Borboleta Medusa a partir de uma percepção do momento de transformação comportamental de muitas mulheres da faixa dos cinquenta que, de maneira geral, buscam exercitar seus direitos à liberdade e à soltura das amarras sociais que insistem ainda em mantê-las sob regras patriarcais.

Não é uma obra panfletária, mas durante as narrativas das aventuras de sua protagonista, percebe-se, de maneira indireta, o quanto suas atitudes “transgressoras” contrastam com o que se espera hipocritamente das mulheres.

A história oscila entre o romance amoroso com muitos momentos eróticos e a questionamentos sobre os direitos à igualdade de gêneros e a aceitação masculina, com questionamentos também sobre o que é o amor em contraponto à possessividade, mas jamais caindo no maniqueísmo ou no julgamento moral.

Ao final da leitura, a conclusão sobre a vida da protagonista, o leitor poderá seguir por pelo menos três caminhos: qual das três visões se encaixariam melhor na personalidade da personagem? Ao que ela pensava dela mesma, a visão de quem narrava sua história, ou a conclusão do leitor que não necessariamente concordará com uma das duas visões anteriores.

Vale ressaltar, também, que o livro é ricamente ilustrado por 29 obras do ilustrador curitibano Polaco.

**Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?**

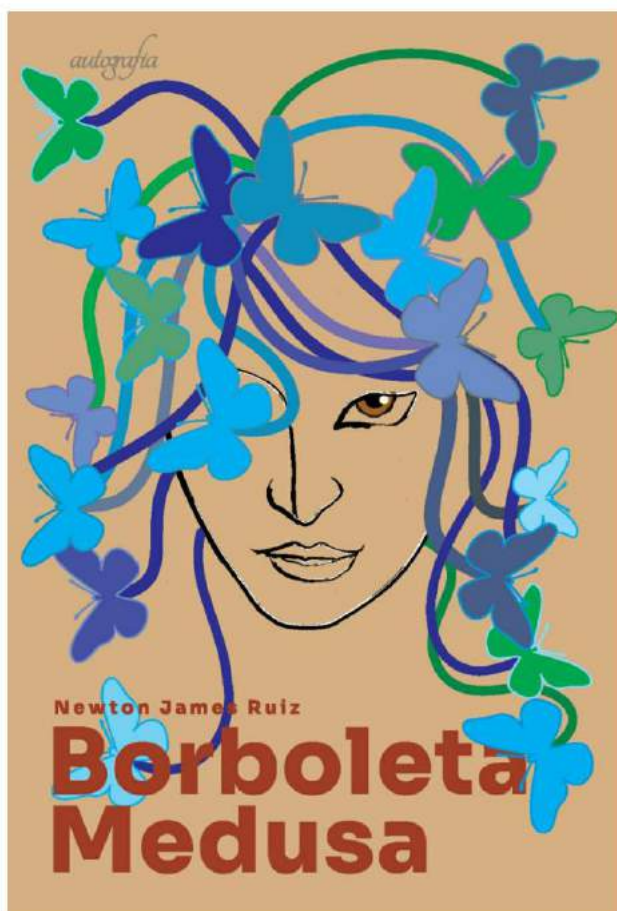
**Newton James Ruiz:** A história foi narrada gradativamente para mim de maneira não cronológica e com detalhes fragmentados. À medida que conseguia juntar os elementos, percebia uma enorme possibilidade de transformar essa incrível narrativa em uma história

cheia de elementos excitantes, em um livro onde diversos aspectos podem criar o interesse de um público diverso e ávido por histórias empolgantes e reais.

Os fatos foram ordenados cronologicamente e entremeados de questionamentos do narrador que pouco a pouco é impregnado amorosamente com a protagonista e vai confrontando seus próprios valores.

Entre o início do projeto, toda a pesquisa da história e montagem, foi um ano e meio, depois foi mais seis meses de contratação da editora e publicação do livro.

**Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?**



**Newton James Ruiz:** “No momento em que tudo acontecia, um vizinho de apartamento passou por eles, levando o cachorro para um passeio, porém não viu nada do que acontecia dentro do carro.

Com o coração acelerado pela excitação e por medo de ser flagrada por seu vizinho ou até mesmo pelos próprios filhos, Bia sentiu um grande tesão por toda a situação inusitada, principalmente para uma mulher de sua posição social em uma atitude explicitamente atrevida.”

**Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?**

**Newton James Ruiz:** O livro pode ser adquirido de forma impressa pelo site da Editora Autografia, pela

Americanas, Googleplay, Amazon e Martins Fontes Paulista.

No formato e-book, pode ser encontrado na Amazon, Americanas, Submarino, Kobo, Livraria Cultura, Apple e outros.

**Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?**

**Newton James Ruiz:** Tenho alguns ensaios e poesias e um outro livro na mesma linha de pesquisa da Borboleta Medusa.



**Perguntas rápidas:**

Um livro: Vita Brevis de Jostein Gaarder

Um (a) autor (a): Guimarães Rosa

Um ator ou atriz: Wagner Moura

Um filme: Central do Brasil

Um dia especial: O dia em que vi Beatriz pessoalmente, pela primeira vez.

**Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?**

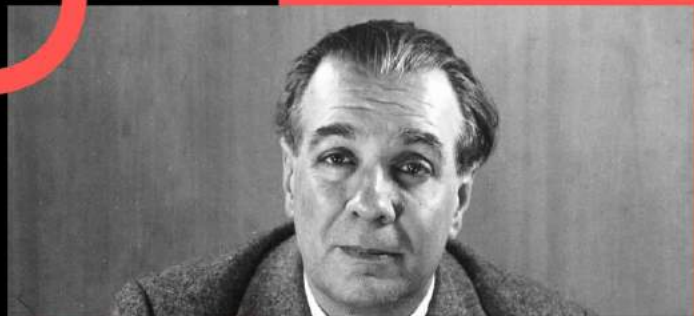
**Newton James Ruiz:** Se a vida é curta, que não seja medíocre.



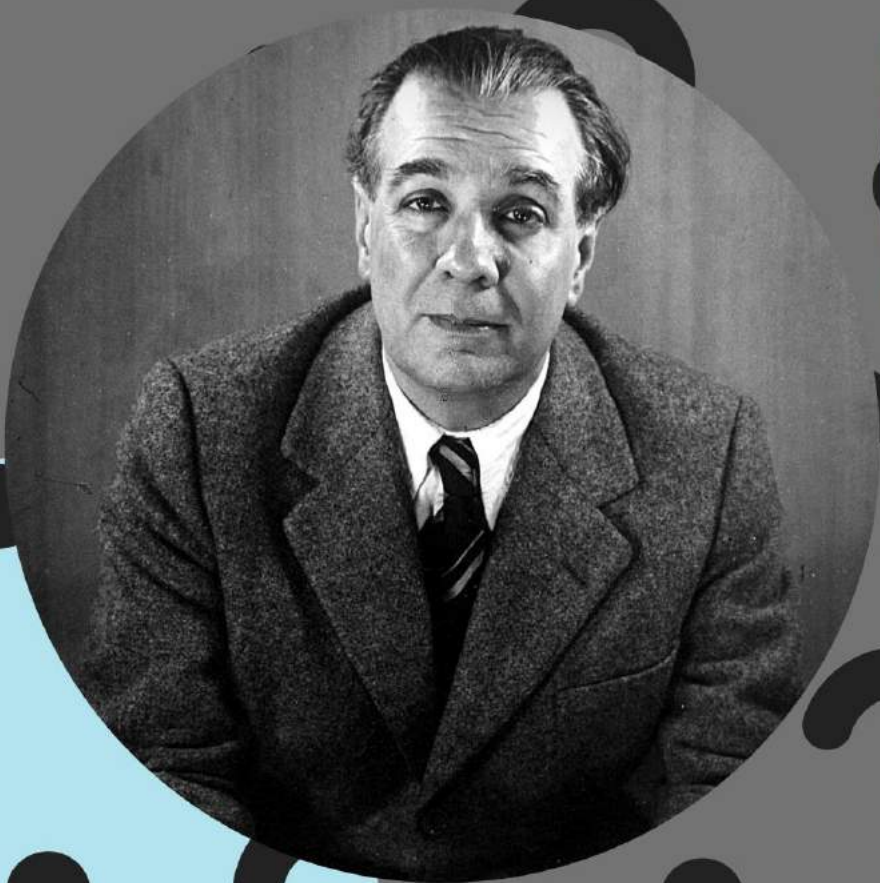


# CITAÇÕES DE GRANDES AUTORES

Todos os meses na  
Revista Conexão Literatura





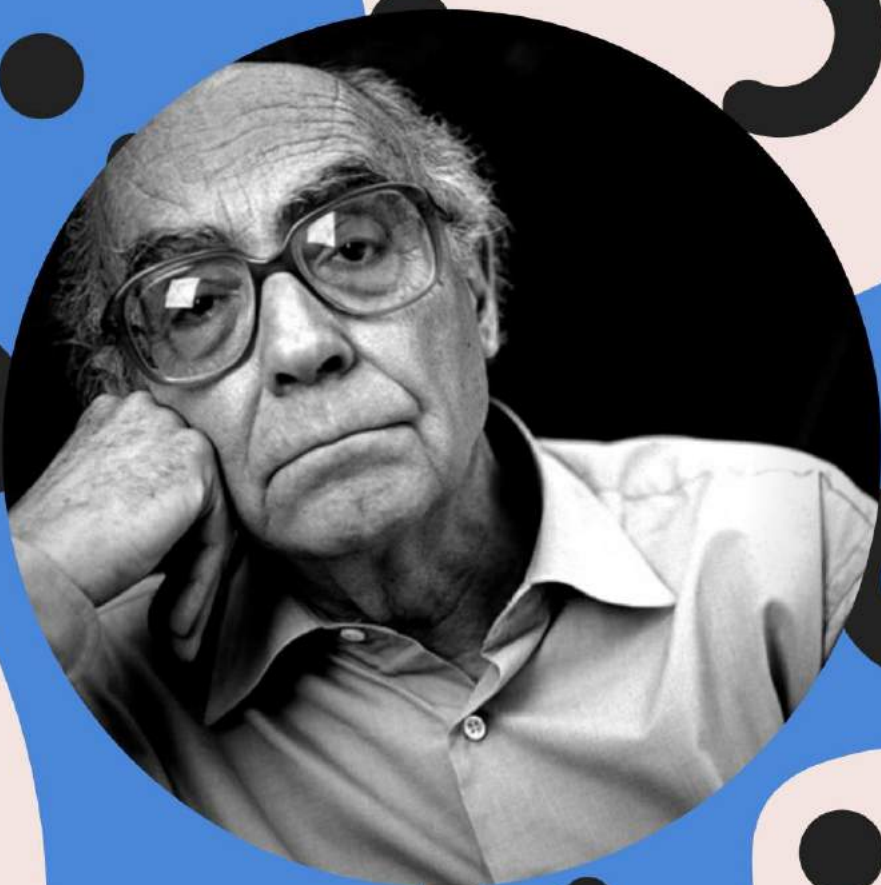


## **JORGE LUIS BORGES**

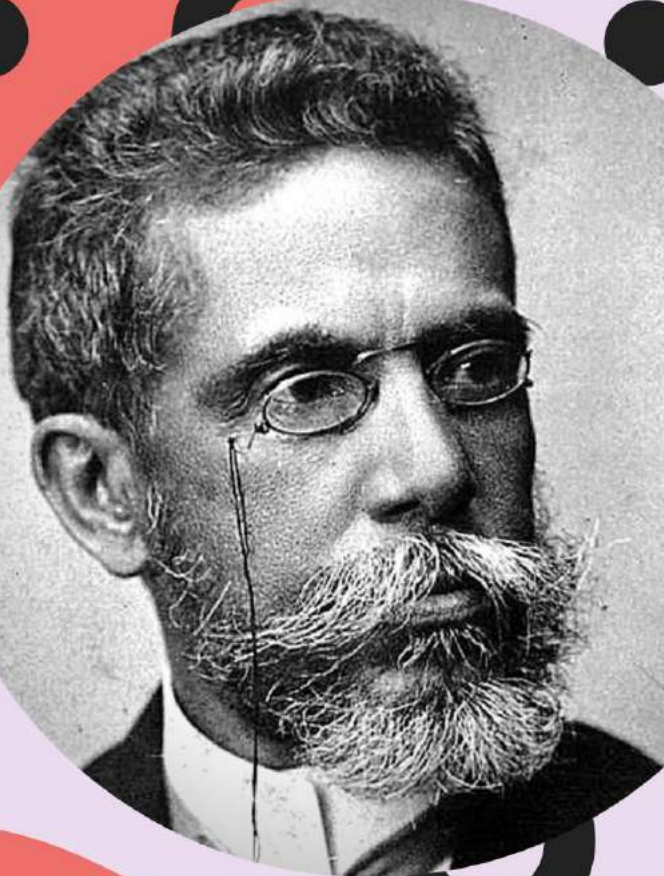
Parece-me fácil viver sem  
ódio, coisa que nunca  
senti, mas viver sem amor  
acho impossível.

# **JOSÉ SARAMAGO**

Há coisas que nunca se  
poderão explicar por  
palavras.







## **MACHADO DE ASSIS**

Um das coisas nascem de  
outras, enroscam-se,  
desatam-se, confundem-  
se, perdem-se, e o tempo  
vai andando sem se  
perder de si...




# REVISTA CONEXÃO LITERATURA

CONECTANDO AUTORES E LEITORES

Acesse o nosso site e redes sociais e fique por dentro do que acontece no mundo dos livros

 @conexaoliteratura

 @revistaconexaoliteratura



[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)



incentivo à leitura



## O profeta

**CONTO**

"As bombas estouravam, trazendo a morte, livrando do sofrimento os soldados da frente de batalha; onde o quê menos valia era a vida, pois o interesse econômico de braços dados com o egoísmo promovia a catástrofe humana, na segunda guerra mundial."

**IDICAMPOS**



**Conto**

---

As bombas estouravam, trazendo a morte, livrando do sofrimento os soldados da frente de batalha; onde o quê menos valia era a vida, pois o interesse econômico de braços dados com o egoísmo promovia a catástrofe humana, na segunda guerra mundial.

O cara de Jaceruba estava lá, matando quem não tinha nem xingado a mãe dele, defendendo a morte, sonhando com a paz... Retornou do conflito amputado do braço esquerdo, alvejado por uma rajada de metralhadora; órfão dos pais, sozinho num mundo de muito ódio e de pouco amor.

De volta, sobrou o relento, o esquecimento; deprimido entrou mata dentro, foi viver na serra de Tinguá. Isolado, buscou na mata o sustento, convivendo em harmonia com a fauna nativa, numa instalação improvisada.

Os dias voaram — recluso — viabilizou, no contato com a natureza, o conhecimento dos poderes curativos das plantas; passando a aliviar as dores dos populares, no entorno da serra.

Curava as enfermidades com a leitura, sensível, da flora da região... As plantas revelavam os seus segredos ao atento observador, da arquitetura do universo... Sentia a emoção daqueles seres enterrados no chão, aprendia a ouvir a natureza, vivenciava a vida vegetal.

Começou, didaticamente, aliviando pequenas moléstias; com o amadurecimento da técnica revelou-se um mestre no assunto, o Senhor de Tinguá! Capaz de curar até patologias mais complexas.

Acordava absorto no ar puro, enchia os pulmões, controlava o aparelho respiratório. Por intuição desenvolvia a fisioterapia respiratória. Através do uso correto das vias aéreas proporcionava, apoiado nas experiências pessoais, o controle da asma, da bronquite, das alergias; a quem lhe pedisse consulta.

Atendia os necessitados, na sombra das árvores, trocando conhecimento por doação... Fazia fila, as pessoas estimavam o velho sábio; então, na sequência, adquiriu visibilidade, transformou-se num mito!

A floresta cedia seus mistérios ao curandeiro, revelava os meandros da fitoterapia. Apresentava a terra como veículo de alívio às maledicências das doenças. Tinha as espécies nativas tipo ferramentas, formulava os extratos milagrosos, capazes de interromper os distúrbios do organismo...

O rio Tinguá acaricia a serra com suas águas, abençoando a filantropia, abastecendo a população, gozando do privilégio da preservação, mantida pela Reserva Biológica Federal do Tinguá, com 26 mil hectares de extensão.



O Senhor de Tinguá, como ficou conhecido, era ovacionado nas comunidades próximas. Sob os desígnios do meio ambiente, harmonizava-se com a água; usava-a na cura, diante das patologias, nos tratamentos.

Com o fogo, trazia a luz aos desamparados, sempre atento à preservação da Serra de Tinguá! Usava as chamas na cauterização das feridas, oferecia alento aos dependentes da saúde pública.

Aliado ao magnetismo da área, o Senhor de Tinguá encontrava na região a paz perdida na guerra... Acreditava na consciência ecológica, investia na evolução espiritual dos moradores de Nova Iguaçu, onde estava a maior parte do território da reserva.

A fama dele desceu a serra, ganhou notoriedade, estampou na primeira página do Jornal Correio da Lavoura! A edição saiu, apimentada, em defesa da medicina popular. O talentoso jornalista escrevia a manchete: CURA NA SERRA DO TINGUÁ!

Em paralelo, a história de Tinguá, acontecia o suicídio de Getúlio — os anos dourados — a crise econômica do pós- guerra; a década de cinquenta dançava a música oriunda dos negros, criada nos Estados Unidos, o Rock.

Estavam todos juntos, porém separados, viviam a guerra fria, a histeria bélica das grandes potências, a fragilidade da paz, a exploração do homem pelo próprio homem.

Triste de um lado, curioso do outro, o prefeito do município de Nova Iguaçu solicitou a presença de Sinhozinho, no gabinete particular, de manhã, na terça-feira, na entrada da semana.

O Senhor de Tinguá, alerta, recebia a mensagem, chegando ao encontro, pontualmente. Recebido com um sorriso, sentou na cadeira, do lado da autoridade. O chefe do executivo esvaiu em lamúrias, relatou sua disfunção erétil... Comentou ter sido submetido a vários tratamentos, entretanto continuava brocha e após a leitura do Jornal, via uma luz no fim do túnel...

O mestre pôs a mão na massa, escolheu as ervas, colocou no caldeirão, mexeu, misturou, formulou a química... Exercia a medicina popular, o extrato ficara pronto. Nem titubeou, entregou pessoalmente, na mão do paciente ilustre.

O cliente ficou tinindo, novinho em folha, reatou até o relacionamento desgastado... Aí, contente com o resultado, nomeou o Senhor de Tinguá a secretário de saúde da prefeitura.

O Senhor de Tinguá, empossado chefe da saúde, quebrou a patente de remédios, multiplicou o tratamento fitoterápico; transformou a realidade sanitária da cidade. A audácia do homem da guerra contrariou a indústria farmacêutica, o comércio de medicamentos, a máfia das clínicas particulares; os carneiros do sofrimento.

Em prazo curto, contraiu incontáveis inimigos, despertou a inveja, sofreu a calúnia das fofocas, o disse me disse; sendo acusado, sem provas, nem testemunhas, por

corrupção. O prefeito, conciliador, escravo do poder, abandonou o aliado a própria sorte...

Perante a repercussão dos maus entendidos, pediu demissão do cargo, resguardou-se na Serra de Tinguá; dando continuidade ao trabalho alternativo. As perseguições aumentaram, sendo denunciado por charlatanismo.

A justiça, a serviço do capital, condenou o sacerdote: encarcerou-o, contudo nunca acabaria com a reputação do Senhor de Tinguá!

Cumpriu a pena, retomou o trabalho de saúde pública, construiu uma tenda na Serra de Tinguá, um hospital de campanha. Assumia a sina do bom coração...

Noutro dia, quando labutava a dor alheia, levou uma porrada, com uma pá, operada por um jagunço da indústria química. Rodopiou ribanceira a baixo, caiu morto. O assassino mais os comparsas cortaram o Senhor em pedacinhos e jogaram no rio.

Hoje, já dobrou o século XXI, mas os nativos continuam mergulhando no rio Tinguá, no dia da morte do santo, acreditam lavar a alma dos pecados do mundo...



**Idicampos**, Idimarcos Ribeiro Campos é professor de português-literaturas, com pós-graduação em Formação de Leitores, tendo por tema: “Todo mundo gosta de ler, basta lê o quê gosta”. Publicado em periódicos, coletâneas físicas e digitais. Produzindo diferentes gêneros da arte da palavra.



CONTOS FANTÁSTICOS

# UMA OBRA DO AUTOR

Roberto Fiori



DIGITAL E  
IMPRESSO

saiba mais: clique aqui

incentivo à leitura

## Velório

**CONTO**

"Baixou uma tristeza geral na cidadezinha quando se espalhou a notícia do falecimento de Dona Isolda."

**IRACI JOSÉ MARIN**



## Conto

**B**aixou uma tristeza geral na cidadezinha quando se espalhou a notícia do falecimento de Dona Isolda.

O velório se deu no salão paroquial, que ficou o tempo todo cheio de pessoas que queriam se despedir, com muitas lágrimas espontâneas, daquela alma bondosa, além dos familiares. Estendida no caixão ornado de rendas, com muitas velas e flores ao seu redor, Dona Isolda era envolvida por alguma luz invisível.

Os sinos tocavam a cada hora e seus sons soavam como um lamento.

As rezas e os cânticos eram contínuos. Rezadores e cantores se revezavam e a contrição só não era maior porque sempre tinha uns que falavam de futebol, da colheita do fumo ou do milho, ou faziam comentários concupiscíveis a respeito de alguma mulher. Elas faziam também seus intermináveis comentários sobre comidas, falavam dos filhos ou do marido. Uma delas deixou escapar que descobrira um segredo escabroso do seu. Não revelou o segredo, mas cada mulher que a ouviu acabou criando um.

No início da tarde, o cheiro de vela e de jasmim dominou o ar abafado do salão. O ar estava infestado dos cheiros de velório. Ouviam-se pessoas tossindo com mais frequência. Uma senhora botou a mão no peito e respirou fundo. Alguém percebeu que ela não se sentia bem e fez vento com a mão sobre seu rosto. A dor daquele momento ficava maior com a dor que sentia no peito.

Dona Isolda enxugava. O transe em que todos se encontravam não permitiu que alguém percebesse qualquer mudança dentro do caixão aberto. A alteração na falecida era constante, embora lenta, assim como ficou lenta a cantoria no meio da tarde. Alguém entoou uma canção de esperança e logo se formou um grande coro de vozes roucas: “Com minha mãe estarei / na santa glória um dia / Ao lado de Maria / no céu triunfarei.// No céu, no céu / com minha mãe estarei / No céu, no céu / com minha mãe estarei...”

O corpo de Dona Isolda esmorecia, tornando-se cada vez menos Dona Isolda e cada vez mais um ser irreal, transportado por uma força invisível e transformado numa luz etérea, sem que os lacrimosos olhos humanos pudessem ver.

A reza e a cantoria não paravam. Em certo momento, a devota que iniciava as orações falou: “Agora vamos rezar pelo primeiro de nós que vai morrer”. Alguns fecharam os olhos, em piedosa atitude; outros se olharam, surpresos com a invocação. No fundo do salão, um riu baixinho e falou para o amigo: “Vou rezar pra você!” O amigo devolveu: “E eu pra você!”

No horário combinado, o padre chegou e, com voz esmorecida de aflição, fez as orações de costume. Concluiu as exéquias com o indispensável “*Requiescat in pace!*” A resposta do povo produziu eco no salão e ganhou a rua: “Amém! Amém! Amém!”

Depois, homens fortes levantaram o caixão, logo percebendo que ele tinha apenas o peso da madeira. Olharam-se com ar de susto. Um chamou o padre e cochichou-lhe ao ouvido: “O caixão está levinho. Parece até que Dona Isolda não está dentro dele!” O padre olhou para ele com ar de São Tomé e pegou na alça do caixão. Sentiu a sua leveza. Então pediu para que o baixassem. Baixado, foi aberto e lá estava a figura de Dona Isolda, serena e bela como nunca.

A curiosidade do povo quase virou tumulto. Os fiéis queriam saber o que estava acontecendo. O padre levantou os braços, pedindo atenção, e falou em alta voz: “O caixão tem só o peso da madeira. Dona Isolda é vista, mas parece não estar dentro dele. Então, só se pode concluir que ela foi elevada aos céus! É um milagre! Dona Isolda é uma Santa!” A multidão explodiu em desencontradas exclamações e rezas. Alguns se ajoelharam, outros ergueram as mãos em louvação ou choraram de alegria, outros cantaram esquecidas canções, e os sinos soaram sons de aleluia.



**IRACI JOSÉ MARIN** reside em Caxias do Sul - RS. É professor aposentado e advogado. Publicou contos em diversas revistas, além de obras de ficção. Também publicou artigos e obras de pesquisa sobre a etnia polonesa. Lançou, em 2021, um livro com histórias para o mundo infantil e juvenil. (advmarin@gmail.com)



## O Imperador e o poeta

### CONTO

"D. Pedro era um homem de grande soberba, um galanteador, todas as mulheres que o conheciam ficavam completamente encantadas em sua presença. E quando o grande Imperador se fazia presente ou pedia algo, claro era atendido de imediato."

**IVETE ROSA DE SOUZA**

## Conto

---

**D**. Pedro era um homem de grande soberba, um galanteador, todas as mulheres que o conheciam ficavam completamente encantadas em sua presença. E quando o grande Imperador se fazia presente ou pedia algo, claro era atendido de imediato.

Mas o poeta Veiga, a quem o Imperador tinha em grande estima, não era assim tão obediente. Afinal poeta é um ser à parte, a alma se eleva, o pensamento voa, e a vida passa. Este estava completamente apaixonado. E paixão é coisa séria. A moça de seu encantamento era uma das acompanhantes da pequena Isabel, a princesinha risonha e brincalhona, que vivia fugindo do palácio, com seu amigo Zequinha, um menino filho de uma das empregadas do palácio.

O menino conhecia passagens secretas que nem mesmo os empregados mais antigos conheciam. Pois bem, o pobre Veiga, seguia de perto as peripécias das crianças, e a moça de seus suspiros vivia a correr atrás de Isabel. E ele Veiga, querendo cortejá-la, se prestou em ajudá-la em proteger Isabel.

Quando a moça de desesperava, recorria ao Senhor Veiga. Este de bom grado a ajudava. E o Imperador de nada sabia. Mandem chamar o Veiga, e os empregados partiam na empreitada.

Mas não o encontravam. — Imperador, o Senhor Veiga desapareceu.

Como assim, ele está no palácio encontrem-no.

Não majestade, revistamos cada recanto do palácio.

Procurem o homem

E lá iam eles. O poeta evaporou, pensavam.

Passavam-se dias, e a resposta era a mesma.

Não o encontramos majestade.

E assim os dias viraram meses.

O Imperador, enfim cansou-se. Sabia que o amigo Evaristo Veiga, era um poeta com a cabeça nas nuvens, sorria e deixava ao acaso. No fundo sentiu vontade de ter a mesma liberdade.

Ele que se explicasse quando voltasse à vida da corte.

O Imperador, era um grande músico. Também tinha a cabeça nas nuvens, e por muitas vezes, também esquecia de suas obrigações como regente. Sentava-se ao piano, e das teclas saía música que anunciava a alma de um homem, um homem apaixonado pela vida, apaixonado pela música e pela sensação de mágica que ela lhe trazia. Afinal a vida de



um regente não era nada fácil. Pressões de Portugal, seu reinado ameaçado por intrigas de Estado, seus conflitos amorosos, sua vontade de ser somente um homem, um homem comum.

Sonhava como qualquer ser humano, se pudesse largaria tudo, um piano e sua música o levariam dali, para um outro mundo. Mas ele era um Imperador, o regente maior do Brasil. Que loucura seria essa? Um Imperador de repente virar um mero pianista, seria um caos. Nunca se havia ouvido tanto disparate.

Então largava o piano que amava e ia ter com seus ministros. E lá vinham uma enxurrada de problemas, ele um diplomata na arte de reinar, não tinha às vezes coragem de entrar em contendas. Mas era preciso, não tinha mais como fugir das exigências da Corte portuguesa. Ele se sentia brasileiro. Ele fora um menino, conhecera o Brasil bem cedo e se apaixonara pela Terra morena.

Isabel, a princesinha era para ele, sua maior alegria. Quando estava com ela, deixava de ser Imperador, era tão moleque quanto ela. Pensando nisso mandou que lhe trouxessem Isabel.

Não a encontramos senhor.

Onde está a princesa?

Não sabemos senhor.

E foi assim por algum tempo.

Onde estão as aias de Isabel?

Estão à procura da Princesa senhor.

Os dias seguiam, nada da Princesa. nada das aias, nada da babá, e o Veiga.

Meses, sem que o Imperador, atarefado com coisas do reino, tivesse notícias de seus empregados sobre os desaparecidos.

Era como se a terra os tivesse engolido.

Claro durante um reinado, as obrigações do Imperador não deixavam que ele tivesse tempo para estar com a filha, ou seus familiares, as obrigações de um regente, demandavam longas tarefas, viagens, encontros com outros regentes, e a maratona de viagens em lombo de burro ou cavalo. As distâncias eram demasiadamente grandes, e quando estas viagens ocorriam, eram semanas e até meses distantes. Cartas demoravam a chegar, carruagens quebravam em meio a regiões completamente desoladas.

Era natural estar afastado, sem contar quando tinha de prestar contas a Portugal. Viagens de navio, duravam meses. Mas estas ele já não fazia. E isso incomodava o Rei português.

Então o Imperador tomou a decisão. Sou brasileiro. Cortou todo e qualquer contato com o Reino de Portugal. Não lamentou o cortar os laços com a Corte portuguesa. Lamentava só o sumiço da Princesa, e do seu amigo de alma e música o Veiga.

Um dia de repente a Princesa apareceu.

Papai esse aqui é o meu amigo. E o Imperador viu um lindo menino moreno e risonho. E perguntou, quem é você.

E o menino: — Sou o Zequinha .

O Imperador indagou: de onde você veio?

Sou filho da aia Naná. — Bom, exclamou o Imperador

E a Princesa correu ao colo do pai e foi dizendo:- Papai brincamos de esconder, meu amigo conhece muitos lugares no Palácio. E foi contando, todas as suas aventuras.

Passou alguns dias e o Veiga apareceu.

E o Imperador lhe passou uma carraspana. O Veiga nada explicou, mas lhe entregou um poema.

E o Imperador logo sentou-se ao piano, e deu corpo as palavras. Era a elegia final à sua vontade.

Enfim em seu peito brasileiro nasceu a elegia do Brasil. O hino ao reino de amor à brasileirice. O Hino da Independência. Que retratava seu amor por a terra e a gente.

A meiguice da Princesa amiga dos escravos, a alegria do Veiga apaixonado pela aia mulata, a voz de um povo a quem a sua Terra Natal havia colonizado, nasceu o Brasil de sua magia incondicional, um chão liberto. Nasceu enfim o Imperador brasileiro que não mais tinha laços com Portugal.

**Ivete Rosa de Souza** poetisa, contista e cronista. Livro publicado Coração Adormecido, breve lançamento de Ainda dá tempo, poemas que demonstram a força e a superação. Participou de várias antologias físicas e ebooks. Escreve sobre fantasia, terror e suspense.



incentivo à leitura

0 retorno

**CONTO**

"Se existe um espaço natural e sinestésico era aquele. Como pode feder tão brutalmente: como existem sons em cada resto de coisa ou natureza abandonada?"

**MÓNICA PALACIOS**

**Conto**

**S**e existe um espaço natural e sinestésico era aquele. Como pode feder tão brutalmente: como existem sons em cada resto de coisa ou natureza abandonada? Como pode alguém me convidar a compartilhar momentos quando tudo resulta adverso e degeneradamente asqueroso.

Nãooooooooooooooooooooo, me resisto, não posso ir, não posso seguir caminho e muito menos me imaginar lá, sentados, lembrando e revivendo algo que foi muito melhor que o presente.

Falam, sempre escutei que a memória eterniza bons e maus momentos porque ela se rege por outro tempo que não é o Kronos. Não lembro o nome, mas é esse mesmo que me faz confrontar o passado com este presente deplorável.

Como alguém pode me dizer que pintou aquele entardecer envolvido neste lamaçal de sujeira? Como alguém pode lembrar o gesto do sorriso quando levou tantos golpes físicos e morais ao longo destes últimos anos?

Como? Só posso repetir como!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!

Estão curiosos, nem imaginam a que realidade me refiro? A que memórias me remeto e a que presente descarto, espanto, desprecio.

Sim, era um amanhecer de inverno, deixou a casa sem explicações. Quem a viu partir diz que estava sorridente, serena como quem vai fazer uma viagem diferente, de reencontros.

Se passaram três anos e tive a primeira pista de que ela tinha voltado a nossa cidade.

Resolvi esperar, imaginei que daria mais pistas, novo contato ou até uma aparição.

Passei duas longas noites e a porta sacudiu, alguém estava a me procurar.

Trémulo pela intuição do que poderia encontrar fui rapidamente.

Sim, era ela ou melhor dizer, os restos dela com um sorriso de paz.

Sim, aquela companheira voltou, leve, suja, farrapenta, sorridente e cheia de amor e paz.

Eu perplexo, não sabia como proceder, era o resto do que foi, do que amei e de tudo que fica no desgarrar de uma vida...

A deixei falar, quase gaguejando, até esqueci de oferecer algo para comer e beber. Poxa! Falta de sensibilidade minha, era uma farrapenta e estaria com todas as necessidades básicas.



Me recompus e nesse rodadoiro de sentimentos lhe servi leite, pão, bolo de fubá, uma banana prata, algumas jabuticabas porque lembrei que gostava e depois sentei e fiquei olhando. Sem entender esse presente, perplexo como poucas vezes na minha vida.

Comia como uma selvagem, mas, quando me olhava, irradiava paz.

De pronto, caiu, parecia desmaiada, embora com toda a dificuldade de me aproximar pelo cheiro que tinha, tive certeza de que aquela cor cinzenta no rosto e no corpo não era sujeira, tinha morrido.

Na sua mão apertada, só um brilho... o anel de nosso casamento. Um papel húmido e sujo de tanto suor dizia: *se não nos encontramos... vim para te devolver.*



### **Mónica Palacios**

É Bacharel em Castelhana, Literatura e Latim - Professorado Mariano Acosta (1976) e Mestrado em Letras (Teoria Literárias e Literatura Comparada) pela Universidade de São Paulo (2000), Doutoranda na Universidade de Cândido Mendes em LIJ, atuando principalmente nos seguintes temas: espanhol, material didático para o ensino do espanhol e ensino de espanhol.

É autora de 3 livros infantis: Cartas de Manú e Aventuras de Filipo (Livrus) e Medos? Nunca Mais!, pela Soul Editora.



incentivo à leitura



## *Núcleo Incandescente*

**CONTO**

"A nevasca bramia enraivecida, vinda do interior do continente branco.  
Aquele lugar falava de um outro tempo, de eras mais rudes quando o frio reinava supremo."

**ROBERTO SCHIMA**



**Conto**

**A**nevasca bramia enraivecida, vinda do interior do continente branco. Aquele lugar falava de um outro tempo, de eras mais rudes quando o frio reinava supremo.

Quem se arriscava fora da base de pesquisa precisava permanecer atado à corda-guia, caso contrário, perder-se-ia na brancura extrema. Não era algo a ser feito levemente. Mais de uma pessoa perecera congelada a poucos metros de distância do calor e conforto da base.

Em uma armadura metálica, profundamente fincada no gelo, a esfera aquecia rapidamente de dentro para fora. Seu contraste em relação ao ambiente glacial era flagrante. A neve que nela grudava logo transformava-se em vapor e este condensava imediatamente em minúsculos cristais de gelo levados pelo vendaval.

Sublimação e solidificação.

Fogo e gelo em duelo.

Verão e Inverno.

Deram ao objeto uma nomenclatura pomposa e difícil de decorar, um misto de nome, algarismos e letras. A mentalidade de certos cientistas era capaz de analisar e compreender os comprimentos de onda das cores do arco-íris, porém, mostrava-se completamente cega à sua beleza e a poesia que dela evocava. Para facilitar — assim como no caso do famoso fóssil de australopiteco, batizado de Lucy — alguém menos insensível chamou o dispositivo simplesmente de "Núcleo". E o apelido pegou.

— Por que Núcleo? — indagou Herman, um estagiário chegado recentemente à Antártida.

O cientista ao seu lado, Dr. Schmitz, observou-o de alto a baixo, lembrando-se do tempo em que ele próprio desembarcara no Polo Sul tão cheio de teorias e vazio de experiências quanto um pinguim recém-nascido. Apontou para a esfera do outro lado da vidraça.

— Porque ao atingir a máxima potência, fará lembrar o núcleo da Terra: uma esfera densa e rubra, tão quente que não será possível aproximar-se a menos de dez metros... Ei, por que está fazendo essa cara de quem comeu e não gostou?

— Desculpe-me, doutor. Eu... — hesitou.

— Pode falar, moleque. Aqui é a Antártida, território neutro por natureza.

— Bem, achei um apelido um tanto sem graça.

O homem mais velho riu, sem tirar os olhos da esfera, cujo ar ao redor começava a tremular.

— Sem graça? Então, você teria gostado das duas outras opções de setores menos formais aqui da base: Bolão e Gordão!

O estagiário riu, atenuando a fisionomia e demonstrando que teria aprovado qualquer uma dessas possibilidades.

Do outro lado, no exterior, vários homens pesadamente trajados para suportar o frio antártico circulavam ao redor do objeto e, a cada aumento de temperatura, afastavam-se mais e mais.

A esfera era uma espécie de drone. Tinha um metro de diâmetro e pesava em torno de uma tonelada. Possuía um reator nuclear capaz de aquecer o seu casco até tornar-se incandescente. Ao atingir a temperatura máxima, seria liberada e pousaria sobre o gelo.

O jovem Herman continuou a olhar, fascinado. Não estava diretamente envolvido com o Núcleo, porém, dependia de seus resultados. Seu campo de estudo era a ictiologia e o objetivo da esfera era afundar na calota polar por vários quilômetros até atingir o lago oculto mais abaixo onde, esperava-se, iria explorar o máximo que pudesse, coletar amostras e retornar à superfície. Seria um feito único nos anais das explorações. Até os astrônomos e exobiólogos estavam de olho, pois consideravam o experimento crucial a uma futura exploração de Europa, satélite jupiteriano que, segundo se acreditava, constituía-se de uma espessa crosta de gelo envolvendo um oceano interior. Se a equipe do Núcleo descobrisse vida superior àquela profundidade, naquelas águas isoladas por milhões de anos, então, a probabilidade de os oceanos de Europa sem habitados aumentaria significativamente.

Entre as teorias sobre a origem na vida, uma dizia ter ela vindo do espaço através de cometas.

Para o estagiário, isso era frustrante, pois, além dos peixes, tinha particular interesse sobre como a partir da matéria inanimada, as moléculas se organizaram até o surgimento da centelha da vida. Embora a hipótese da panspermia tivesse seus atrativos, em relação a origem da vida propriamente, ela nada explicava. Não esperava encontrar as respostas ali, sob quilômetros de gelo, todavia, caso fosse constatada a existência de vida lá embaixo, completamente isolada, em meio ao frio e a escuridão eternos, isso forneceria ao menos um indício de que ela poderia surgir em tais condições, sem influência externa. No lago Vostok, os russos, através de perfurações, descobriram bactérias, porém, permaneceram suspeitas de que pudesse haver um contato subterrâneo com a água do mar. Já o lago que estavam para explorar, os geólogos tinham certeza absoluta de ter permanecido intocado.

— É um outro mundo lá embaixo — falou para os seus botões.

O cientista ao seu lado, supondo estar o rapaz dirigindo-se a ele, concordou.

— Sem dúvida, Herman. Quem precisa de alienígenas? Nas profundezas de nosso próprio planeta encontram-se mundos totalmente inexplorados, misteriosos e que podem revelar o maior dos mistérios. Estou velho, sabe, mas desde adolescente eu sonhei estar aqui e saber o que se esconde sob nossos pés.

— Por que, Dr. Schmitz?

— Por causa de um artigo que eu ganhei de um renomado meteorologista. Era de sua autoria. Na época, eu era adolescente e fissurado em assuntos como discos voadores, extraterrestres, universos paralelos, deuses astronautas. Essa tralha toda. Então, certa feita, li uma matéria onde esse cientista especulava sobre a existência de vestígios de civilização sob a calota polar. Entusiasmado, escrevi para ele e, em resposta, enviou-me o tal artigo. Nele, ele mencionava a detecção através de sonares de estruturas semelhantes a redomas sob o gelo e outras figuras geométricas. Isso levantou uma série de hipóteses, mas como as profundezas geladas da Antártida estavam mais inacessíveis do que a superfície da Lua na época, a coisa toda acabou no esquecimento... Até agora. Agora, dispomos do financiamento e da tecnologia capaz de chegar até lá.



Herman ficou intrigado.

— O senhor está atrás da Atlântida?

— Cale a boca, moleque! Nem ouse dizer isso por aí. Claro que não. Se houve uma Atlântida, por mais que cada idiota a tivesse enfiado ela onde bem lhe aprouvesse, certamente não estaria aqui, nem se isso estivesse registrado explicitamente no mapa de Piri Reis. Mas a comprovação da existência de uma civilização antártica, muito anterior a qualquer outra que pudesse ser imaginada, inclusive a de Göbekli Tepe, mudaria completa e profundamente a história. Não somente a nossa história, Herman, mas A História.

— Como assim?

— Ora, garoto, o *Homo sapiens sapiens* existe na Terra há cerca de trezentos e cinquenta mil anos. A Antártida já teve florestas luxuriantes, mas passou a ser coberta pelo gelo quinze milhões de anos atrás. Certamente, se existirem traços de uma civilização abaixo de nós, essa civilização foi erigida antes de ser coberta pela calota polar e, portanto, não foi obra de humanos.

— Dinossauros?

— Eles se extinguíram há sessenta milhões de anos... Ei, que raios de faculdade está cursando? Não, seria outra coisa, mais moderna que os dinossauros, porém, muito mais antiga do que nós.

— Então, doutor, quem sabe, essas "tralhas" não sejam tão tralhas assim...

— Quem sabe? Certamente, o garoto que ainda existe no fundo deste corpo carcomido iria gostar. Nesse meio tempo, vamos atrás de moluscos, peixes e crustáceos. Se contar algo dessa nossa conversa a alguém, diga adeus ao seu estágio!

Finalmente, a superfície do Núcleo tornou-se completamente incandescente. Seu brilho alaranjado ofuscou os homens mais próximos e, ao sentirem o calor, afastaram-se.

— Soltem-na! — gritou um deles. — O gelo ao redor está derretendo!

De fato, poças d'água começaram a se formar, e aumentavam em tamanho e profundidade.

A um comando, a esfera foi solta e ela rolou sobre a armadura de metal, atingindo a calota glacial.

Fogo e gelo.

Gelo e fogo.

Houve um som de chiado, enquanto o calor da esfera fazia o gelo derreter e, em razão de seu peso passou a afundar. Era uma cena peculiar, pois a neve continuava a cair, o frio fazia condensar o vapor ao redor das barbas e cílios, todavia, no contato imediato com o dispositivo, a água fervia.

— Começou — disse Dr. Schmitz. — Agora, vamos fazer nosso trabalho aqui na base.

— Não irá observar o Núcleo sumir?

— Apesar de sua temperatura, a esfera demorará até afundar de vez. É um confronto de gigantes, garoto: o inferno fervente e o inferno gelado. Ademais, tudo está sendo filmado. Vamos.

Como fora dito, o Núcleo era um drone. Seu controle ficava em um recinto fechado no interior da base, um simulador análogo àqueles que treinavam os pilotos de avião. Nele, um dos operadores — um homem rude do Rio Grande do Sul chamado

Augusto — sentia-se como se estivesse dentro da própria esfera. Se o Núcleo girava, o simulador girava; se trepidava, o operador também percebia isso. E, quando as câmeras pudessem ser acionadas, ele veria tudo como se estivesse diante de uma janela no interior do dispositivo. Até a temperatura interna igualava-se à temperatura dentro do Núcleo para, assim, ele poder reagir mais rapidamente no caso do aparelho encontrar-se em apuros. Por ora, entretantes, a viagem seria longa e tediosa através da calota polar. Na verdade, levaria dias até atingir o lago subterrâneo, e Augusto sentia-se aborrecido. Era piloto de helicópteros e o que menos desejava era participar de um projeto onde teria que ficar atrelado a uma espécie de batiscafo horas e horas. Ainda que revezasse com outros dois pilotos, não se sentia nem um pouco satisfeito das novas funções. Efetuou os testes preliminares. Experimentou as câmeras e logo viu-se rodeado pelo manto de gelo. A medida em que afundava, a claridade exterior foi diminuindo até ele ver-se cercado por uma claridade translúcida.

— Que merda! — resmungou.

Eram três quilômetros de gelo duro feito concreto até atingir o manto líquido.

Calculava-se que o percurso seria completado em cinco dias.

A medida em que a esfera derretia o gelo sob si e ia descendo, a água que ficava acima dela rapidamente tornava a solidificar-se. A lentidão era de uma monotonia sem fim. Embora houvesse um revezamento entre Augusto e mais dois homens, ficar oito horas na câmara esférica monitorando dados que praticamente permaneciam inalterados era uma tortura sem fim. Por isso, quando tomou conhecimento do novato Herman, cujo trabalho dependia do resultado do seu, tratou de apresentar-lhe os controles do drone.

— O principal cuidado que devemos ter é com relação ao reator nuclear, a temperatura externa do Bolão e a interna.

— Ah, foi o senhor quem apelidou o drone de Bolão?

— "Senhor" tá no céu, nunca te ensinaram? Sim, fui eu. Veja aqui, está vendo esta câmera?

— Está tudo escuro.

— Vou ligar o farol... Pronto! Vê agora? É o paredão de gelo pelo qual o Bolão está deslizando. Quanto mais fundo ele vai, mais e mais ele está retrocedendo no tempo. Como naqueles núcleos de gelo que os glaciologistas retiram. Aquelas bolhas de ar, por exemplo, devem estar presas ali há mais ou menos dez mil anos, em plena Era Glacial: mamutes, mastodontes, ursos das cavernas, rinocerontes lanudos... essa bicharada toda. Às vezes, pode-se ver uma camada fina, escura, resultado de alguma erupção vulcânica. Se ficarmos olhando, quem sabe o que mais poderá surgir? Algum animal congelado? Quem sabe? Sem contar o pioneirismo. Embora estejamos aqui, neste controle, de certo modo, estamos lá dentro do Bolão também. Somos os primeiros seres humanos a atingir essas profundidades. Tudo o que estamos observando é novo. Tudo poderá levar a alguma descoberta. Estamos fazendo história.

O estagiário arregalou os olhos e Augusto percebeu que o havia fisgado feito um peixe.

A partir daí, ensinou-o a manipular os principais controles e deixou-o "comandar" a esfera, enquanto fazia algo mais interessante em outro ponto da base, como tomar uma cerveja ou flertar com as enfermeiras.



— Lembre-se: qualquer coisa de anormal, um apito, um peido que seja, chame-me pelo rádio.

— Pode deixar.

— Assim que se fala... Bom divertimento!

Não tardou para que Dr. Schmitz desse falta do rapaz e menos ainda para que descobrisse o seu paradeiro. Correu para lá fulo da vida, pretendendo arrancá-lo do controle e dar-lhe uma boa ensaboada.

— O que pensa estar fazendo aí dentro, garoto?

— Ele deixou, Dr. Schmitz.

— Ele quem?

Sem tirar os olhos dos aparelhos de medição de temperatura, Herman respondeu:

— O Sr. Augusto.

— Ah, o brasileiro. Só podia ser... Saia daí!

— Desculpe-me, doutor. Agora não posso.

— Sai já daí, ou você estará expulso...

— Tem sonar aqui, senhor.

O cientista estacou.

— Sonar?

Herman suspirou de alívio.

— Sim, senhor. Creio ser possível alcançar o fundo e ver o delineado do solo.

— Mostre-me.

E o peixe físgou outro peixe.

Ambos passaram a acompanhar a tediosa descida do Núcleo. Mas não havia enfado no modo como o Dr. Schmitz analisava os resultados do sonar. As imagens não exibiam nada de excepcional e, dependendo do ângulo de desvio, a mesma surgia distorcida. Por fim, o velho cientista distinguiu algo. Apontou.

— Veja aqui! Não está parecendo duas extensões formando um ângulo agudo?

O estagiário chegou a inclinar a cabeça de um lado e do outro, tentando enxergar aquilo que o Dr. Schmitz via. Era como responder a um teste de Rorschach onde, em vez de dizer ao entrevistador o que o entrevistado pensava estar vendo, a prudência recomendava ao entrevistado responder aquilo que o próprio entrevistador julgava enxergar. Foi o que fez Herman.

— Sim, senhor... um ângulo agudo.

— Formidável... Ah, se essa coisa pudesse descer mais rápido! Uma semana ele falou?

— Cinco dias.

— Hum, ainda assim...

De repente, um som tenebroso invadiu o interior do compartimento esférico. Em razão da curvatura das paredes, ecoou vários segundos antes de desaparecer. Foi o som de ossos se partindo, um milhão de vezes amplificados.

Imediatamente, o rapaz entrou em contato com Augusto pelo rádio.

— Sr. Augusto! Sr. Augusto!

Houve uma breve estática, antes do piloto responder.

— Um minuto, benzinho... Hã! Hein? O que há, Sr. Biólogo?

— Um barulho alto, muito forte, de alguma coisa rachando!

Fez-se silêncio um instante. Então:

— Houve alguma mudança nos mostradores de pressão, temperatura e velocidade?

— Não.

— O som foi como se tivessem dado uma martelada no tampo de uma mesa de vidro?

— Mais ou menos, mas foi altíssimo!

— Sossega... Foi isso mesmo, só o som do gelo se partindo. Pode ter ocorrido a muitos quilômetros, mas dentro da calota o som propaga-se muito mais rápido e vai mais distante. A calota está em contínuo movimento. Lento, mas move-se e certas partes menos devagar que outras, fazendo o gelo trincar. Entendeu?

— Entendi.

— Bom. Chame-me só se os mostradores indicarem algo de errado... Vem cá, gracinha!

E desligou.

O cientista foi sarcástico:

— Uma simpatia esse seu amigo. Quero você lá no laboratório dentro de uma hora.

— Mas, Dr. Schmitz — começou a protestar o estagiário.

— Nada de "mas" — falou o velho, enquanto saía do compartimento. — Você trabalha para mim. Esteja lá ou arrume suas malas.

As câmeras do Núcleo indicavam que a claridade do lado de fora diminuía mais e mais a medida em que afundava. Não tardou a ficar completamente escuro. A luz dos faróis não conseguia penetrar no gelo mais do que alguns centímetros.

Embora estivesse em contato remoto com o drone, Herman sentiu o clima no compartimento tornar-se mais opressivo. Era como se ele estivesse naquela cápsula incandescente, mergulhando para o desconhecido. Por um momento, sentiu-se completamente isolado de tudo, aprisionado nas profundezas glaciais, tão distante da humanidade quanto se estivesse explorando o satélite Europa.

Foi quando percebeu que o gelo do outro lado da câmera parara de movimentar-se, ou melhor, o Núcleo deixara de afundar. Conferiu imediatamente a temperatura do casco. Continuava alta o suficiente para derreter o chumbo. Hesitou, perguntando-se se deveria voltar a falar com o piloto. Era evidente que este não queria ser perturbado e talvez o Núcleo continuasse a afundar, mas somente dava a impressão de estar parado. Conferiu o medidor de profundidade. Não. Não estava se movendo. O drone, efetivamente, estacionara a quase duzentos metros de profundidade. Ligou o rádio.

Foi quando aconteceu.

A princípio, um chiado prolongado foi emitido pelo alto-falante, como água sendo derramada sobre uma chapa quente. Em seguida, novamente aquele barulho ensurdecido de algo estalando e, de repente, um clarão foi surgindo da escuridão alguns centímetros além das câmeras até tornar-se ofuscante.

O tremor abalou a base alguns segundos depois.

Herman apavorou-se, sentindo-se dentro de Núcleo e prestes a ser esmagado.

— Sr. Augusto! — gritou pelo rádio. — Sr. Augusto!



Não houve resposta.

Assustado, temendo pela própria vida, abriu a pesada porta de ferro do compartimento de controle do drone. Deu-se em conta, então, que não era somente este que balançava.

Correu pelos corredores da base de pesquisa.

Outros faziam o mesmo, olhares aterrorizados, sem saber ao certo para aonde ir. Alguns procuravam salvar suas pesquisas, evitar que equipamentos eletrônicos ou recipientes de vidro com amostras geológicas, químicas ou biológicas caíssem.

— Terremoto! — gritavam.

— Como pode ser? Não estamos sobre uma falha tectônica!

— Tampouco há um vulcão sob esta parte da calota polar.

— Eu vou saber? Ajudem-me aqui!

Em meio àquela balbúrdia, Herman trombou com alguém.

Era Augusto, o piloto.

— O que está fazendo aqui, Sr. Biólogo?

O rapaz custou a falar, de tão amedrontado.

— Fale! — insistiu Augusto.

— O Núcleo parou... Chiado... Um clarão e, depois... terremoto!

— Mas que merda! — gritou o piloto, soltando Herman e correndo de volta ao posto no qual deveria estar. — O que você fez com o Bolão?

— Nada! Eu...

Augusto largou o estagiário falando sozinho e correu até o controle da esfera. Lá, encontrou o seu superior, o qual passou-lhe uma reprimenda por não se encontrar em seu posto.

Ainda havia um brilho difuso diante das câmeras. Pouco a pouco, ele foi se apagando até as telas exibirem somente a luz dos faróis.

Segundo o mostrador, o Núcleo tornou a descer.

— O que foi aquilo? — perguntou Herman, chegando esbaforido.

— Quem raios é você? — indagou o superior de Augusto.

Este explicou rapidamente, misto de meias verdades com mentiras completas sobre o rapaz ser seu aprendiz.

— Tá, tá, tá... TÁ! Coloque tudo no relatório e encaminhe-o para mim ainda hoje. Preciso verificar os danos na base e consertar a bagunça. Conserte você a sua!

Após o superior afastar-se, Herman ia perguntar algo para Augusto, todavia, este fez sinal para que se calasse e colocou-se em sua cadeira diante dos controles da esfera. Acionou alguns botões. Então, a gravação das cenas do que ocorrera ao redor do drone começou a passar. As telas mostraram a visão que a esfera tinha do fundo: um vazio escuro análogo ao de todas as direções. Subitamente, algo como uma abóbada translúcida ficou no caminho. Novamente, Herman ouviu o som de chiado. O Núcleo queimava aquilo. As telas tremeram e seguiu-se o som de estalo. Não como o gelo rachando a quilômetros de distância, mas daquela coisa translúcida querendo libertar-se do toque escaldante. Então, tudo aquilo brilhou numa luz ofuscante que inundou o controle do drone. E o som do tremor de gelo perdurou por alguns minutos de eternidade.

— Veja — apontou um boquiaberto Augusto.

Herman viu, após a luz diminuir de intensidade, que ela não se apagou simplesmente, pelo contrário, afastou-se do drone através de milhões de toneladas de gelo.

— O que é isso? Como pode transitar pelo gelo?

— Você é quem deveria me dizer, Sr. Biólogo. Que coisa foi aquela em que nós pousamos?

Herman ficou assombrado.

— É impossível! Para locomover-se numa estrutura sólida como o gelo e àquela velocidade não pode ter natureza material. Por outro lado, ele deteve a descida do Núcleo... E queimou!

— O tremor pode ter sido uma espécie de coice de cavalo ao levar uma esporada. Pode deixar que eu assumo daqui.

— Eu quero ver! — falou o estagiário.

— Não sei se percebeu, mas só tem lugar para um aqui, Sr. Biólogo. Vá ver o seu chefe que ele deve estar precisando de ajuda depois do abalo.

E fechou a porta do compartimento esférico.

Afinal de contas, estavam diante de uma grande descoberta e, embora Herman tivesse sido o primeiro a percebê-lo, Augusto não deixaria que a primazia da descoberta em "seu" drone caísse nas mãos de um estagiário. Em vez de um relatório por escrito, teria que fazer um pronunciamento de tal modo a não dar a oportunidade ao seu superior de passar-lhe a perna. E também não podia deixar seus outros dois substitutos saberem do ocorrido antes dele haver divulgado. Por sinal, era bem capaz de um deles — ou ambos — aparecer a qualquer momento. Travou a porta do compartimento.

Pensava nas palavras que iria transmitir através do microfone e, tão concentrado estava que não se deu conta de uma tela em particular: aquela que exibia o fundo escuro sob o casco do Núcleo.

Uma claridade surgia de lá de baixo, sabe-se lá a partir de que profundidade. Foi crescendo e crescendo, muito maior em extensão e em intensidade do que a luz anterior.

Augusto só se deu conta quando a luz tomava conta de todo o espaço esférico ao seu redor. Ao mesmo tempo, novos estrondos passaram a ser ouvidos, poderosos, ensurdecedores. Até os demais ocupantes da base de pesquisa puderam escutá-lo.

Seguiu-se um tremor como jamais fora sentido por base alguma em toda a Antártida.

Toda a crosta ao redor da base partiu-se e uma enorme fenda de vários quilômetros de profundidade abriu-se, tragando a tudo e a todos.

Quase todos.

Por milagre, um grupo de homens, presos à uma corda-guia, ficaram pendurados sobre o abismo formado.

Não houve salvação para o Dr. Schmitz, o jovem estagiário Herman e os demais cientistas, técnicos e estudantes abrigados na base. Os sobreviventes ainda tiveram alguns minutos para aguardarem pelo pior em meio aos escombros.

Augusto foi o que melhor chance teve em sobreviver. Mas isso esteve longe de ser um privilégio.



Através das câmeras, ele viu o "Bolão" atingir finalmente as águas negras do lago subterrâneo, até então isolada por quinze milhões de anos do contato com a superfície. Mais antigo do que a existência humana, envolta em mistérios, onde tudo que pudesse ser visto teria o condão de reescrever os livros de Ciência... e História.

E Augusto viu.

Os faróis ainda acesos devassaram as trevas primordiais.

Era um mundo esquecido na escuridão, no frio e no tempo.

Começam a surgir criaturas estranhas, minúsculas. Depois, formas superiores surgiram.

Augusto via tudo aquilo aterrorizado, em choque, enquanto desabava para a morte.

A esfera incandescente teve um encontro assustador com uma criatura indefinida na escuridão, onde os faróis iluminaram somente parte dela. Passou rapidamente e seu movimento fez o Núcleo rodopiar e ser atirado feito uma bola de praia.

Então, perto de atingir o fundo, surgiu o que aparentava ser parte de uma parede. Logo se descortinou um cenário surpreendente: ruínas intrincadas e colossais.

— É impossível!

Desejou que o estagiário estivesse ali com ele.

Que tipo de inteligência teria existido milhões de anos atrás capaz de erguer aquelas edificações?

Observou imensas placas de calcário. Havia inscrições desconhecidas nela. Subitamente, pancadas fizeram-se soar no alto-falante: alguma coisa batia no casco da esfera submersa. Tentou detectar a fonte, porém, além de alguns metros, tudo era escuridão. Assumiu o controle e fez a esfera girar sobre si.

Lampejos de movimento foram percebidos no agitar dos sedimentos, porém, estavam distantes demais para serem iluminados com nitidez.

Ele continuou a cair e cair no penhasco glacial.

Tempo... Tempo!

Ele queria tempo para saber, para ver.

A maior descoberta de todas estava em suas mãos e ele não tinha como comunicá-la ao mundo.

Mais pancadas.

Deduziu:

— O Bolão está sendo atacado!

Não havia como escapar. A esfera fora projetada para resistir a alta pressão, mas não a choques de grande intensidade.

— Talvez, se eu puder mandá-lo de volta...

Augusto acionou os comandos.

O Núcleo abandonou seu lastro e começou a flutuar na água densa.

Seu reator nuclear poderia durar tempo mais do que o suficiente até refazer o longo caminho de volta à superfície.

"Ao menos você será salvo. E seus registros revelarão aquilo que eu — Eu! — descobri."

No último instante, antes do compartimento esférico atingir a superfície do lago subterrâneo, o piloto conseguiu, enfim, vislumbrar a criatura.

Na gravação do Núcleo apareceria somente na forma de um borrão. Mas os olhos de Augusto haviam acompanhado o movimento repentino. Ele percebera. Era uma coisa cujos contornos assemelhavam-se aos de um ser humano, pelo menos da cintura para cima, embora a cabeça fosse reptiliana e dotada de guelras. Da cintura para baixo fazia lembrar um cetáceo. Uma palavra mítica veio-lhe aos lábios, pretendia pronunciá-la, entretanto, ele atingiu as águas escuras e tudo o mais se perdeu quando seus instrumentos colapsaram. Só teve tempo de pensar: "Sereia!"

As criaturas viram aquelas coisas caírem de seu "céu" de gelo. Talvez tivessem pensado que presentes de suas divindades seriam aqueles? Elas ignoravam aquilo que ocorrera nas entranhas da calota polar.

A bola de fogo ferira o filhote de um dos gigantes *gorleaks* — monstros de pura energia por elas adorados — e sua mãe, enraivecida, avançara contra a ameaça ígnea.

Por muito tempo as criaturas discutiram sobre aquele encontro. Existiam lendas sobre o início dos tempos, sobre o que poderia ter do outro lado da crosta de gelo, por mais absurdo que fosse pensar na existência de qualquer coisa para além de seu próprio universo e aquela barreira de tempos imemoriais. Conjecturaram por gerações e foram registrar suas impressões nas paredes de calcário.

O reator do Núcleo durou décadas até um dia ser encontrado por uma equipe de exploradores, ao divisarem o que parecia ser uma poça d'água fumegante.

Aquilo que revelou chocou o mundo.

\*\*\*

## NOTA DO AUTOR:

Este conto em versão reduzida devido às restrições do edital foi publicado originalmente no 4º volume da série "Mundos Fantásticos", Selo Nebula, 2020, organizado por Lu Evans. Segue agora a história completa.

**Roberto Schima** é Paulistano e neto de japoneses nascido em 01/02/1961. Passei a infância imerso nos anos 60. Senti o clima de entusiasmo em relação a "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais. Colecionei gibis de terror. Desenhei inúmeros monstros. Assisti aos filmes da Hammer, desenhos da Hanna-Barbera, seriados de Irwin Allen, Jornada nas Estrelas, Ultraman etc. Li os *pockets* da série *Trevo Negro* de R. F. Lucchetti. Apavorei-me com o episódio *O Monstro Invisível*, de Jonny Quest. Fascinei-me pelo lirismo de Ray Bradbury ao ler uma adaptação em quadrinhos de seu conto "O Lago". Fui um garoto que amava os monstros: sobrenaturais, mitológicos, pré-históricos, abissais ou do espaço, incluindo as criaturas de Ray Harryhausen. Apavoravam-me, mas eram meus amigos. Agraciado com o *Prêmio Jerônimo Monteiro*, promovido pela *Isaac Asimov Magazine* (Ed. Record), pela história *Como a Neve de Maio*. As histórias *Abismo do Tempo* e *O Quinto Cavaleiro* foram contempladas pela revista digital *Conexão Literatura*, de Ademir Pascale, da qual tornei-me colaborador a partir do nº 37. O conto *Ao Teu Dispor* foi premiado na antologia *Crocitar de Lenore* (Ed. Morse). Escrevi: *Limbographia*, *O Olhar de Hirosaki*, *Os Fantasmas de Vênus*, *Sob as Folhas do Ocaso*, *Cinza no Céu*, *Era uma Vez um Outono* etc. Participei de cento e sessenta antologias até o momento. Contato: [rschima@bol.com.br](mailto:rschima@bol.com.br). Mais informações: *Google* ou nos links abaixo.

<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/search?q=schima>

[https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&\\_\\_mk\\_pt\\_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb\\_sb\\_noss](https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb_sb_noss)

<https://clubedeautores.com.br/livros/autores/roberto-schima>

<https://loja.uiclap.com/autor/roberto-schima/>

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>



incentivo à leitura

## Êxodo

**CONTO**

"O profeta estava cansado e sentou-se sobre uma pedra larga à beira do grande mar de águas vermelhas para descansar!"

**NEY ALENCAR**

**Conto**

“E o Senhor ia adiante deles, de dia numa coluna de nuvem para os guiar pelo caminho, e de noite numa coluna de fogo para os iluminar, para que caminhassem de dia e de noite. Nunca tirou de diante do povo a coluna de nuvem, de dia, nem a coluna de fogo, de noite.”

Êxodo 13:21,22

O profeta estava cansado e sentou-se sobre uma pedra larga à beira do grande mar de águas vermelhas para descansar! A fuga das terras do Egito consumira suas forças. O horror da morte dos primogênitos ainda estava sobre ele como manto impuro, não conseguia esquecer aquela visão hedionda. Aquele vislumbre que tivera quando por um segundo apenas olhara pela janela aberta da casa de seu irmão haveria de o assombrar por toda a sua vida. Jamais o conseguiria esquecer! Jamais! Seus cabelos embranqueceram mais quando viu a sombra terrível e negra que caminhava pelas ruas da capital do Egito.

Outros não viram aquilo que somente ele viu! Viam sombras e escuridão, mas ele viu a forma absconsa do Anjo da Morte, a verdadeira forma, inexprimível, daquele servo de Deus! A silhueta horrenda das ciclópicas e tentaculadas rodas de fogo negro girantes cumuladas de olhos esbugalhados que abriam e fechavam, olhando tudo, vendo tudo, e em seu âmago a Divina luz incandescente brilhando como topázio, que queimava e expurgava aquilo que fosse da vontade de Deus!

Viu a silhueta pairando e revolucionando, inelutável, enquanto caminhava pelas ruas desertas, podia ver aquela multidão de olhos voltando-se para dentro das casas, procurando, em sua ânsia fiel, os primogênitos e consumindo suas almas com aquele fogo sobrenatural e vingativo! Via quando ela reconhecia o sangue dos cordeiros sobre os umbrais e afastava-se. Era como se quisesse entrar ali também e consumir tudo, mas apenas por uma ordem superior é que não o fazia. O horror que trazia em seus passos era tamanho que afastava tudo de seu caminho, fosse homem ou animal, nem mesmo as aves noturnas ousavam aproximar-se dela, tudo fugia!

Ele a viu quando afastou as cortinas por um momento apenas e desejou para sempre nunca ter feito aquilo. Sua mão tremia e seu rosto estava lívido quando se afastou da janela e por mais que seu irmão e sua irmã lhe perguntassem o que havia visto ele jamais respondeu, apenas sentou-se em uma cadeira e rezou para que tudo aquilo terminasse rapidamente.

Lembrava-se daquela imagem aterradora quando o povo começou sua marcha. Aquela lembrança o acompanhou como sombra blasfema debaixo do escaldante sol. Afinal quando deixaram os limites da capital, seu Deus enviou outro de seus mensageiros adiante do povo para guia-lo. Das lonjuras do céu veio pilar de luz branca e incandescente, que fez tremer a terra quando a tocou, como lâmina branca de uma espada inclemente, desceu sobre a terra, redemoinhando em turbilhão terrível, nuvens prateadas evolavam ao seu redor e o Profeta podia ver rostos turbilhonando naquelas nuvens, rostos belos e terríveis que tudo viam. Alguns o olharam e os reconheceu de sonhos que tivera no deserto há muito esquecidos! Quando fugira do Egito e vagara pelas areias. O



medo coabitou no coração dos egípcios e estes afastaram-se, mas o povo seguiu o pilar de nuvens ainda que com medo. O Profeta se lembrava bem da jornada.

À noite a luz tornava-se fogo e o pilar prodigioso iluminava-se como uma tocha fulgurante e temível, a lâmina de uma espada flamígera, queimando o ar à sua volta em um redemoinho de chamas vorazes, podia ver outros rostos misturados às chamas e estes o observavam. Seu coração pulava com um horror advindo da mais pura fé!

Mas uma voz segredava-lhe no coração: “Não tenha medo!”

Assim aquele povo passou incólume pelas terras egípcias e ele, seu Profeta, os conduziu como seu Deus queria! Até a beira do mar, até as águas vermelhas!

Mas como poderia ir além? Não havia barcos para transportar tamanha multidão, não havia passagem para atravessarem aquelas águas fundas. Não havia mais caminho à sua frente. E podia ouvir as rodas do carro do Faraó! Este sempre o iria perseguir, com ódio iracundo por causa do filho que seu Deus lhe tirara!

Apoiou-se no bordão e rezou em voz baixa, porque acima de tudo precisava de um milagre! Os olhos cansados se fecharam, os lábios silenciaram e um sono fabuloso veio sobre ele. O crepúsculo caiu carmesim e as águas tumultuadas do mar fulgiram vermelhas em uma ressaca forte. Fosse o barulho da ressaca ou fosse o cansaço da viagem, uma ou outra coisa talvez explicasse o sono pesado que caiu sobre o Profeta, e ele sonhou! Estava de novo no deserto, sozinho! A areia rodopiava em seus pés e açoitava suas pernas e seu rosto. Não conseguia olhar para frente. Parou. Sabia que devia esperar ali. Uma voz soou como uma multidão de vozes e uma só ao mesmo tempo e ela disse:

— Não tenha medo!

Ele teve mais medo! Seu coração parecia querer sair do peito, as pernas se congelaram no lugar e rezou alto.

A voz soou novamente, desta vez à sua frente e ele foi forçado a abrir os olhos.

O que viu o marcou para sempre, havia uma figura à sua frente que não era humana, era como quatro rodas girantes que brilhavam como topázio e giravam entre si como um redemoinho de luz cegante, e estas rodas estavam completamente cheias de olhos que o olhavam. Asas brancas e prateadas surgiam daquelas rodas em pares e dezenas, e também elas estavam cheias de olhos! O temor do Senhor seu Deus o assaltou e o Profeta jogou-se ao chão de joelhos. O mensageiro o fez levantar-se e falou novamente e sua voz soou como muitas, reverberando aos ouvidos do Profeta:

— Dizei aos filhos de Israel que avancem e tu, levanta a tua vara, e estende a tua mão sobre o mar, e fende-o; e os filhos de Israel irão a pé enxuto pelo meio do mar. Os egípcios os seguirão e o Senhor teu Deus obterá honra sobre o Faraó e todo seu exército. Assim todos saberão que ele é o Senhor!

O profeta acordou! As palavras ainda reverberavam em seus ouvidos e ele obedeceu. Mandou que o povo avançasse. Quando chegaram à beira das águas turbilhonantes estacaram. O Profeta viu quando a enorme e aterrorizante coluna de nuvens que rodava colocou-se entre o povo e as bigas do Faraó, impedindo-lhes o caminho, e metade dela era luz e a outra metade eram trevas que obscureceram o exército do Faraó e trouxeram o medo terrível que avassalou seus corações.

Sobreveio então um sopro fabuloso de além dos céus sem limites, um hálito quente que tocou a superfície das águas quando o Profeta as tocou com seu cajado e ó maravilha

das maravilhas as águas abriram-se como se afastadas por titânicas mãos invisíveis e restaram abertas como se fossem um desfiladeiro profundo e escuro cavado entre duas montanhas de água, por entre as quais surgiam penhascos rochosos de alturas interditas e grotescas formações rochosas.

O povo com medo, exortado pelo Profeta, adentrou a passagem seca e escura cavada entre as muralhas ciclópicas de água turbilhonante e começou a atravessar. O Profeta aguardou às margens, o terror da presença do mensageiro ainda pairando sobre ele. À distância via os rostos revolteando dentro da nuvem de luz e fogo, os olhos incandescentes que o fitavam, as bocas que murmuravam o Divino nome, as multidões aladas de rodas girantes que guardavam a passagem do povo. Entrou afinal pelo caminho de escuridão!

Pelos lados da passagem viu as paredes de água ondulando, em seu desejo de moverem-se e engolir tudo o que estava em seu caminho, as sombras gigantescas que passavam quase ao seu lado, naquele véu líquido, de coisas abantesmas e desconhecidas, criaturas ciclópicas e horrendas que jamais pensou existirem naquela terra criada pelo seu Deus!

O terror daquelas criaturas hediondas e tentaculadas o fez andar mais depressa, o coração pulando no peito, os lábios murmurando orações, os pés tropeçando nas pedras úmidas. Podia ver marcas e sulcos que aquelas coisas haviam deixado no leito do mar por onde caminhava assombrado. Marcas espúrias como das rodas das carroças dos hebreus, pesadas e fundas, grassando por toda aquela terra que nunca vira a luz do sol.

Elas o acompanhavam, espreitando seus passos e podia ver em seus olhos inumanos a fome voraz que os consumiam, esperando somente que a vontade de seu Deus deixasse as águas correrem novamente em seu leito original para que pudessem jogar-se em cima daqueles que ousavam transpor seus campos de caça antediluvianos!

A escuridão da fenda profunda o engolfava por completo e não havia luz entre os hebreus que se mantivesse acesa dentro daquela escuridão úmida açoitava por ventos sobrenaturais. Ao olhar para cima, além das ciclópicas muralhas de água, pelo rasgo espúrio do céu se descortinava uma miragem acentuadamente vívida da inimaginável abóbada cósmica salpicada de estrelas que piscavam como perturbadores olhos obscuramente fantásticos que cuidadosamente observavam aquela cena insólita. E além a silhueta distante de uma vasta cidade mística com cúpulas douradas e argentinas e muralhas opalescentes sobre as quais voluteavam minúsculas sombras cujo reconhecimento poderia conduzir a mente humana à loucura e danação!

Pelo corredor obscuro vinham rajadas violentas e intermitentes de terrível vento selvagem e sobrenatural que trazia em seu sopro flauteados inquietantes e um sibilar fantástico cujas origens perturbadoras perdiam-se nas lendas antigas sobre dybuks e fantasmas horripilantes. Adiante na escuridão profunda e tortuosa o Profeta viu a silhueta gasta e corroída pelo tempo e pelas águas abissais de uma cidade arruinada, engolida por aquele mar na época do grande dilúvio, tão conservada e fantasticamente aterradora como se acabasse de ser envolta naquele manto aquoso.

Fabulosas muralhas, torres e minaretes se erguiam na distância profunda daquelas águas velhíssimas, cúpulas colossais quebradas, abertas como gigantescas bocas negras cheias de dentes onde se podia ver anômalos e terrificantes movimentos de assombrosa



nitidez, de habitantes hediondos que lá estavam desde antes do portentoso dilúvio, cuja mera visão podia causar um tal horror transfixante sobre o espírito do observador incauto que seria capaz de corroer sua sanidade.

Havia naquelas ruínas um toque nefasto de maligno mistério! O povo, inconsciente de tudo isso, atravessou a passagem e o Profeta deixou a escuridão primitiva para trás. Quando saiu daquele desfiladeiro terrível a luz do sol nascia por entre os montes das terras selvagens. Foi então que a coluna de nuvens desfez-se e deixou seguir o exército do Faraó que adentrou correndo dentro do desfiladeiro mortal. O Profeta olhou para trás e viu as águas se fecharem sobre o exército egípcio, viu aqueles vultos gigantescos descendo sôfregos sobre os soldados do Faraó, o horror enlouquecido que tomava conta de seus rostos ao perceberem o destino que teriam dentro daquele desfiladeiro horrído e voltou os olhos daquele horror inefável.

Adiante de si estava uma nova terra e uma nova jornada se iniciava. Em seus ouvidos ouviu o sussurro daquela multidão de vozes exortando-o e seu coração bateu mais forte ao reconhecer aquelas palavras:

“Não tenha medo!”



**Ney Alencar** é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Possui 136 contos publicados em 35 e-books e em 45 antologias. Possui 03 Romances publicados.

incentivo à leitura



## *O Deus-Horror*

**CONTO**

"Um clarão fulvo de sol brilhou incerto pelos sertões ignotos e desertos, pontilhados de árvores esqueléticas e nuas!"

**NEY ALENCAR**



**Conto**

*“Onipotente efervescência do mal,  
Onisciente efervescência maldita,  
Onipresente de mil olhos,  
Ó efervescência das Eras,  
Nós o saudamos Deus-Horror!”*

Litania do Horror

**U**m clarão fulvo de sol brilhou incerto pelos sertões ignotos e desertos, pontilhados de árvores esqueléticas e nuas! Súbito, troando por entre as colinas ressoou uma revoada de psicopompos, assustados pela horrífica imagem que vinha dos recônditos perdidos da memória.

Gavinhas compridas como dedos magros que escorriam pelos troncos tentando tocar o solo estremeceram e dos charcos em torno apareceram rostos decompostos que gritaram palavras espumantes e blasfêmias profanas.

A claridade aumentou, dissipando as sombras esgarçadas que persistiam pelos campos.

Vapores e miasmas escapavam dos charcos agora que o sol já brilhava alto, pálidos reflexos escorriam dos galhos para dentro dos charcos e um leve murmúrio das folhas da relva, nos barrancos, bafejados por uma aragem invisível sussurrava palavras espúrias em uma língua esquecida!

Fios de fumaça evolavam fantasmagóricos da lama viscosa e chamas nebulosas bruxuleavam acima de poças estagnadas, cheias de um licor pútrido por entre o cerrado de juncos.

Massas disformes de névoa revolveram-se acima das árvores aticadas por um vento sobrenatural.

Na rede interminável de lagos que se transformava em pântano persistiam ainda reflexos fugazes e baços de rostos mortos e pálidos, escondidos por entre ilhotas de tufos agitavam-se luzes de pirilampos tardios, sinistros e perdidos naquela atmosfera hedionda, pelejando contra o ar imundo e pestilento que se projetava acima dos sertões alagados! Silvo horrído arrastou-se pela atmosfera acidentada, ameaçadoramente negreando os raios do sol que se projetavam pelo árido urzedo daquelas terras desabitadas.

Um chamado absconso de onírico pavor voluteando acima do zênite opalescente daquele horizonte escachoante!

Abominável espectro da consciência, hediondamente nítido tremeu e bruxuleou por entre uma névoa amarelada no horizonte nu.

Rolando por sobre cadáveres vegetais e escumando dentro de poças e charcos aproximava-se criatura primeva de sobrenatural terror, como voragem amaldiçoada!

Um predador da aurora dos tempos, liberto de seus grilhões, devorador de almas!

O blasfemo e sempre faminto Deus-Horror!

**Ney Alencar** é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Possui 136 contos publicados em 35 e-books e em 45 antologias. Possui 03 Romances publicados.

## *O mistério do Morro da Penha*

### **CONTO**

"Após minha formação no ensino médio, antes de cursar faculdade, me mudei da capital paulista para Santos, queria tentar a vida sozinho e como sempre gostei de praia, a cidade litorânea escolhida me ofereceu muitas oportunidades, sem contar os finais de semana ensolarados à beira-mar!"

**MÍRIAM SANTIAGO**



**Conto**

**A**pós minha formação no ensino médio, antes de cursar faculdade, me mudei da capital paulista para Santos, queria tentar a vida sozinho e como sempre gostei de praia, a cidade litorânea escolhida me ofereceu muitas oportunidades, sem contar os finais de semana ensolarados à beira-mar!

Mas como não se vive só de curtição, logo consegui em emprego com carteira assinada, iria acompanhar um especialista quanto avaliações de moradias em locais de risco.

Maletas prontas com equipamentos, partimos, eu (Flávio Lima) e Renato Oliveira para vistoriar imóveis no Morro da Penha, cuja história teve início no século 18 com imigrantes portugueses — fato facilmente comprovado pela presença de alguns chalés de madeira — e mais tarde teve migrantes nordestinos. Localizado entre os morros do Sabóó e do Pacheco, em frente ao Cemitério da Filosofia, o acesso ao Morro da Penha é feito somente pela Estrada João Batista, que fica ao lado do referido cemitério, com ponto final no chamado Largo da Caveira, local onde os primeiros estabelecimentos comerciais do bairro surgiram.

Estacionamos o fusca, pegamos as maletas e partimos para visitar e conversar com os primeiros moradores, tínhamos muitas ruas a percorrer.

Depois de duas longas e cansativas semanas entrando e saindo de imóveis para avaliar o grau de rachaduras e outros problemas que poderiam comprometer a vida dos moradores, chegamos ao Caminho do Mirante.

— Hei, psiu, sim, quero falar com vocês! — Aponta para nós uma senhora, que deveria ter quase 40 anos de idade. Ela abriu o portão e veio até nós caminhando lentamente.

— Pois não, logo fui em sua direção, para atender seu chamado.

— Vocês que têm visitado e falado com a vizinhança, eu sou uma das residentes mais antigas aqui do Morro da Penha, vim para cá com minha família nos anos 40 e nos instalamos nessa mesma casa, que já sofreu algumas reformas ao longo dos anos. Mas não é da minha residência que venho falar, e sim quero contar um fato inusitado que aconteceu com aquela casa – aponta a mulher para um imóvel que ficava logo mais acima, quase imperceptível do ângulo em que nos encontrávamos.

— Tudo bem, responde Renato, vamos primeiro verificar a casa, ainda temos várias averiguações por aqui.

Ao chegarmos perto, a mesma encontrava-se em ponto estratégico bem escondida entre a mata, entre rochas, e próxima ao reservatório de água.

— Bem Flávio, melhor deixarmos essa casa para o final, ainda temos mais a verificar, além do mais, precisamos descobrir quem é o proprietário, pois me pareceu estar desabitada.

— Renato, temos que conversar com aquela doce mulher, pelo jeito dela, deve saber muita coisa desta redondeza e o paradeiro do proprietário, disse-lhe.

E no dia seguinte logo cedo Renato foi verificar na Prefeitura o tal imóvel, e para sua surpresa, estava tudo em dia e registrado com único dono.

Como tudo isso me intrigava e a Renato também, que mistério rondava aquele morro?

Nem mal aparecemos e a jovem senhora nos convidou a entrar!

— Eu sabia que vocês iriam me procurar, foram até lá ver a casa?

— Sim, como não tem ninguém morando, quem será o dono e como conseguimos a chave? Indaga Renato.

— Há sim, pergunta prá lá de difícil, diz ela. Na verdade, ela é habitada, sabemos que o dono aparece por lá, mas ninguém ainda conseguiu falar com ele. Vocês querem começar “do início”? Isso seria saber o paradeiro daquele estranho imóvel.

— Só peço para que você seja o mais breve possível, diz Renato, pois como já deve ter visto nosso serviço, temos ainda muitas casas a percorrer.

— Sim, digo a vocês que esse morro, cujos antepassados foram portugueses que se instalaram aqui, trouxeram da Europa muitas lendas...

— Como falei ontem, minha família desembarcou no porto de Santos nos anos 40, eu ainda não era nascida, sou a caçula de quatro irmãos, todos portugueses, a única neste país. De um cortiço, meu pai conseguiu progredir e nos mudamos para este morro. Meu pai e a maioria das famílias antigas ajudaram a construir os imóveis e assim o Morro da Penha foi sendo habitado e todo o matagal foi dando espaço a moradias, comércio, escolas e outros. Famílias crescendo com filhos casando e erguendo seus imóveis também aqui.

— Em 1942, ano em que nasci, no Caminho do Mirante, próximo ao reservatório de água da antiga companhia The City of Santos Improvements, empresa que comandava a água e a luz da cidade de Santos naquela época instalou aqui no morro os dois reservatórios de água que vocês já conhecem no ponto mais alto, para que o abastecimento pudesse chegar a todos. E próximo a um deles fica aquela bendita casa, tão solitária das demais e encoberta das vistas e ouvidos alheios. O imóvel era para ser usado por uma espécie de zelador, mas não deu certo e mudou-se para lá uma família com o casal e filhos, ia contando a mulher, que já enchia nossas xícaras com chá.

— Até agora, disse Renato, não tô vendo nada de mais, disse impaciente e preocupado com o tempo.

— Há sim, a família era estranha e não fez amizade com ninguém, viviam entre eles, o pai saía para trabalhar e voltava sem falar com nenhum vizinho. A casa tinha uma vantagem de construção em ponto que se amparava do vento e de possível deslizamento de terra, aproveitando a família para plantar no terreno ao entorno do imóvel, e tudo isso faziam sem entrosamento com ninguém.

— Fora isso, o pior ainda estava por vir quando misteriosamente começamos a ouvir, mesmo estando a família isolada naquela área, insistentes barulhos de panelas caindo, pratos se quebrando, portas batendo sem que houvesse uma briga ou discussão se quer ou outro motivo. Coincidência ou não, os sons eram mais intensos nas madrugadas de lua cheia.



— Eu sabia que lá vinha essas coisas... Pode parar por aí dona, disse rispidamente Renato, que se levantou bufando. — Não me venha com essa história de...

— Quietos, interrompeu a mulher, cale-se e me deixe terminar de contar.

Fiz um sinal para que ele tivesse um pouco de paciência e mesmo contrariado, Renato sentou-se novamente e a deixou continuar.

— Os moradores começaram a ficar preocupados com a estranha vida da família e assim como os sons começaram, também aos ruídos de objetos e portas, juntou-se a essa “orquestra de terror” um silvar longo, agudo, parecia nascido do esgar desesperado de uma garganta em sofrimento, parecendo tenebroso e triste.

— E a cada lua cheia era sempre a mesma coisa com o agravante de mais barulhos, aterrorizando toda a vizinhança. Ninguém sabia o que se passava na casa e instintivamente, os vizinhos mais próximos começaram a trancar portas e janelas, o que não se fazia. E o burburinho começou por todo o morro: o que acontecia na casa próxima à City em noites de lua cheia? E a família que se comportava de maneira estranha ficou ainda mais acentuada e misteriosa.

— Em mais uma semana de lua cheia os sons foram mais intensos entre gemidos, choro, e os silvos transfiguraram-se em uivos tão altos e estridentes, que não só a casa estranha, mas todas ao redor tremeram, deixando ainda mais desesperados os moradores, que trancados, ainda reforçaram janelas e portas com placas de madeira. Eu tinha apenas cinco anos de idade, mas me lembro perfeitamente de tudo isso, já que depois desse episódio não conseguia mais dormir sozinha, tamanho o pavor disso tudo. Contava ela.

— E vocês sabem o que aconteceu depois desse último episódio? Pergunta a moradora — Nada. Veio a calma da madrugada, como se nada tivesse acontecido. E o silêncio também tomou conta da casa no dia seguinte, com as cortinas cerradas e uma paz de dar inveja!! E nos dias subsequentes a todos aqueles uivos também, nada e ninguém se via por ali. Novamente o burburinho de que a casa estaria vazia, de que a família foi embora de madrugada, sem que ninguém os visse partir.

— Pelo amor de Deus, diz Renato. — E vocês ficaram no achismo? Ninguém foi até a casa para ver o que tinha acontecido? Isso é ridículo; aliás, toda essa história. Renato sem paciência levantou-se, foi quando a mulher falou mais alto...

— Meu caro, e você acha que toda aquela gente não foi até a casa? Sim, juntaram-se os moradores com paus e pedras e mesmo todos morrendo de medo foram até lá, cercaram a casa e chamaram pelos donos. Foram chamando e se aproximando do imóvel até que, de repente, as cortinas se abriram e alguém gritou de dentro da casa mandando que todos fossem embora. Era uma voz grossa e firme. Rapidamente o grupo de moradores foi dispersando até que todos retornaram a suas casas e desde esse dia não se viu mais esse vulto de homem alto e forte.

— Pelo o que sei sobre essa família: um casal e seus sete filhos todos homens vocês sabem o que acontece com o sétimo filho, não é? O último sempre carrega uma maldição. Sim, isso mesmo o que está escrito em seus rostos, os moradores conviveram com um lobisomem!

Em casa, o assunto não saía de minha cabeça e tudo o que dona Eulália nos contou. Como pode em 1970, um lobisomem?

No dia seguinte retornei sozinho ao Morro da Penha. Tinha ainda muitas ruas a percorrer, deixei a lenda de lado e me concentrei no serviço, tocando as vistorias.

Já eram quase sete da noite quando finalizei o último imóvel do dia. As mãos estavam trêmulas, era a tremenda vontade de tentar entrar na casa e quando dei por mim, parado em frente ao imóvel.

O medo tomou conta do meu ser, mas mesmo assim, prossegui, andando quase parando. E ao esticar o braço, abri o portão, entrei e fui até a porta que ao girar a maçaneta, estava aberta, entrei bem devagar. Era uma casa simples, com móveis antigos fui andando até os quartos, banheiro e tudo me pareceu normal como em todas as casas.

Já estava indo embora quando escutei passos e coisas quebrando como pratos e outras louças. Foi quando me dei conta de que vinham por debaixo da casa, sim, em algum canto haveria um alçapão para o porão, mas nem deu tempo e logo ao final da sala vinha em minha direção um imenso homem com dois metros de altura e muito forte. Veio rápido, me derrubou com um soco, se debruçando sobre o meu corpo. Ao som de um apito, ele saiu de cima e me pegou no colo, me levando para o porão.

Ao acordar, estava amarrado e amordaçado e vi que Renato estava do mesmo jeito, ao meu lado. Descendo as escadas a mulher que nos conduziu ao imóvel, que contou toda a história ela vinha em nossa direção.

— Como faço sempre, vocês não ficarão sem saber o que está a acontecer. Curiosos e fáceis de enganar com aquela estúpida lenda do lobisomem, da família e dos moradores, vocês e todos os outros que acreditaram na história e vieram tentar encontrar algum vestígio da besta serão enviados para fora do país, pois são jovens e saudáveis com órgãos que valem muito. Nada do que contei faz sentido e desta forma não levanto suspeitas, ninguém sequer sabe o que acontece aqui nessa residência já que moro nesta casa. A outra casa vive minha avó com muita idade, que não sabe de nada.

— As pessoas acreditam em cada história e são fáceis de ser manipuladas, amanhã vocês já estarão bem longe e ninguém saberá o que houve.

— Bem, agora me despeço de vocês, tenham boa noite e, a propósito, a lua cheia está linda lá fora, cuidado com o lobisomem!!!

Rindo, a mulher vai embora junto com mais dois homens, deixando Flávio e Renato sob os cuidados do desengonçado com dois metros, um pobre coitado com problemas mentais que nunca fez mal algum a ninguém, apenas tomava conta para que não fugissem de seu destino.

*OBS: O conto se baseia na lenda do Lobisomem no Morro da Penha, que faz parte da “Memória Santista”, uma espécie de almanaque regional dos anos 70.*

**Miriam Santiago:** jornalista (Assessoria de Comunicação) e também formada em Letras. Publicou em diversos livros de gêneros diversificados. Escreve contos, minicontos e crônicas. Gosta também de ler e fotografar. Possui blog cultural sobre literatura, cinema, cursos e exposições, entre outros. Blog: <http://miriammorganuns.blogspot.com/> Contato: [mirianssantos@gmail.com](mailto:mirianssantos@gmail.com)





*Ademir Pascale*  
*Escritor e Editor*

PATROCINE A

# REVISTA CONEXÃO LITERATURA

**EDITORAS E LIVRARIAS:**

**TENHA SUA MARCA VINCULADA NAS  
EDIÇÕES, SITE E REDES SOCIAIS DA  
REVISTA CONEXÃO LITERATURA**

entre em contato:

[ademirpascale@gmail.com](mailto:ademirpascale@gmail.com) - c/ Ademir Pascale

REVISTA  
CONEXÃO LITERATURA

**PORQUE  
AMAMOS  
LIVROS**

**NO AR  
DESDE 2015**

# CONECTANDO AUTORES E LEITORES

**DATA DA PRÓXIMA EDIÇÃO**

**01.08.2022**

**PARTICIPE DA PRÓXIMA EDIÇÃO  
ANUNCIE | PUBLIQUE | DIVULGUE**

Acesse o nosso Mídia Kit e saiba mais: clique aqui

**ACESSE O NOSSO SITE**

**WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR**

**Fanpage** @conexaoliteratura // **Instagram:** @revistaconexaoliteratura